

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

O BURNOUT NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DE RELIGIOSAS DE UMA
INSTITUIÇÃO ECLESIAL CATÓLICA DE VIDA ATIVA.

THALES EPOV SIMÕES

SÃO PAULO

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

O BURNOUT NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DE RELIGIOSAS DE UMA
INSTITUIÇÃO ECLESIAL CATÓLICA DE VIDA ATIVA.

(VERSÃO CORRIGIDA)

THALES EPOV SIMÕES

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como requisito
para obtenção do título de mestre em psicologia
social.

ORIENTADOR: PROF. DR. ESDRAS GUERREIRO VASCONCELLOS

Simões, Thales Epov

O burnout no discurso do sujeito coletivo de religiosas de uma instituição eclesial católica de vida ativa / Thales Epov Simões – São Paulo, SP, 2017.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientador: Esdras Guerreiro Vasconcellos.

Descritores: 1 Discurso do Sujeito Coletivo, 2 Representações Sociais, 3. Distress, 4. Síndrome de Burnout, 5. Instituição eclesial de vida ativa.

Nome: Thales Epov Simões

Título: O burnout no discurso do sujeito coletivo de religiosas de uma instituição eclesial católica de vida ativa.

Dissertação apresentada ao instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Aprovado em: 17/3/2017

Prof. Dr. GERALDO GUERREIRO VASCONCELLOS
Instituição: IPUSP Assinatura [Assinatura]

Prof. Dr. GERALDO JOSÉ DE FAIVA
Instituição: IPUSP Assinatura [Assinatura]

Prof. Dr. Maria de Fátima Alves de Moraes
Instituição: CRBNacional Assinatura [Assinatura]

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo aos meus pais, por sempre acreditarem no potencial de seus filhos e às pessoas de coração livre que procuram vivenciar uma religiosidade saudável que respeite o ser humano.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos:

Ao Prof. Dr. Esdras Guerreiro de Vasconcellos, pelas aulas ministradas na pós-graduação e pela orientação nesse estudo. Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Simões pela colaboração e incentivo. A todos os funcionários e professores da Universidade de São Paulo que ministram aulas no departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Aos salesianos por propiciarem condições de estudo em relação a tempo e recursos. À arquidiocese de São Paulo por permitir a realização da pesquisa.

SUMÁRIO

Sumário	v
Lista de Quadros	vii
Lista de Figuras	Viii
Lista de abreviaturas	ix
Resumo	X
1. Introdução.....	01
1.1 Objetivos	06
1.3 Justificativa do estudo	07
1.3 Delimitação do estudo	08
2 Revisão da literatura	10
2.1 O contexto religioso e suas dinâmicas psicossociais estressoras	11
2.1.1 Definição de uma instituição eclesial de vida	12
2.1.2 O mal-estar atual das instituições eclesiais de vida ativa	14
2.2 Representações Sociais	17
2.2.1-Entre o senso comum e o conhecimento científico.....	17
2.2.2 Entre o real e o ideal na dinâmica do “ <i>eu-outro</i> ”	18
2.2.3 Abordagens teóricas das representações sociais.....	21
2.2.4 A não exclusividade das representações sociais.....	22
2.3 <i>Stress, distress</i> e síndrome de <i>burnout</i>	23
2.3.1 Teoria do <i>Stress</i>	24
2.3.2 O modelo Psiconeuroendocrinológico do <i>Stress</i>	28
2.3.3 Síndrome de <i>Burnout</i>	32
2.3.4 Uma consideração importante entre o sofrimento psíquico do <i>distress</i> que envolve as dimensões do <i>burnout</i> e a constatação clínica da síndrome de <i>burnout</i> ...	35
2.3.5 Representações sociais religiosas no processo de avaliação do stress.....	37
2.3.6 O discurso do sujeito coletivo do mal-estar nas instituições eclesiais de vida ativa.....	40
3. Hipóteses	42

4.0. Material e Método	43
4.1 Casuística.....	43
4,2 Coleta de dados	44
4,3 Instrumento de pesquisa	45
4.4 Procedimentos de pesquisa.....	46
5 Apresentação dos resultados.....	48
6 Discussão dos resultados	64
6.1 O ciclo de stress/distress e as dimensões da síndrome de burnout	64
6.2 O ciclo de stress/distress e a literatura sobre burnout na vida religiosa.	65
6.3 Discussão sobre as categorias apontadas pela pesquisa	66
7 Conclusão	71
8 Referências bibliográficas	72
9 Anexos	79
10 Apêndices.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Expressões chave, ideias centrais e ancoragens	49
Quadro 02 – Categorização de ideias centrais e expressões chave	55
Quadro 03 – Categorização das ancoragens	60
Quadro 04 – Discurso do sujeito coletivo	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - A crise da vida religiosa hoje	16
Figura 02 – Representações sociais	20
Figura 03 – A pesquisa em representações sociais	21
Figura 04 – O ciclo de <i>stress</i>	31
Figura 05 – Percentagem das categorias.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

Ac – Ancoragens

Dsc – Discurso do Sujeito Coletivo.

E-ch – Expressões chave

Ic – Ideias centrais

Mbi – Maslach Burnout inventory.

RESUMO

As ideias desempenham um papel importante na forma como o sofrimento psíquico ou o mal-estar do *stress* são enfrentados. As razões e significações das avaliações podem favorecer o enfrentamento saudável do *stress*, como também reforçar estratégias de *coping* mal sucedidas. Uma comunidade pode enfrentar suas dificuldades, desmotivações e fracassos, por meio de representações sociais as quais, quase sempre, afetam a avaliação psicológica de cada indivíduo envolvido, visto que o epistêmico, o pessoal e o social formam um único fenômeno na relação “*eu-outro*”. As representações sociais como imagens, ideias e significações influentes no processo de avaliação pessoal do *stress* podem funcionar como estratégias de *coping* socialmente partilhadas, se amenizarem e/ou extinguirem o sofrimento. Mas, por outro lado, elas podem ser fonte de sofrimento psíquico quando influenciam os sujeitos a sustentarem “aparentemente” comportamentos, pensamentos e emoções, para estar de acordo com uma determinada representação social do grupo. Essa influencia depende do grau de rigidez moral exigido, do clima social partilhado e das disposições subjetivas de cada um. Por traz dessa situação, o sofrimento muitas vezes “*não dito*”, justificado ou camuflado por discursos dissociados da real situação física e psicológica, com erros de atribuição, em situações de fragilidade subjetiva e institucional, pode esconder e reforçar um ciclo de *stress* e/ou o conseqüente *burnout*. Por isso, foi oportuno pesquisar o discurso do sujeito coletivo de uma comunidade em relação aos significados atribuídos à exaustão emocional, à despersonalização e a baixa realização profissional presentes na síndrome de *burnout*. De modo especial, entre uma comunidade religiosa onde esses fenômenos parecem estar em evidência.

ABSTRACT

The ideas play an important role in the way psychological distress or stress malaise are faced. The reasons and meanings of the appraisals can foster healthy coping with stress, as well as strengthen unsuccessful coping strategies. A community can face their difficulties, discouragement and failures through social representations which almost always affect the psychological evaluation of each individual involved. Because the epistemic, the personal and the social are a unique phenomenon in the relationship “I-other”. The social representations as images, ideas and influential meanings in the personal appraisal of stress process can function as socially shared coping strategies if they soften and / or extinguished suffering. But, they can be a source of psychological distress when they influence individuals to sustain "apparently" behavior, thoughts and emotions, to comply with a certain social representation of the group. This influence depends on the degree of moral rigidity required, the shared social climate and the subjective dispositions of each. Behind this situation, the suffering often "unspoken", justified or camouflaged by dissociated speeches of real physical and psychological situation, with attribution errors in situations of subjective and institutional fragility, can hide and reinforce a cycle of stress and / or subsequent burnout. So it is worth researching the collective discourse of a community in relation to the meanings attributed to emotional exhaustion, depersonalization and the low professional fulfillment present in burnout syndrome. In particular among religious community where these phenomena seem to be in evidence.

01. INTRODUÇÃO

Estudos específicos sobre o *distress* e o *burnout*, na vida religiosa, surgiram na medida em que esses conceitos, depois das pesquisas de Christina Maslach e Susan Jackson (1981), foram se popularizando e ganhando importância entre os religiosos e suas lideranças. Não obstante, até os dias atuais, o *stress* e/ou o *distress*, e suas manifestações psíquicas e fisiológicas, ainda são vivenciados e representados, entre o público religioso, como consequência da exigência moral de se dedicar ao próximo. De onde o cansaço cotidiano de uma missão religiosa é tratado como martírio “branco” e/ou ascese. Por isso, nem sempre o problema é percebido como um sintoma específico de saúde física e/ou psíquica a ser tratado (Lotufo, 1997).

Pesquisas com o foco “religião e *stress*”, ou “religião e síndrome de *burnout*”, no campo da psicologia, ou da psiquiatria, propriamente dito, são poucas em relação às demais publicações teológicas, bíblicas ou espirituais. Porém, são significativas e se dividem e/ou mesclam-se, em aplicações de inventários e/ou “testes” e/ou análises de depoimentos. O foco dos estudos quase sempre se divide no estudo de estressores, *coping*, *distress* e *síndrome de burnout* em diferentes públicos e correlações psíquicas e sociais.

Joseph Fichter (1984), por exemplo, a pedido das autoridades religiosas dos Estados Unidos preocupadas com o alarde sobre o *stress* promovido pela mídia da época, verificou num público de 4.660 padres católicos, entre diocesanos e religiosos, que apenas 6,2% seriam fortes candidatos à síndrome de *burnout*. Essa minoria foi constituída principalmente de padres diocesanos, com idade por volta de 50 anos, que não viviam em comunidade e trabalhavam praticamente sozinhos em suas paróquias. Os mesmos revelaram estar sobrecarregados de atividades pastorais e funções administrativas. Relataram estar emocionalmente exaustos e fisicamente debilitados.

Giuseppe Crea (1994) verificou o *stress* e a prevalência dimensional da síndrome de *burnout* entre padres missionários na África que viviam em condições extremas. Ele constatou que, apesar das dificuldades materiais da missão e do cansaço próprio do atendimento assistencial e espiritual aos destinatários, uma minoria dos padres apresentou o quadro esperado de exaustão, despersonalização e baixa realização vocacional/ profissional. O autor sugeriu que nem sempre as dificuldades do ambiente e das relações de ajuda levariam ao *distress/burnout*, e que poderiam existir outros elementos influentes no caso dos religiosos mais afetados pelo *distress* e a consequente síndrome de *burnout*.

Lotufo Neto (1997) sugere que a intensidade do *distress* também depende do perfil psicológico dos sujeitos e de como eles lidam com o *stress* em geral, bem como das dinâmicas psicossociais envolvidas nas relações. No estudo entre ministros religiosos católicos e de outras denominações cristãs, na cidade de São Paulo, ele apresentou uma série de transtornos mentais mais comuns e quais seriam os diferentes mecanismos que uma religião poderia influenciar na saúde física ou mental. Ele levantou as características de comportamentos religiosos associados à saúde, e quais seriam os impactos das crenças sobre a saúde física e mental dos sujeitos. Demonstrou-se que personalidades com certo grau de rigidez e fortes traços de perfeccionismo, em ambientes religiosos considerados rígidos em comparação a outros ambientes, estão mais propensos a desenvolver e a manifestar transtornos mentais com mais frequência durante a vida. Depois concluiu, a partir de uma análise multidimensional, numa amostra de duzentos e sete ministros religiosos, que a prevalência de transtornos mentais em ministros religiosos foi maior do que a encontrada na população de São Paulo, de modo especial, entre ministros religiosos de denominações cristãs de linha pentecostal.

Stephen G. (1998) pesquisou as correlações entre *burnout* e depressão entre clérigos católicos de vida religiosa, de vida monástica e entre o clero católico de vida secular (ativa) utilizando o “*Maslach Burnout Inventory*” (MBI), a escala denominada “*Center for Epidemiological Studies – Depression scale*” (CESD) e a pesquisa sobre dados demográficos e ambientais, satisfação profissional, apoio social e atividades espirituais. Os resultados apontaram que o clero secular (de vida ativa) apresentou maiores pontos na escala sobre depressão e maiores pontos de exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional/vocacional no MBI do que o clero religioso e monástico, sendo a falta de apoio social e o sentimento de isolamento elementos diretamente associados ao cansaço e a depressão. Antony Raj e Karol Dean (2005) chegaram à mesma constatação pesquisando 51 padres de congregação religiosa e 50 diocesanos.

William Grosch e David Olsen (2000), fundamentados em Heinz Kohut e Murray Bowen, procuraram entender a síndrome de *burnout* a partir de uma análise integral que considerasse fatores externos ligados ao ambiente material e social, fatores internos relacionados às características particulares do sujeito e fatores intrapessoais de um grupo. Sistema dentro o qual o problema fosse compreendido não apenas a partir das condições de trabalho, burocracia ou gestão, mas, também, levando em consideração os relacionamentos estabelecidos, o grau de idealismo e motivação, as características de personalidade, tais como

personalidade do tipo A, o perfeccionismo, o narcisismo, entre outras especificidades. Os autores concluíram que é possível unir a teoria da psicologia do *Self* de Kohut e a teoria de Bowen para analisar e propor tratamentos à síndrome de *burnout*.

Assumpção (2002) pesquisou entre ministros religiosos o *stress* e o estilo de vida e constatou que os principais estressores foram: solidão e isolamento, desconfiança entre pastores e entre os casais, falta de amizades profundas, falta de formação no aspecto das relações humanas, necessidade de ser acompanhado ou “pastoreado”, falta de tempo para a família associado ao sentimento de culpa por essa ausência, disputas de poder, sensação de ser vigiado, falta de privacidade, medo de se expor, problemas de saúde.

Leslie Francis, desde a década de noventa até recentemente, tem coordenado e participado de uma série de pesquisas com clérigos anglicanos e católicos em relação à satisfação ministerial, *stress* e síndrome de *burnout*. Em 2004, com outros autores, Francis adaptou o *Maslach Burnout Inventory* – MBI (Maslach e Jackson, 1981) para ser aplicado entre os líderes religiosos. Essa adaptação recebeu o nome de *Francis Burnout Inventory* - FBI (Francis; Rutledge, 2004). No mesmo ano, o inventário FBI foi aplicado numa amostra de 1.468 padres católicos, juntamente com o *Personality Questionnaire Eysenck* – PQE. As pontuações entre os padres católicos foram mais altas do que entre os padres anglicanos (Francis, L.J.; Loudon, S.H.; Rutledge, C. J. F., 2004). Contudo, ambos, católicos e anglicanos, revelaram bons níveis de realização profissional/vocacional. Leslie também desenvolveu uma série de pesquisas com ministros religiosos. Ele relacionou *burnout* e práticas religiosas (2007), *burnout* e autoestima (2010), entre outros.

Chandler (2009) pesquisou, em 270 ministros religiosos, a relação entre *burnout* e a motivação caracterizada como espiritual alinhada a um sistema de práticas que poderiam ajudar a retomar as forças físicas e mentais. Segundo Chandler, a aridez espiritual, ou desmotivação total em relação à religiosidade e suas práticas, estariam diretamente correlacionadas à exaustão emocional a qual poderia ser sanada por um conjunto de práticas qualificadas como práticas de apoio. Na mesma linha, Jackson-Jordan (2013) relacionou *burnout* e resiliência no clero e demonstrou que a forma de vivenciar a espiritualidade, a qualidade das habilidades interpessoais e emocionais, a prática da direção espiritual e os relacionamentos com outras pessoas que não sejam do círculo congregacional, poderiam favorecer a resiliência frente ao desgaste emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional/vocacional.

Em outras pesquisas, fatores tais como idade, comportamento, abuso no uso de cigarros e bebidas também aparecem como intensificadores no processo de *stress/burnout*. Barson e colegas notaram que os índices dimensionais da síndrome de *burnout* eram mais altos entre padres mais jovens devido à alta expectativa em relação à vocação e a pouca experiência pastoral (Barson, P; Caltabiano, M.; Ronzoni, G., 2006). Benjamin Doolittle (2010) identificou uma série de comportamentos, tais como a busca de retiros, práticas de exercícios físicos, leitura acadêmica, entre outros, que ajudam a prevenir o *burnout* entre padres mais jovens - público que demonstrou ser mais vulnerável a depressão, a insatisfação em relação à posição eclesial e a comportamentos de risco. Herrera e seus colegas (2014) também notaram altos índices de *burnout* entre padres latinos americanos adictos ao tabaco e/ou ao álcool, especialmente entre os mais jovens com idade entre 30 e 40 anos.

Edênio Valle faz uma abordagem psicossocial do *distress/burnout* entre religiosos católicos. Valle num dos seus artigos, por exemplo, sugeriu que alguns modelos eclesiais de vida comunitária poderiam se caracterizar como estressores e que as crises presentes na Igreja poderiam ser mais crises de modelos eclesiais do que crises dos sujeitos (Valle, 1994). Numa outra pesquisa realizada, em 2003, sobre realização profissional/vocacional, com 321 padres, ele notou resultados positivos entre o clero: 26,1% dos sujeitos revelaram estar motivados com a própria vocação; 54,5% motivados; 15,2% mais ou menos, e 4% pouco motivados. Valle constatou, ainda, que os casos de *distress* estavam relacionados com os 4% dos sujeitos. Recentemente, ele escreveu sobre “*fadiga de compaixão*” na vida religiosa (Valle, 2010).

Morais (2008) identificou os níveis de *stress*, *distress*, *burnout* e as estratégias de *coping* presentes em padres diocesanos e religiosos que exerciam função como formadores. Do total das entrevistas, 88,6% dos padres diocesanos e 87,5% dos padres religiosos apresentaram sintomas de *stress* na fase de resistência. Segundo o inventário de *stress* de Maria Lipp, 2,9% dos sujeitos demonstraram estar na fase de exaustão. Ela verificou, ainda, a prevalência dimensional da síndrome de *burnout* com o *Maslach Burnout Inventory*, o MBI, e constatou que os padres diocesanos e religiosos com 1 a 5 anos de serviço da área formativa apresentavam maiores pontuações de exaustão emocional.

William Cesar Castilho Pereira (2013) desenvolveu um trabalho científico qualitativo sobre a síndrome de *burnout* e o subjacente sofrimento psíquico dos presbíteros, a partir de dados, observações e análises durante 15 anos de pesquisa de campo. O trabalho trouxe à tona questões as quais o autor chamou de “*não ditas*”, recalcadas pelo “*silencio sagrado*” e pelos valores tradicionais da sociedade que configuram o sofrimento psíquico dos presbíteros e a

dor institucional. Em vista de desvelar o “*não dito*” e suas correlações psicossociais, que para o autor é o caminho terapêutico para tratar e prevenir o *stress/burnout*, todo material recolhido das entrevistas foi submetido a uma análise transversal singular, teológica, psicológica, sociocultural, econômica e institucional da Igreja.

Esses dados indicam que, tratando-se de nomenclatura, os pesquisadores encontram dificuldades para investigar e analisar casos de síndrome de *burnout* entre os religiosos. Pesquisas qualitativas revelam que a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional/vocacional são frequentes no ciclo de *stress/distress*, o qual envolve desde o simples cansaço às doenças do *distress*. Essa dificuldade demonstra a carência de termos precisos quando o foco do estudo é a intensidade do *stress*, seja do ponto de vista fisiológico, seja do ponto de vista psicológico. A síndrome de *burnout* é sempre *distress*, mas nem toda sensação de exaustão, despersonalização e baixa realização pode ser considerada como *burnout*, por exemplo. O cansaço psicológico pode ser uma reação de *stress/distress*.

Essas dificuldades atestam que para investigar, analisar e discutir a presença da síndrome de *burnout* na vida de religiosos de vida ativa seja necessário que os pesquisadores encontrem modelos para pesquisas e modificações de comportamentos de saúde física, social e psicológica. Desse modo e por essa razão, o Método do Discurso do Sujeito Coletivo surge como um instrumento de avaliação com características essenciais para se estudar o significado da síndrome de *burnout* no discurso do sujeito coletivo de religiosos de uma instituição eclesial de vida ativa. Por conseguinte, podemos considerar que o método “DSC” foi um procedimento adequado usado pelo pesquisador.

1.1 Objetivos do Estudo

1.1.2 Objetivo Geral:

Avaliar se os efeitos do *stress/distress* como marcadores do desenvolvimento da síndrome de *burnout* no comportamento de religiosas de uma instituição eclesial de vida ativa poderia ser explicado pelo método denominado Discurso do Sujeito Coletivo – “DSC” no que diz respeito à exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização.

1.1.3 Objetivos Específicos:

- Caracterizar se o instrumento de pesquisa denominado Discurso do Sujeito Coletivo, o DSC, que tem por base uma proposta de tabulação de dados qualitativos de natureza verbal obtidos de depoimentos de religiosas de vida ativa residentes em comunidades extremamente pobres, poderia se constituir como um protocolo de pesquisa válido para avaliar os depoimentos das mesmas na caracterização da exaustão emocional, da despersonalização e da baixa realização profissional/vocacional – dimensões envolvidas no ciclo de *stress/distress* e na consequente síndrome de *burnout*.

- Verificar se os discursos de religiosas de vida ativa são efetivamente instrumentos eficazes para descrever as características do comportamento social e da saúde psíquica dessas religiosas, quando associados às representações sociais as quais podem ser intensificadoras, ou amenizadoras, do ciclo de *stress/distress* e da consequente síndrome de *burnout*.

- Identificar se as figuras metodológicas: expressões chaves, ideias centrais e ancoragens, efetivamente categorizam os diferentes tipos de discursos-sínteses das religiosas quanto às características de comportamento social e de saúde psíquica dentre as representações sociais estressoras que podem delinear perfis comportamentais de religiosos de um determinado modelo eclesial de vida consagrada ativa, tal como, por exemplo, o modelo pentecostal.

1.2. Justificativa do Estudo

A evolução dos modelos relacionados com comportamento social e de saúde física e psicológica/mental desempenha um papel preponderante na sociedade moderna. Desse modo e por essa razão, os estudos e pesquisas a respeito do *stress/distress* e síndrome de *burnout* não poderiam permanecer indiferentes aos fenômenos biopsíquicos, biofisiológicos, psicossociais e intrapessoais que as ciências psicológicas e comportamentais acreditam estar associados às atitudes e condutas das pessoas/indivíduos em todos os segmentos sociais, dentre os quais, os religiosos.

As ciências psicológicas e comportamentais e as ciências da religião oferecem subsídios a respeito dos problemas que gravitam sobre o comportamento e a saúde dos religiosos, de modo especial quando se refere a fatores desencadeadores de estados de tensão, emoções negativas, *distress* e o conseqüente *burnout*. Muito se discute a respeito das reações dos religiosos diante de agentes estressores provenientes das relações estabelecidas pelas pessoas com a sociedade atual, de modo especial, com a cultura contemporânea. Somam-se a isso estressores específicos da vida religiosa tais como aqueles envolvidos no tipo de organização, ou na intensidade das exigências morais envolvidas no modelo de Igreja proposto. De acordo com a literatura e a experiência do pesquisador, as reações dos religiosos diante de estressores que envolvem suas vidas são variadas. Mas, de modo geral, o clima social adotado por uma comunidade, justificado por representações sociais, pode favorecer reações de fechamento ou de abertura (Libânio, 1999). Isto, tanto em relação ao meio social ambiental da Sociedade quanto em relação ao meio social das comunidades.

O “fechamento” leva grande parte dos religiosos a apresentar marcas de rigidez, de exclusividade e de não adaptação à realidade. De onde normalmente são estabelecidos modelos de Igreja ultraconservadores, normalmente tradicionalistas e/ou pentecostais. Ambos fechados em si mesmos em relação à sociedade atual e envoltos por uma rigorosa, e, possivelmente, tensa moral religiosa. Já a “abertura” favorece a criação de modelos de Igreja que estabelecem diálogo com a sociedade e a cultura atual. Porém, constantemente tensionados pela perda de identidade religiosa e de lugar social.

Faz-se importante notar que a Igreja é tradicional e pentecostal, pois se alinha a uma tradição de fé apostólica que vem sendo seguida desde sua fundação, e se alinha a uma crença na ação do Espírito Santo. Quando nos referimos aos modelos tradicionalistas e

pentecostalistas estamos nos referindo ao fechamento de tais modelos em relação à sociedade e não a natureza tradicional e pentecostal da Igreja como um todo.

A vida cotidiana de um religioso, por exemplo, está associada às suas habilidades psicossociais, espirituais e pastorais – como também, às habilidades como gestores e administradores. Tais atividades consistem em tomadas de decisões rápidas e, às vezes, ousadas para resolver os problemas psicossociais, institucionais e religiosos que perpassam as igrejas e as organizações em que vivem e trabalham, muitas vezes, sem tempo para a devida adaptação. Decorre daí que as pressões sociais, grupais e institucionais atuam sobre o comportamento social, sobre a saúde psíquica e, por vezes, limitam os religiosos no desenvolvimento de suas habilidades pessoais.

Essa limitação e/ou “anulação” das pessoas poderia ser chamada de “dor institucional” – de dores envoltas com uma série de questões “não ditas”- dentre as quais emergem as tensões subjetivas que podem desencadear o distress/burnout (Pereira, 2013). De modo especial, quando o sofrimento psíquico é justificado por representações sociais capazes de criar e/ou reforçar o quadro psicossocial do grupo onde vivem e trabalham os religiosos. A tudo isso se soma, também, a influência das experiências de vida e das predisposições de cada religioso, que poderá, por exemplo, desencadear certos padrões de comportamentos, dos tipos: acanhado, neurótico e destrutivo, ou então, amplo, saudável e construtivo.

O presente trabalho poderá auxiliar a instituição religiosa pesquisada a conhecer o que acontece com o comportamento das religiosas sob os efeitos dos agentes estressores. Poderá, também, ajudar as religiosas pesquisadas a procurar o equilíbrio afetivo relacional.

1.3 Delimitações do Estudo.

O presente estudo delimitou-se a pesquisar os discursos de religiosas, com idade cronológica entre dezoito e trinta anos, pertencentes a uma instituição eclesial de vida ativa na cidade de São Paulo, moldada por um modelo eclesial pentecostal. O Trabalho foi realizado mediante o uso do instrumento de pesquisa denominado Discurso do Sujeito Coletivo, o “DSC”, com religiosas que vivem e trabalham em comunidades inseridas na favela. Delimitou-se a coletar informações a respeito da exaustão emocional, da despersonalização e da realização profissional/vocacional, considerando, ainda, outros elementos relacionados a essas dimensões no ciclo de stress/distress.

Os dados obtidos foram capazes de “dar palavras” ao sofrimento psíquico relacionado às dimensões da síndrome de burnout em questão, mesmo em sujeitos que nunca apresentaram um diagnóstico psicométrico de burnout. Considerou-se, pois, suas experiências relacionadas ao cansaço, ao distress e às representações sociais envolvidas. As entrevistas foram encaradas pelo pesquisador mais como indicador de fatores envolvidos no ciclo de stress/distress e da consequente síndrome de burnout do que um diagnóstico psicométrico da mesma.

Não foi considerado no desenvolvimento do estudo, o tempo de permanência das religiosas no exercício de suas funções. Também, não foi considerado no estudo diferenças de estruturas orgânicas e funcionais da casa religiosa. O critério de escolha das religiosas se limitou ao fato das mesmas estarem exercendo suas funções de forma ativa em diferentes frentes de trabalho. Devido à indisponibilidade e as dificuldades de recursos econômicos e condições materiais da casa religiosa - onde os dados foram coletados, foi possível observar que esses fatores exerceram influência no comportamento e no desempenho das religiosas, já que elas vivem e trabalham na favela num ideal de serem pobres como os pobres.

Na aplicação do instrumento de pesquisa, obedeceu-se a todos os critérios estabelecidos pelas normas que configuram o método do “DSC” em termos de expressões chaves, ideias centrais e ancoragens. No entanto, comentários e generalizações acerca dos resultados obtidos nesse trabalho, foram feitos com a devida cautela, pois o conteúdo das entrevistas contiveram elementos subjetivos os quais “camuflaram” a real situação de saúde dos sujeitos. Daí a preocupação do pesquisador em discernir, entre uma palavra e outra, o conteúdo ligado à realidade psíquica das entrevistadas. Foi delineado, também, relevância psicossocial dos discursos proferidos, tanto em relação aos elementos que constituem a síndrome de burnout, quanto em relação às representações sociais usadas pelo grupo, mesmo os termos de outras abordagens psicológicas foram entendidos do ponto de vista psicossocial.

A exaustão emocional, por exemplo, foi entendida como cansaço físico e psicológico e não como falência de órgãos. A despersonalização foi empregada no sentido de se sentir usado, ou de usar o outro como um objeto, ou ainda, no sentido de anular-se enquanto pessoa. Já a realização vocacional/profissional foi entendida tanto como realização de uma função, ou trabalho, como realização vocacional. O mesmo vale para outros termos como “fadiga por compaixão”, “não dito” e “dor institucional”.

2. REVISÃO DA LITERATURA

As ideias desempenham um papel importante na forma como o sofrimento psíquico ou o mal-estar do *stress*, ou *distress*, são enfrentados (Lazarus e Folkman, 1984). As razões e significações das avaliações podem favorecer o enfrentamento saudável do *stress*, como também reforçar estratégias de *coping* malsucedidas (Schaufeli e Buunk, 2003). Uma comunidade pode enfrentar suas dificuldades, desmotivações e fracassos por meio de representações sociais as quais, quase sempre, influenciam na avaliação psicológica de cada sujeito envolvido, visto que o epistêmico, o pessoal e o social formam um único fenômeno na relação “*dialógica*” do “*eu-outro*” na gênese dessas representações (Moscovici, 2001; Marková, 2003; Guareschi, 2004; Jovchelovitch, 2007).

As representações sociais como imagens, ideias e significações, influentes no processo de avaliação pessoal do *stress*, ou *distress*, podem funcionar como estratégias de *coping* socialmente partilhadas, se amenizam e/ou extinguem o sofrimento psíquico. Mas, elas não são os únicos fenômenos presentes na relação entre o indivíduo e o grupo de onde emergem fenômenos do “*eu-outro*” (Paiva, 1999). Elas podem ser fonte de sofrimento psíquico quando influenciam os sujeitos a sustentarem “aparentemente” comportamentos, pensamentos e emoções para estar de acordo com uma determinada representação social do grupo.

Qualquer influência social estressora depende do grau de rigidez moral imposto, do clima social partilhado e das disposições subjetivas de cada um (Esdras Vasconcellos, 2002). Por traz dessa situação, o sofrimento muitas vezes “*não dito*”, justificado ou camuflado por discursos dissociados da real situação física e psicológica, com erros de atribuição intensificadores de sentimentos de culpa, em situações de fragilidade subjetiva e institucional, pode esconder e reforçar um ciclo de *stress/distress* e a conseqüente síndrome de *burnout* (Pereira, 2013).

É possível pesquisar o discurso do sujeito coletivo – DSC – (Lefèvre, 2000) de uma comunidade em relação às representações sociais adotadas, as quais podem justificar, amenizar ou intensificar o sofrimento psíquico do *distress*. Ou seja, vale a pena analisar no discurso os significados atribuídos à exaustão emocional, à despersonalização e a baixa realização profissional, dimensões estas constituintes da síndrome de *burnout* (Maslach e Jackson, 1981; Benevides – Pereira, 2002), presentes nas fases do processo de *stress*, antes mesmo da síndrome. De modo especial, o discurso de uma comunidade religiosa, onde esses fenômenos emergem com frequência.

Segue, portanto, esclarecimentos sobre os conceitos envolvidos nessa tese: o contexto religioso e suas dinâmicas psicossociais amenizadoras ou intensificadoras de *stress*, de modo especial à fadiga por compaixão e as estratégias de *coping* bem ou mal sucedidas; representações sociais como fenômenos da “*dialogicidade*” do “*eu-outro*” e suas influências nos sujeitos, de modo especial, no que se refere à avaliação cognitiva do *stress*; o ciclo de *stress/distress/exaustão* como um processo e a consequente síndrome de *burnout*; e, finalmente, o discurso do sujeito coletivo e suas representações sociais do sofrimento que significam e justificam o mal-estar psíquico das dimensões que levam a síndrome de *burnout*: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional.

2.1. O contexto religioso e suas dinâmicas psicossociais estressoras.

Uma instituição eclesial de vida ativa é suscetível a “*fadiga por compaixão*”, justamente porque ela se configura pela ação assistencial/religiosa, quase sempre, voltada à população mais carente de recursos humanos e materiais (Valle, 2010). O termo “*fadiga por compaixão*” é o nome do processo pelo qual um profissional, envolvido no atendimento de uma determinada clientela, torna-se fatigado pela compaixão, ou seja, pela empatia diante do sofrimento alheio (Figley, 1995). De fato, o trabalho assistencial religioso pode ser extremamente exigente, conflitivo e cansativo, principalmente quando os religiosos costumam não só a trabalhar com os pobres e pessoas em situação de risco, mas, também, a viver entre eles e como eles, partilhando condições, dificuldades, sofrimentos, planos e esperanças.

Contudo, a “*fadiga por compaixão*” seria apenas um dos estressores envolvidos no processo de *distress*. Ela não se confunde com a síndrome de *burnout*, embora possa estar envolvida (Lago & Codo, 2010). O mesmo se diz de estressores ligados às dinâmicas psicossociais existentes entre os indivíduos na vida comunitária, entre eles e a instituição em que vivem e trabalham, entre a instituição e a sociedade, entre outros fatores. De onde pode surgir uma série de tensões e crises envolvidas no processo de *stress/distress*.

O *distress* moral, de modo geral, pode ser definido como o sofrimento psíquico cognitivo capaz de estressar e afetar a saúde de uma pessoa, quando a mesma se encontra em dilemas morais diante de escolhas, renúncias, limitações, fracassos, ou erros. Pode surgir do conflito entre uma determinada realidade, ou contexto, e aquilo que a pessoa, ou a comunidade, estabelece como ideal a ser alcançado. Ou, ainda, do conflito entre a ética

adotada pela pessoa, ou grupo, e as imposições morais legislativas de uma sociedade, instituição, ou comunidade local (cf. Vasconcellos, 2015).

O ideal de perfeição, por exemplo, ainda está presente como critério normativo de comportamento em muitas comunidades religiosas e pode ser para alguns, motivo de tensões e angústias. De modo especial, quando princípios éticos de fraternidade, solidariedade e igualdade, por exemplo, ou mesmo, princípios éticos religiosos, entram em conflito com as exigências morais e legislativas próprias da vida comunitária (cf. Valle, 2013).

2.1.1 Definição de uma instituição eclesial de vida ativa.

Em poucas palavras, uma instituição eclesial de vida ativa se caracteriza como uma instituição, vinculada a Igreja, que desenvolve atividades pastorais e religiosas em meio à sociedade de maneira direta e inserida. Pode ser uma associação de fiéis, uma sociedade de vida apostólica, ou uma congregação religiosa. Ou seja, nessas instituições eclesiais os membros podem exercer a missão religiosa através de atividades, ou profissões formais, no campo da assistência social, da educação ou da saúde. Diferente de um mosteiro, ou ordem, onde a vida religiosa de seus membros é caracterizada mais por atividades internas. Embora, existam exceções. De qualquer forma, uma instituição eclesial de vida ativa é uma instituição, vinculada à Igreja, que realiza a missão pastoral de maneira direta e inserida na realidade social e política.

A Igreja, por sua vez, é um organismo único, embora, nela estejam vinculadas pessoas e instituições diferentes. No contexto católico, segundo o Código de Direito Canônico (*Codex Iuris Canonici – CIC*), a Igreja é ordenada como sociedade constituída no “*Corpus Christi*”, isto é, na comunhão onde se acredita estar os fiéis “*incorporados em Cristo pelo batismo*”. Seria a Igreja, portanto, uma assembleia, um grupo de fiéis unidos pela mesma profissão de fé, pelos mesmos rituais e pelo mesmo governo eclesiástico.

A palavra “Igreja” vem do grego “*ekklèsia*”. Etimologicamente, “*ek*” significa “*para fora*” e “*klèsia*” significa “*chamados*”. Na democracia ateniense, “*ekklèsia*” se referia a principal assembleia popular, para a qual eram convocados todos aqueles que eram considerados cidadãos da *Polis*: homens que já haviam prestado serviço militar (Lacoste, 2004, p. 852). A palavra “*ekklèsia*” foi usada pelos autores da tradução grega da Bíblia Hebraica, a *Septuaginta*, para indicar as reuniões dos hebreus no deserto os quais, no caminho

da “terra prometida”, se reuniam em torno de Moisés e seu conselho para fazer orações, aprender e fazer julgamentos.

No entanto, apesar de ser constituída na mesma base de comunhão de fé e de contar com instâncias partilhadas de diálogo e decisão, a estrutura organizacional da Igreja nunca foi democrática (Lacoste, 2004, p. 826). Na história ocidental, a liderança da Igreja Católica foi organizada numa hierarquia monárquica de sucessão apostólica verticalmente eletiva e restrita a pequenos grupos de decisão. Para fazer parte da hierarquia oficial, foram e ainda são escolhidos, dentre os vocacionados, apenas os fiéis do sexo masculino. De acordo com uma formação específica, eles podem receber a ordem, mediante um ritual, no grau de diácono, presbítero (padre) ou epíscopo (bispo). A cátedra de São Pedro, o colégio e o sínodo dos bispos, a cúria romana, as igrejas particulares, o sínodo e a cúria diocesana, entre outras denominações, são instituições jurídico-eclesiais diretamente ligadas a essa hierarquia (cf. CIC - cân 232 a 289).

Ao mesmo tempo, ao lado da hierarquia eclesiástica propriamente dita, grupos de fiéis com lideranças próprias, foram se constituindo, desde o século primeiro, em formas de vida consagrada diferentes da organização diocesana e paroquial oficial. Foram diversos grupos que surgiram durante a história: os eremitas, ou os padres do deserto que se dedicavam à vida contemplativa de modo radical, longe das cidades, já no século III; os cenobitas, ou os monges que se organizavam em mosteiros, tais como os beneditinos fundados no século IV; as ordens mendicantes tais como os franciscanos e dominicanos, dedicados a oração e a vida pastoral, presentes desde o século XIII; as diversas congregações religiosas criadas desde o século XV, voltadas a uma missão específica no campo da educação, da saúde ou da assistência social; diversas formas de vida consagrada que surgiram em torno dos mosteiros, das ordens e congregações (cf. CIC - cân 731 a 746).

Os religiosos, ou membros da vida consagrada, em geral, passaram a ser denominados pela Igreja e classificadas pelo Código de Direito Canônico como Institutos de Vida Consagrada, Sociedades de Vida Apostólica e Associações de fiéis (CIC – cân 298 a 329). Contudo, apesar dessas três classificações gerais, existem diversas outras formas de vida consagrada. As novas comunidades, por exemplo, normalmente são classificadas como associações de fiéis, mas contêm elementos formais de congregações.

As novas comunidades também são instituições eclesiais de vida ativa quando suas atividades estão voltadas a uma missão na sociedade. Contudo, elas se diferenciam das congregações religiosas tradicionais, seja pela flexibilidade de estruturas, seja pela variedade

de vínculos que podem ser assumidos (L'Osservatore Romano 28/09/2010). Normalmente, são reconhecidas pela Santa Sé como Associações Privadas de Fiéis, pois, normalmente, possuem bens e uma organização própria, bem como uma espiritualidade peculiar. São grupos de vida comunitária, ou simplesmente, grupos ligados a uma atividade pastoral em comum, formados por clérigos e/ou leigos, homens e mulheres, celibatários ou casais.

Algumas comunidades dividem seus membros em subgrupos conforme o grau de participação. Uns se consagram por toda a vida e se decidem a viver em comunidade. Inclusive os casais. Outros se consagram por toda vida e se decidem a viver fora da comunidade, mas com participação efetiva nas atividades pastorais. Muitos fazem um compromisso temporário e dedicam algum tempo de suas vidas para a missão. A flexibilidade de estruturas, as diversas formas de consagração, e a inclusão de casais na comunidade religiosa são características peculiares das novas comunidades. Diferente das congregações e ordens monásticas que, normalmente, se dividem em ramos masculinos e femininos e exigem os votos perpétuos de obediência, pobreza e castidade como celibato.

2.1.2 O mal-estar atual das instituições eclesiais de vida ativa.

No entanto, apesar das proliferações de novas comunidades, ou das associações de fiéis, nas últimas décadas, existe um mal-estar nas dinâmicas psicossociais das relações entre a sociedade atual e as instituições de vida ativa que fazem parte da Igreja.

Segundo dados da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica do Vaticano, de 1960 a 2009 deixaram de existir 245 institutos de vida consagrada. Contudo, essa frequência é tão antiga e comum quanto nos dias de hoje e parece acompanhar as mudanças culturais do século XX. Hóstia (1967) constatou, numa pesquisa bibliográfica em arquivos oficiais do Vaticano, que 76% das congregações fundadas antes de 1800 não existem mais e que 64% daquelas fundadas depois também deixaram de existir. Em relação às novas comunidades, essa constante não se aplica da mesma maneira, justamente porque elas possuem maior flexibilidade estrutural, diferentes modos de participação e consagração. Mas, podem sofrer a mesma crise de identidade que a vida consagrada em geral, tanto em relação à sociedade contemporânea, como dentro da própria Igreja.

Segundo Pascual Chaves Villanueva (2013, p.53) essa crise tem duas dimensões: uma externa e outra interna. A crise externa se deve a secularização da sociedade que se manifestou na perda do sentido de transcendência, no antropocentrismo sem religião e na

práxis socioeconômica capitalista. A crise interna pode ser identificada no enfraquecimento da identidade eclesial da vida religiosa, na visão de vida consagrada centrada numa função, no ativismo sem motivações religiosas, e, no problema em superar, ou reformular, algumas estruturas anacrônicas mais ligadas à cultura de uma época do que a espiritualidade peculiar.

Karl Rahner, no livro *O cristão do futuro*, escrito em 1965, faz uma série de reflexões sobre o futuro do cristianismo e sugere que a crise externa das instituições de vida ativa da Igreja, se refere ao lugar da Igreja na sociedade secularizada cada vez mais descristianizada. Se antes, numa sociedade cristã, havia espaço e possibilidade de desenvolvimento de atividades que caracterizavam as instituições eclesiais de vida ativa, hoje, não há mais espaços para religiosidade e para a ação caritativa fora dos templos dedicados ao culto religioso. A Igreja perdeu espaço de ação que tinha na sociedade. As instituições eclesiais de vida ativa estão sendo obrigadas pelas circunstâncias políticas e pelas exigências do mercado a profissionalizar seus agentes e a entrar no mundo da concorrência em vista de manter o próprio patrimônio: suas casas, seus hospitais, escolas e obras sociais, etc.

Villanueva (2013) sugere que a crise da vida religiosa se deve em grande parte pela impossibilidade de exercer sua missão institucional pelos meios tradicionais e que a lógica gratuita da caridade parece não encontrar espaço efetivo em estruturas de lógica capitalista predominante na sociedade atual. Por isso, a Igreja se vê obrigada, pelas circunstâncias, a mudar sua ação em meio à sociedade. Ele se vê obrigada a abandonar discursos e estratégias de uma instituição de controle (Foucault, 1999) para assumir discursos e estratégias de uma comunidade capaz de influenciar e atrair fiéis (Rahner, 1965).

Já a crise interna da vida consagrada se refere a seu lugar e identidade em meio à Igreja. Segundo Libânio (1999) a Igreja atual se caracteriza pela tensão dialética entre quatro cenários eclesiais: a igreja institucional que ressalta a autoridade e valoriza a hierarquia, a igreja carismática ligada às expressões subjetivas e emotivas da fé, a igreja da pregação ligada aos aspectos racionais e morais da fé e a igreja da práxis libertadora dedicada às intervenções sociais em vista da promoção humana dos mais pobres.

O autor também sugere que esses cenários se misturam e se opõem nas comunidades em formas tradicionais e liberais. As novas comunidades, por exemplo, modernizaram suas estruturas em relação às congregações tradicionais e aumentaram as formas de participação na comunidade religiosa, mas, ao mesmo tempo, não é raro encontrar algumas delas que tendem ao tradicionalismo estético e ao fechamento em relação à sociedade. Já as congregações religiosas tradicionais, principalmente aquelas com maior patrimônio material, tendem a um

liberalismo em relação à sociedade que, sem discernimento suficiente, pode comprometer a própria identidade religiosa.

Villanueva (2013) destaca que a crise interna da vida religiosa consagrada se deve a crise de modelos frágeis de Igreja, tanto de um modelo conservador com suas estruturas inflexíveis e ultrapassadas, como de um modelo liberal descaracterizado de aspectos religiosos. Modelos que, diante do mundo secularizado e da falta de vocações, fecham-se em si mesmos, reforçam o autoritarismo e condenam a sociedade, e, por outro lado, modelos eclesiais que, na intenção de aderir à sociedade, terminam por perder a identidade religiosa no ativismo, na vida burguesa, em disputas de poder, etc.

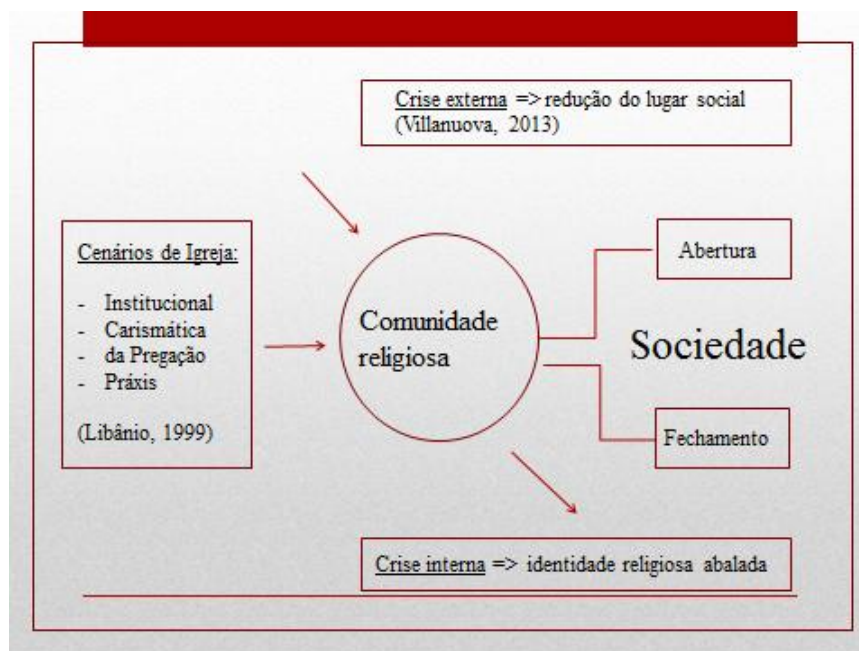


Figura 01: A crise da vida religiosa hoje.

Edênio Valle (1994) reforça a ideia de que os religiosos estão perdendo, cada vez mais, o espaço social de atuação e que a crise da vida consagrada não é apenas a crise de identidade dos membros de uma instituição eclesial enquanto expressão de suas personalidades, nem apenas uma crise social religiosa que esteja fora das comunidades. Longe de qualquer erro de atribuição, a crise pessoal de muitos religiosos pode, em certo sentido, revelar as inconsistências da instituição onde vivem e trabalham, e, concomitantemente, a crise religiosa da sociedade atual. Ela é capaz de atingir os consagrados e suas comunidades. Por isso, não desprezando as possíveis fragilidades pessoais, há de se questionar, em relação

às concepções e modelos de igreja adotados, se não se trata também de ‘*uma crise institucional do edifício socialmente construído de sua figura*’.

2.2 Representações sociais.

Falar de “*uma crise institucional do edifício socialmente construído da figura eclesial*” não significa, necessariamente, falar de uma crise geral da Igreja. Não é possível fazer generalizações desse tipo. Mas, sim, de uma crise de expressões de Igreja que surgiram depois do concílio Vaticano II frente à sociedade (Valle, 1994). Ou seja, significa, entre outras coisas, considerar as representações sociais adotadas pelos religiosos e como elas os influenciam. Como elas são capazes de inspirar e criar modelos eclesiais de vida religiosa e padrões de comportamento. Pois, tais representações não só envolvem a imagem percebida da realidade empírica pelos processos de percepção individual. Na verdade, não se trata desses tipos de representações mentais, embora estejam envolvidas. Mas, sim de representações sociais capazes de criar uma determinada realidade imaterial para um grupo. Tal como afirmou Guareschi (2004b): “... *o que as sociedades pensam de seu modo de vida, os sentidos que elas conferem as suas instituições e as imagens que elas partilham constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo dela...*”.

2.2.1 Entre o senso comum e o conhecimento científico.

O conceito de representação social teve seu despertar, um tanto provocativo no mundo acadêmico, com a publicação do livro “*Representação Social da Psicanálise*”, de Serge Moscovici, em 1961. Diante do sucesso dos conceitos da psicanálise na França, ele demonstrou como esse conhecimento cientificamente produzido passou a fazer parte do senso comum por meio de representações sociais desse mesmo conhecimento. Robert Farr (1996, cap. 7), classificou essa abordagem, e outras ideias do referido autor, como uma forma sociológica de psicologia social, diferente da vertente psicológica de psicologia social. Trata-se de um campo de fenômenos emergentes da relação entre indivíduos de um grupo, da interação entre grupos, ou, ainda, desses com a sociedade.

Segundo Moscovici (2001), o conceito de “*representação social*” foi uma tentativa de resgatar e atualizar o conceito de “*representação coletiva*” de Emile Durkheim. Porém, com uma significativa diferença. Enquanto as “*representações coletivas*” são estabelecidas como

parte de construções sociológicas externas e autônomas aos indivíduos, e, de certa forma, se impõem a eles através de instituições formais, tais como o estado, a religião e a ciência, as “*representações sociais*” foram concebidas como parte de construções psicossociais de um grupo específico no seu cotidiano, dentre o qual os sujeitos participam de forma ativa no processo dinâmico de construção dessas representações e não apenas de forma passiva.

Interessa, pois, a Moscovici estudar esses tipos de fenômenos psicossociais dentre os quais emergem representações que envolvem imagens e significações partilhadas, normalmente, classificadas como senso comum, em oposição ao conhecimento científico, reificado, experimental. Antagonismo que o autor criticou por entender que, em linhas gerais, as representações sociais são conhecimentos construídos no universo consensual de um grupo, dentre o qual também se encontram algumas informações do universo reificado, e, a partir do qual algumas ideias ganham *status* de conhecimento científico. Em outras palavras, as representações sociais são um tipo de conhecimento construído e partilhado socialmente e evolui o senso comum e o conhecimento científico.

2.2.2 Entre o real e o ideal na dinâmica do “*eu-outro*”.

Segundo Jovchelovitch (2007, p.28), as representações sociais possuem, ao mesmo tempo, o *status* epistêmico, social e pessoal. Elas não separam a relação entre o objeto conhecido e o sujeito conhecedor, nem deixam as representações feitas da relação sujeito - objeto à parte. A relação desses três elementos faz emergir uma “*entidade em si mesma*” (Moscovici 2001, p.38), não no sentido metafísico clássico, mas no sentido de que essa entidade só existe na relação desses três elementos. Sendo que as representações não são uma cópia da realidade, mas, sim, uma construção simbólica dela. Elas existem apenas numa “*dialogicidade*” (Marková, 2003) consensual do “*eu-outro*” como realidade imaterial (Guareschi, 2004).

Paiva (1999) comentou que “*a qualidade interativa do conhecimento destaca o caráter construtivo do mesmo, desconhecido pelo positivismo, para o qual a verdade se encontra na realidade*” empírica. Ele também ressaltou que, embora seja possível distinguir universos reificados elaborados por grupos que produzem conhecimento segundo a lógica formal, e universos consensuais de grupos que produzem conhecimento segundo “*uma conaturalidade baseada na verossimilhança*”, é possível que exista uma complementariedade entre o conhecimento científico e o senso comum.

O fato é que as ideias, partilhadas numa comunidade, constituintes de representações sociais e/ou por elas intermediadas, são, quase sempre, feitas e promovidas coletivamente com significado de verdade, ou não verdade. Moscovici (2001, p.42) citando Frege (1977), concorda, e depois afirma, que *“a influência de uma pessoa sobre a outra acontece principalmente através do pensamento”* e de como esse pensamento, com suas significações e sentimentos inter-relacionados, é reconstruído, familiarizado e representado em processos de ancoragem e objetivação. De modo que ele seja assimilado e acomodado (Piaget, 1962) na mentalidade do sujeito de uma comunidade, por um lado, e de outro, no grupo, pelo qual é sentido e expresso no discurso do sujeito coletivo como realidade (Lefèvre, 2000).

A ancoragem e a objetivação são dois processos de familiarização de uma realidade até então desconhecida para os membros de uma comunidade. A ancoragem é o ato de classificar, dar nome, ou fazer associações, a algo não familiar, normalmente, a partir de conhecimentos adquiridos, ou pré-estabelecidos no grupo. Já a objetivação é o processo de transformar uma abstração em algo objetivo a todos, normalmente, por meio de elementos da experiência do dia a dia, imagens comuns, histórias, etc... (Moscovici, 2001). A representação de uma realidade específica ganha *status* de realidade por meio desses dois processos, presentes no senso comum. Inclusive, no senso comum de uma comunidade científica.

Sobre o tema realidade e interação social, Moscovici (2001, p.36 e 40) faz referências a Kurt Lewin (1948) para o qual *“a realidade é, para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade”*. Ele também faz referências a Salomão Asch (1952) segundo o qual *“o fato central sobre as interações humanas é que elas são acontecimentos, e que elas estão psicologicamente representadas em cada um dos participantes”*. Isso, num processo de construção cognitiva, mais do que uma reação mecânica, porque as representações corporificam ideais em experiências coletivas e interações em comportamento (Moscovici 2001, p. 48).

Contudo, apesar de fazer referências às representações sociais e suas correlações com as relações e as percepções partilhadas da realidade, Moscovici, durante muito tempo, não quis estabelecer uma definição fechada sobre o conceito, por acreditar que este seria parte de uma teoria em construção. Não obstante, essa tarefa ficou a cargo de seus seguidores, de modo especial, de Jodelet.

Denise Jodelet (1984), citada por Mary Jane Spink (1993, p.88), disse que:

“as representações sociais são fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de modo a poder depreender os múltiplos processos que concorrem para sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais”.

Alguns anos depois, Jodelet (2001, p.22) publicará a seguinte definição compacta: *“a representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.* Spink (1993, p.89), ao comentar essa afirmação, ressaltou a função principal da interação das pessoas, de um grupo específico, como um fato social emergente, de onde não existe dicotomia entre o individual e o coletivo. A complexidade das representações sociais se deve a compreensão equilibrada da relação indivíduo-grupo, ou indivíduo-sociedade, por isso, *“é necessário entender como o pensamento individual se enraíza no social... e como um e outro se modificam mutuamente”*, sem parcialismos, exclusivismos e/ou reducionismos.

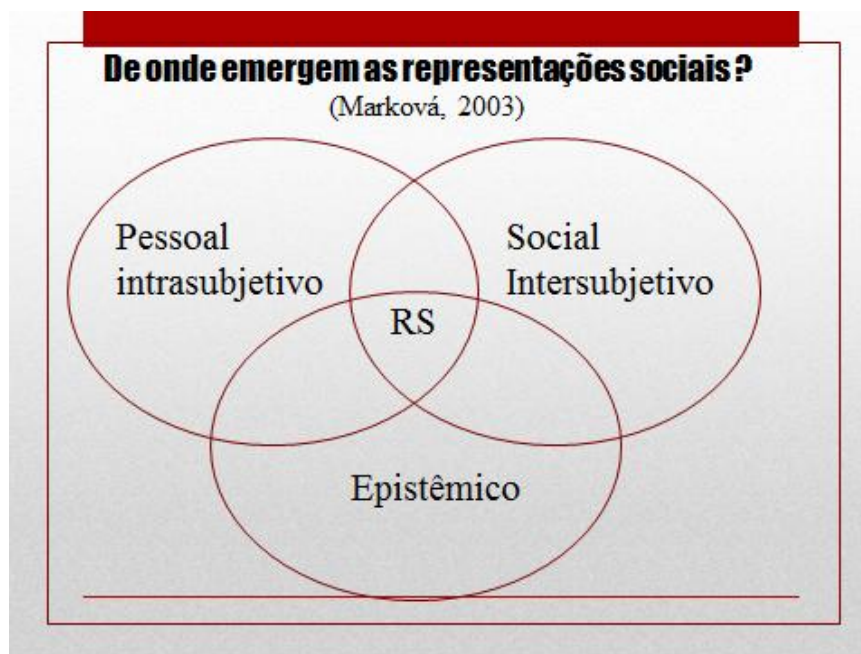


Figura 02: Representações sociais.

2.2.3 Abordagens teóricas das representações sociais.

Para entender as representações sociais que emergem na relação “*eu-outro*”, Spink (1993, p.89 e 90) comentou que é preciso compreender o fenômeno em três aspectos: 1) o impacto que a mentalidade de uma determinada sociedade tem na elaboração das representações sociais de grupos e de indivíduos pertencentes a esses grupos; 2) o processo constitutivo e a eficácia das representações sociais para o funcionamento social na orientação dos comportamentos, no sistema cognitivo de comunicação e assimilação de novas informações; 3) o papel das representações sociais nas mudanças e transformações sociais. De modo que sejam articulados quatro níveis de pesquisa: o nível dos processos interindividuais das experiências sociais dos indivíduos; o nível dos processos interindividuais das dinâmicas de grupo; o nível situacional das posições e identidades sociais e o nível ideológico das visões de mundo dos diversos grupos da sociedade.

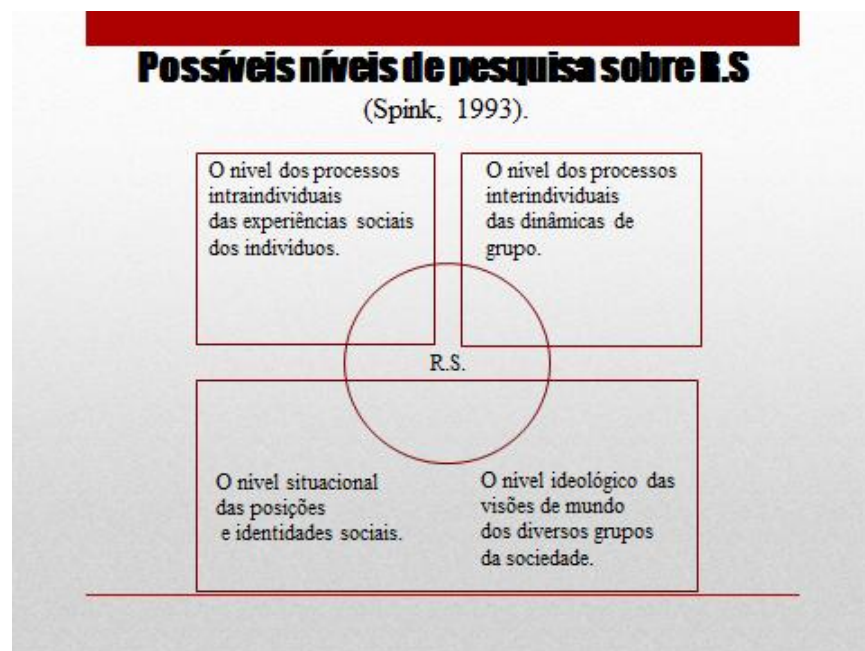


Figura 03: A pesquisa em Representações sociais

Spink (1993, p.91) disse que a complexidade do fenômeno das representações sociais também pode ser abordada, sem dicotomias, tanto como produto quanto como processo. Enquanto produto, as representações sociais emergem como pensamento constituído. Enquanto processo, as representações emergem como pensamento constituinte. Numa, a pesquisa investiga os fatores da estruturação do campo de representação e procura por seus

elementos constitutivos tais como as opiniões, as imagens e as crenças. Na outra, a pesquisa procura compreender a influência dos determinismos sociais na elaboração e na transformação das representações sociais no decorrer do tempo. Nessa mesma vertente, a pesquisa estuda a influência das representações sociais na interação social.

Em outras palavras, Deschamps (2009, p.125) disse que é possível distinguir três grandes modelos teóricos das representações sociais: a abordagem sociogenética que estuda os processos de construção dessas representações, a abordagem estrutural que estuda a sua estruturação e a abordagem sociodinâmica que estuda suas relações com as inserções sociais entre os indivíduos.

2.2.4 A não exclusividade das representações sociais.

Não obstante as abordagens dos fenômenos emergentes da relação “*eu-outro*”, é preciso compreender que, segundo Paiva (1999), as representações sociais se tratam de conceitos psicossociais cujas peculiaridades estão em focalizar a intersecção das referências fornecidas pelo grupo acerca de um objeto social, com apropriação ativa por parte das pessoas. Contudo, ele fez alguns apontamentos ao dizer que a matriz social que fornece conteúdo e formas aos processos intersubjetivos não pode ser desconhecida diante da ênfase que se dá a esses processos. Os eventos psicossociais podem ser descritos em diversos níveis e, portanto, o conceito de representação social, não é exclusivo (Doise, 1982, citado por Paiva, 1999).

As representações sociais não são capazes de explicar todos os níveis psicossociais. Elas se limitam aos fenômenos intersubjetivos que emergem do elo entre aquilo que é epistêmico, pessoal e social (Jovchelovitch, 2007, p.28), enquanto o pensamento é coletivo com participação ativa dos sujeitos. Existem outros fenômenos psicossociais mais voltados ao indivíduo, por exemplo. Como é o caso das atitudes. Elas envolvem, segundo Myers (2014), comportamento, afeto e cognição como uma reação pessoal favorável ou desfavorável em relação a algo ou alguém. O mesmo é possível dizer dos preconceitos que são, segundo Myers, uma espécie de atitude pejorativa.

Também é importante distinguir entre representações sociais e ideologia, pois os conceitos se aproximam, ou se afastam, em determinados aspectos. Sawaia (1993, p.73) diz que ambas, representações e ideologia, envolvem construções simbólicas socialmente partilhadas que influenciam a consciência. Porém, as representações sociais diferem quanto à

construção teórica e a constituição do fenômeno. Elas são mais dinâmicas e nem sempre estão vinculadas a um poder estabelecido numa organização como normalmente está uma ideologia. Elas também envolvem a participação ativa dos sujeitos enquanto coletividade pensante. A ideologia, por sua vez, é um pensamento determinado e nem sempre reflete uma coletividade pensante, mas o pensamento de alguém, ou de um grupo específico.

As representações sociais também se diferem de crenças e dogmas estabelecidos por uma religião, pelo mesmo motivo que se diferem das ideologias. Contudo, em relação à doutrina, elas podem criar expressões das mesmas. De modo que seja possível falar de representações sociais de uma fé, de concepções coletivas de Deus e de cenários de Igreja. Assim como é possível falar de representações sociais de uma ideologia enquanto a mesma se concretiza no modo de um grupo pensar e viver. Diante de um objeto as pessoas podem fazer representações do mesmo. E ainda podem fazer representações de representações desse mesmo objeto. Por isso, o pensamento social é dinâmico e diverso em significados (Jaspard, Jean – Marie, 2004, p.53).

2.3 Stress: *eustress*, *distress* e a síndrome de *burnout*.

Interessante notar que, numa comunidade, também existem representações sociais a respeito do *stress/distress/burnout* e das formas de lidar com o sofrimento físico e psíquico provocado por ele, justamente porque tais representações envolvem o epistêmico, o pessoal e o social na relação “*dialógica*” (cf. Marková, 2003) do “*eu-outro*” (cf. Guareschi, 2004).

O individual se enraíza no social e é influenciado por ele, ao mesmo tempo em que o social surge das relações entre os indivíduos (cf. Spink, 1993). Imagens e significações são construídas numa determinada representação social, a partir de experiências partilhadas de vida. As pessoas, por sua vez, procuram justificar, ou reforçar, as próprias opiniões, e ações, por meio de representações sociais partilhadas no grupo de pertença, ao mesmo tempo em que estabelecem novos significados e comportamentos para tais representações.

Em relação ao *stress*, devido à frequência de situações estressantes na sociedade atual, não é raro que as pessoas o experimentem no cotidiano. O problema é que se pode reforçar o *distress* até o aparecimento das dimensões constituintes da síndrome de *burnout*, de modo especial, quando há representações sociais que intensificam o *distress moral* e/ou justifiquem estratégias mal sucedidas de enfrentamento (*coping*). Algumas delas, por exemplo, podem

intensificar o sofrimento, quando o mesmo é significado como algo necessário, ou um bem em si, em oposição ao não sofrimento, ao descanso, ao lazer, etc.

Também é importante destacar que as representações sociais não são os únicos fenômenos envolvidos na relação “*eu-outro*”, existem níveis que não podem ser explicados por elas (cf. Paiva, 1999). Somam-se outras dinâmicas psicossociais, bem como outras circunstâncias, atitudes, crenças e ideologias que interferem na forma de entender a realidade e podem afetar o estilo de vida e a saúde das pessoas. A velocidade e fluidez, por exemplo, intensificadas pela concorrência frenética das organizações atuais, bem como a aparente noção da compressão do tempo e do espaço promovida pelo desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, estão determinando uma sociedade cujo imperativo de contingências não permite pensar em estabilidade (cf. Malvezzi, 2000).

A flexibilidade está se tornando uma necessidade e uma lógica que determinam a formação de estruturas objetivas e subjetivas (cf. Bauman, 2001). Em contrapartida, a lógica da fluidez nem sempre oferece o tempo necessário para adaptações psíquicas e fisiológicas. Ainda mais se a fluidez estiver acompanhada pela lógica de exploração que promove o medo e a ansiedade, sendo esse processo marcado por sofrimentos psicológicos e suas conseqüentes psicopatologias, de modo especial, no mundo do trabalho (cf. Dejours, 1986).

2.3.1 Teoria do *stress*.

Os estudos sobre a fadiga causada pelo excesso de trabalho remontam a revolução industrial do século XIX e os inícios da psicologia como ciência (cf. Portugal, 2013). Com a repercussão dos laboratórios, as pesquisas psicológicas passaram a interessar aos empresários que estavam dispostos a encontrar na fábrica “*o homem certo no lugar certo*” (cf. Taylor, 1911/1947). Logo, a psicologia seria chamada a estudar, a fadiga, o desempenho humano e seu lugar adequado no processo de produção. Destacaram-se nesse propósito: as pesquisas de Emil Kraepelin (1856 – 1929) na Alemanha, pelas quais ele propõe formas de mensuração da fadiga; o livro “*Psychology and industrial Efficiency*” de Hugo Munsterberg nos Estados Unidos; e o livro “*A Psicotecnologia do Trabalho Industrial*” de Leon Walther na França. Essas e outras publicações adotaram um modelo normativo de gestão do desempenho numa visão economicista, mecanicista e funcional do trabalhador, dentro das perspectivas da psicometria.

Estudos sobre *stress* propriamente dito surgiram no mesmo período. Sir William Osler (1910), um médico inglês, utilizou dois termos para se referir à fadiga: o termo *stress*, no sentido de um evento estressante, para se referir ao trabalho excessivo e o termo *strain*, no sentido de reação do organismo ao *stress*, para se referir à constante preocupação, sendo ambos, preocupação e trabalho excessivo, relacionados pelo autor à doenças coronarianas (cf. Rangé, 2001).

Contudo, o estudo mais aprofundado sobre o *stress*, surgiu com as pesquisas do endocrinologista Hans Selye o qual utilizou a palavra *stress* a partir dos conceitos de “*luta ou fuga*” e de “*homeostase*” propostos, contemporaneamente, por Walter Bradford Cannon (1914, 1932). O termo difundiu-se no meio científico e a palavra “*stress*”, que na física designava a tensão e o desgaste aos quais as coisas materiais estavam expostas, passou a ser compreendida, na medicina, como o processo de desequilíbrio funcional da homeostase (Selye, 1950).

Inicialmente, Selye (1936), depois de observar a reação fisiológica de ratos submetidos a situações adversas e a ação do cortisol sobre os órgãos desses animais, definiu “*stress*” como uma reação inespecífica e dividiu as reações observadas em três fases: alerta, resistência e exaustão. Ele denominou “*estressor*” a qualquer estímulo que provocasse o desequilíbrio no organismo e “*resposta de stress*” a reação necessária para reestabelecer o equilíbrio. Posteriormente, ele (1956) chamou de “*Síndrome de Adaptação Geral*” (SAG) a reação inespecífica desencadeada por fatores específicos os quais ele denominou *estressores*. Mais tarde ele diferenciou o *eustress* do *distress* (Selye, 1974).

O *eustress* seria o *stress* bom pelo qual o organismo, após ser estimulado por *estressores*, é capaz de voltar aos estados basais iniciais. O sujeito encontra meios para lidar com as demandas de uma situação adversa e voltar ao equilíbrio. Já o *distress* seria o *stress* prejudicial na medida em que compromete a saúde. O organismo estressado não volta aos seus estados basais e passa a funcionar em alta intensidade para dar conta das demandas do ambiente até adoecer.

Estudos posteriores acrescentaram importantes ideias e críticas à teoria sobre *stress*. Esdras Vasconcellos (2015) criticou a definição de *stress* (Selye, 1974) como uma reação não específica do organismo a qualquer demanda do ambiente. Pois, nem toda reação pode ser considerada como *stress*. Um espirro, por exemplo, é uma reação, mas não é *stress*. Esdras também observou que a tensão da reação geral (SAG), quando mantida durante um tempo,

por causa de estressores, se transferiria para um órgão qualquer, ou sistema, comprometendo a saúde do mesmo. A essa situação, ele chamou de Síndrome de adaptação local (SAL).

Rangè (2001, p.477), numa observação semelhante, acrescenta que o *stress* normalmente é visto como um estado, ou como uma condição, e que os estágios do *stress* nem sempre são observados. Pois, costuma-se dizer que uma pessoa está estressada sem distinguir se ela está sofrendo uma exaustão do *stress* ou se está sofrendo um *stress* de baixa intensidade. Em contrapartida, ao reforçar a ideia de que o *stress* é um processo e não uma reação única, Rangè o define da seguinte maneira: “*o stress é uma resposta complexa do organismo, que envolve reações físicas, psicológicas, mentais e hormonais frente a qualquer evento que seja interpretado pela pessoa como desafiante...*”

Susan Nolen – Hoeksema (2012, p. 468-498) reforçou a ideia de que o processo de *stress* pode ser estudado a partir de diferentes *variáveis*, tanto em relação aos estressores, como em relação às reações psíquicas e físicas. Se, por exemplo, forem consideradas as características dos eventos estressores, será possível analisar o grau de *stress* proporcionado pelos eventos traumáticos, pelas mudanças significativas nas circunstâncias da vida, pela falta de controle e de previsibilidade, e, também pelos conflitos internos tais como: independência versus dependência, intimidade versus isolamento, cooperação versus competição, expressão de impulsos versus padrões morais, entre outros. Se forem consideradas as reações psicológicas frente ao *stress*, será possível analisar correlações com a ansiedade, o transtorno de *stress* pós-traumático, a raiva e a agressão, a apatia e a depressão, o déficit cognitivo manifestado na falta de concentração no processo de *stress*, entre outros. Já no ponto de vista das reações fisiológicas ao *stress*, consideram-se as reações orgânicas em relação ao tempo: aquelas de curto prazo proporcionadas pela reação de “*luta ou fuga*” e aquelas de longo prazo que podem prejudicar a saúde.

De modo geral, poderíamos ilustrar as inúmeras *variáveis* da teoria do *stress* destacando uma série de pesquisas, tanto em relação às condições físicas e psíquicas desencadeadoras, ou amenizadoras, de *stress*, como em relação às reações físicas e psíquicas do *stress*.

Em relação aos estressores, Gerr e Maisel (1972) observaram que a falta de controle e de previsibilidade estão altamente correlacionados ao desencadeamento do *stress*. Albert Ellis (1973) identificou uma série de crenças irracionais que, por diferirem muito da realidade, poderiam, como estressores internos, originar perturbações na saúde física e mental. Meyer Friedman e Ray Rosenman (1974) definiram um conjunto de comportamentos de risco

correlacionados a pacientes com doença coronariana os quais denominaram comportamentos padrão tipo A. Numa pesquisa sobre resiliência, Suzanne Kobasa (1979) observou que existiam pessoas mais resistentes aos eventos estressantes e que essa capacidade estaria correlacionada a fatores como o grau de comprometimento, controle e senso de desafio. Lazarus e Folkman (1984) estudaram estressores psicossociais que fazem parte da história de vida de uma pessoa e podem agravar ou amenizar a percepção do *stress*. Na perspectiva do sentido, Affleck e outros (1987) descobriram que pacientes que sentiram ter crescido pessoalmente em valores durante o período de tratamento de um ataque cardíaco tiveram menor probabilidade de sofrer um novo ataque. Everly (1989) chamou de estressores biogênicos externos as situações e eventos tais como o frio, a fome e a qualquer tipo de dor intensa naturalmente estressante. Rob Lowe e colegas (2003) observaram que pessoas pessimistas tendiam a ver os eventos corriqueiros como mais estressantes.

Interessante notar que muitas pesquisas focalizadas em estudar estressores, normalmente, envolvem o enfrentamento do *stress* de modo implícito. Richard Lazarus e Susan Folkman (1980) haviam considerado a cognição como um fator decisivo no processo de *stress*. Segundo os autores, o pensamento seria capaz de tornar o *stress* melhor ou pior para a pessoa e poderia ajuda-la, ou não, a lidar com estressores. A partir dessa afirmativa, Lazarus e Folkman (1984) propuseram um modelo de processamento de *stress* e *coping* a partir de três avaliações normalmente feitas diante de um estressor em potencial. Numa primeira avaliação, o indivíduo se questionaria sobre o significado e o grau de perigo do evento: se ele é irrelevante, benigno ou capaz de causar *stress*. Se for um evento estressante, diante do possível prejuízo, ameaça ou desafio, o sujeito poderá realizar uma segunda avaliação questionando-se sobre o que poderia ser feito, quais seriam os custos envolvidos e os resultados esperados. Essas avaliações possibilitam a laboração de estratégias de *coping* as quais poderiam estar focadas no problema ou na emoção, bem como uma terceira reavaliação de todo o processo.

Outros autores trouxeram pesquisas e conceitos importantes à teoria do *stress* destacando a ação de mecanismos fisiológicos no processo.

Bruce McEwen (1998), por exemplo, observou que a *allostasis* é um componente importante da *homeostasis* e que se tratava de uma ativação orgânica capaz de manter a estabilidade do organismo em períodos estressantes quase sempre relacionados a períodos de adaptação ao ambiente. Em outras palavras, significa dizer que um determinado ciclo de *stress* é mantido enquanto os estressores estiverem presentes e forem percebidos e sentidos

pelo organismo como tais, ao mesmo tempo em que uma “*carga alostática*” subjacente se intensifica como resultante entre a ativação da *allostasis* e o grau de adaptação do organismo. McEwen também notou que os mediadores desse processo tais como a adrenalina e o cortisol podem ter efeitos imunológicos protetores em curto prazo, e, em contrapartida, efeitos prejudiciais em longo prazo.

Robert Sapolsky (1996) criticou o termo “exaustão” da terceira fase proposta por Selye, justamente porque nem sempre o *stress* crônico leva à exaustão de substâncias tais como a adrenalina e o cortisol. O que pode acontecer, segundo o autor, é justamente o contrário. O estado de ativação constante e o conseqüente excesso de substâncias relacionadas ao *stress* é o que pode levar o organismo ao colapso psicofisiológico. Em outro estudo, Sapolsky (2002) chamou a atenção para as diferenças fisiológicas que determinam o grau de *stress* conforme o número de receptores celulares para os hormônios envolvidos no processo de *stress*.

Estudando os sintomas do *stress*, Marilda Lipp (2000) sugeriu uma quarta fase do *stress*, intermediária entre a fase de resistência e a fase de exaustão. Na verdade, seria uma fase de quase-exaustão coincidente à parte final da fase de resistência proposta por Selye. Ela pode ser caracterizada por um enfraquecimento progressivo do sujeito e o aparecimento de doenças leves em comparação as doenças da fase de exaustão propriamente dita. Mas, na quase exaustão, embora não encontre recursos físicos e psíquicos suficientes para lidar com os estressores cotidianos, o sujeito ainda consegue trabalhar e exercer outras atividades sociais.

2.3.2 O modelo Psiconeuroendocrinológico do Stress.

Esdras Vasconcellos (2007), por sua vez, estudou o *stress* numa releitura psiconeuroendocrinológica de Selye. O referido autor escreveu:

“...sabemos, hoje, que essa intercomunicação dos sistemas nervoso, psíquico, endócrino e imunológico ocorre sempre e toda vez que qualquer um deles é acionado. As informações circulam por todos os sistemas, e processos bem orquestrados pelo cérebro reforçam ou inibem a atuação de cada um dos sistemas participantes. O hipotálamo exerce função bem central nessa orquestração, e, com seus núcleos específicos, secreta e descarrega hormônios ativadores ou inibidores no sistema neuroendocrinoimunológico, sempre de acordo com as avaliações que os sistemas límbico e neocortical fazem das informações recebidas (Vasconcellos, 2007, p.42)”.

Na visão de Vasconcellos (2002, p. 145), a reação de *stress* envolve ou afeta todos os sistemas orgânicos e sempre por meio do eixo hipotalâmico pituitário adrenal (HPA). O hipotálamo é responsável por ativar a divisão simpática do sistema nervoso autônomo e por ativar o sistema adrenocortical. O lóbulo posterior da hipófise, chamado de neurohipófise, é responsável pela liberação das catecolaminas na medula da suprarrenal. Já o lóbulo anterior da hipófise, chamado de adenohipófise, é responsável pela liberação de hormônios que ativarão os corticoides no córtex da suprarrenal.

No processo de *stress*, segundo o mesmo autor, os estímulos externos captados pelos sentidos são transformados em impulsos nervosos. Em seguida, eles são recebidos pela medula da suprarrenal que de imediato libera as catecolaminas. A adrenalina auxilia em processos metabólicos, tais como a glicogênese. Ela tem a função de dilatar os pulmões e as coronárias, de aumentar o volume e a frequência das batidas do coração e, conseqüentemente, aumentar a pressão arterial e a circulação sanguínea no corpo.

A noradrenalina estimula a secreção do hormônio aldosterona e é responsável pela contração dos vasos sanguíneos (vasoconstrição) na regulação da temperatura do corpo. Ao mesmo tempo, os estímulos nervosos atravessam o mesencéfalo e o sistema límbico para serem recebidos pelo tálamo. O fato de tais impulsos não passarem pelo córtex cerebral, num primeiro momento, explica porque a reação de *luta ou fuga* é instintiva e muitas vezes impensada.

O Tálamo, por sua vez, por meio de seus neurônios monoaminérgicos e de neurotransmissores, tais como a noradrenalina e a dopamina, envia as informações recebidas aos núcleos hipotalâmicos supraópticos, ventromediais, paraventriculares, dorsomediais e ao núcleo da eminência medial. Nesses núcleos são sintetizados hormônios responsáveis pela ativação e inibição de secreções endócrinas produzidas e armazenadas em diversas glândulas do corpo, e também de outros hormônios.

O núcleo hipotalâmico supraóptico produz o hormônio antidiurético (*antidiuretic hormone* - ADH) o qual, em situação de *stress*, será secretado pela hipófise e atuará sobre a regulação osmótica das células dos rins, aumentando a retenção de água e a concentração de íons e, conseqüentemente, elevando a pressão arterial. No núcleo paraventricular é produzido o hormônio oxitocina (*oxytocin hormone*) o qual intensifica a suscetibilidade para sentir medo e ansiedade durante eventos estressantes. Ambos os hormônios, quando produzidos, são transportados e depositados no lóbulo posterior da glândula hipófise.

A eminência medial do hipotálamo é responsável pela secreção do hormônio de ativação chamado corticotropina (*Corticotropic Releasing Factor* - CRF). Quando produzido, ele é enviado ao lóbulo anterior da hipófise, de onde é responsável pela ativação de uma série de outros hormônios: o hormônio adrenocorticotrópico (*Adrenocorticotropic Hormone* - ACTH), o hormônio estimulante da tireoide (*Thyreoid Stimulating Hormone* - TSH), o hormônio somatotrópico (*Somatotropic Hormone* - STH), o hormônio folículo estimulante (*Follicle Stimulating Hormone* - FSH), entre outras substâncias.

O ACTH atuará sobre o córtex da glândula suprarrenal como fator de ativação (*Releasing fator* - RF) dos hormônios corticosteroides. Estes são classificados como Glicocorticóides e Mineralocorticóides. Os hormônios Glicocorticóides, produzidos na zona fasciculada do córtex da glândula suprarrenal, estimulam a conversão de proteínas e de gorduras em glicose para maior mobilização de energia no corpo. Eles vão intensificar a urgência urinária, elevar a produção e a descarga de suco gástrico, reforçar o poder de contratilidade do miocárdio, aumentar a produção de plaquetas, promover vasoconstrição e aumentar a formação de angiotensinógenos.

O cortisol, principal hormônio dessa categoria, estimula a concentração de glicose no sangue transformando, no fígado, aminoácidos e ácidos lácticos em glicose. A glicose liberada desencadeará a síntese de ácidos graxos e triglicérides que serão armazenados no fígado e no tecido adiposo (lipogênese), também possibilitará a síntese de glicogênio no fígado e músculos pela ativação da insulina (glicogênese), e desencadeará a produção de corpos cetônicos (cetogênese) pelo fígado tais como o acetoacetato, o B-hidroxiacetato e a acetona. Por outro lado, os glicocorticoides atuam como inibidores (*Inhibiting Factors*).

Eles provocam a supressão do sistema imunológico pela inibição da migração de glóbulos brancos, e, conseqüentemente, inibem a reação inflamatória. Já os hormônios mineralocorticóides alteram o metabolismo dos rins, do baço, do intestino e das glândulas sudoríparas e salivares para a reação de stress. Eles ativam a absorção de íons, cloreto e de água nos túbulos renais, estimulam a pressão arterial e inibem as funções digestiva, renal e sexual.

Vasconcellos (2002, p.145) também escreve que “*é importante observar, que esse processo biológico de stress, antes descrito, acontece no organismo independentemente de nossa vontade. Ele pode, todavia, sofrer a intervenção de nosso aparelho psíquico*”.

As informações percebidas passam por centros cognitivos do córtex cerebral para o reconhecimento de sinais, avaliação, memória e interpretações de respostas. Esse *feedback*

cognitivo poderá estimular o hipotálamo a intensificar, manter ou interromper a ação orgânica iniciada. Essa avaliação psicológica do estressor também envolve as informações do sistema límbico. Segundo Vasconcellos (2002, p.145), “*todo estímulo desperta no sistema límbico e no tálamo uma sensação (primitiva) inconsciente, de se tratar de algo bom ou ruim para a espécie humana*”.

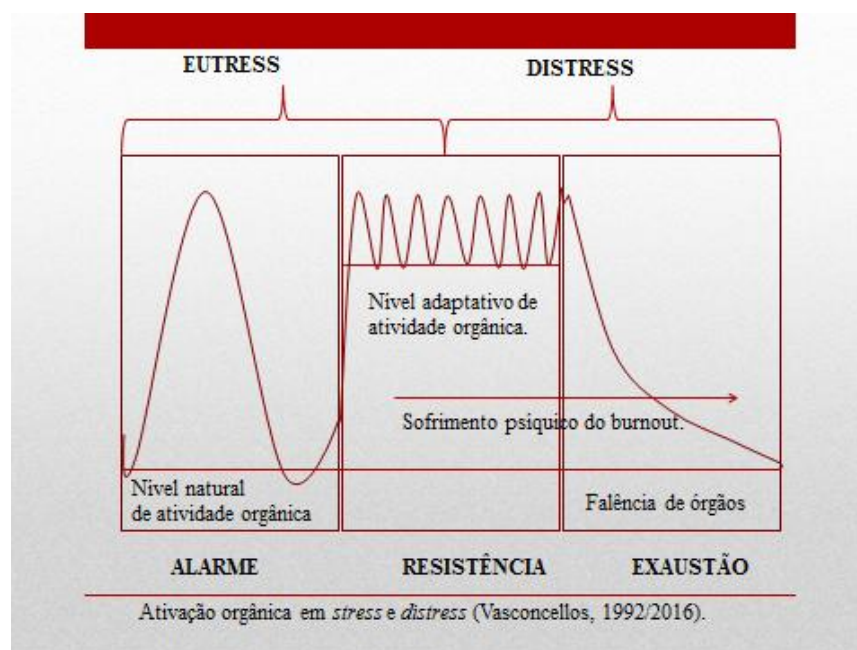


Figura 04: Ciclo de stress

Nessa perspectiva, assim como Selye (1936), Vasconcellos (2002) considera o *stress* como um processo que envolve três fases: alarme, resistência e exaustão. Contudo, diferente de Selye, o autor faz uma releitura psiconeuroendocrinológica do conteúdo dessas fases.

A fase de alarme tem como característica inicial a mobilização total do organismo (SAG) para uma resposta de luta ou fuga e como característica final o *eustress*, ou o *stress* considerado bom, pelo qual o organismo, ao ser estimulado por um estressor qualquer, é capaz de voltar aos níveis basais. Nessa fase as reações fisiológicas momentâneas são: a taquicardia e a hipertensão, dificuldades respiratórias e a sudorese, a fadiga e a insônia, falta de apetite e a tensão estomacal, entre outros.

A fase de resistência se caracteriza por uma situação na qual o organismo, em virtude de uma adaptação necessária, ou de um estressor inevitável, passa a funcionar em alta tensão. Num primeiro momento, essa fase pode ser chamada de resistência *eustressante*, porque, embora o organismo esteja acelerado, não existem riscos a saúde. Quando o organismo não

consegue voltar ao seu estado normal, ele pode entrar na “síndrome de adaptação local (SAL)”. Síndrome pela qual os níveis de atividade orgânica oscilam em padrões de funcionamento e de energia acima do normal, numa tentativa de adaptação ao meio hostil. Nessa fase, existe a mobilização de um órgão específico e sintomas psicológicos tais como a irritabilidade, o isolamento social, a incapacidade de desligar-se dos problemas, ansiedade entre outros sintomas psicológicos.

Já a fase de exaustão se caracteriza pelas consequências do *distress*, o *stress* considerado ruim. Coincide com o desequilíbrio de substâncias e órgãos, com o aparecimento de patologias físicas e psíquicas e, em casos graves, com a morte. Os problemas físicos mais comuns são: problemas de pele, problemas de coração e circulação, problemas de estômago e digestão, baixa resistência imunológica, etc. Os problemas psicológicos mais comuns são os transtornos de ansiedade, a síndrome do pânico e a depressão entre outros (Vasconcellos 2002).

2.3.3 Síndrome de *Burnout*.

A síndrome de *burnout*, por sua vez, tem sido estudada como a consequência de um *distress* laboral (Maslach et al, 2001, p. 397-422) e pode vir acompanhada de sintomas também presentes em outras patologias do cansaço: incapacidade de descanso, tensão constante, alta irritabilidade, tontura, enxaquecas, dores no corpo, má digestão, problemas de memória e insônia.

Contudo, pela comparação dos resultados entre as escalas que medem um e outro, é possível constatar, por correlações apenas parciais, que a síndrome de *burnout* não se confunde com o *distress*, embora suas dimensões estejam presentes no processo de *stress* em geral, a saber: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional. De modo que nem todo cansaço, reificação de si, ou sentimento de frustração se configura como síndrome de *burnout* (cf. Benevides-Pereira, 2002).

Além disso, não existem pesquisas suficientes que determinem um padrão fisiológico entre níveis de *burnout* e níveis de cortisol relacionados ao *stress*. Por isso, a síndrome de *burnout* está convencionalmente registrada como um diagnóstico feito a partir do sofrimento psíquico específico e não apenas a partir do desgaste físico propriamente dito, do excesso de substâncias e/ou número de receptores envolvidos no processo de *stress*, embora os envolva.

Ela é caracterizada por interações dimensionais próprias que vão além do *distress*, do *stress* ocupacional e mesmo da depressão (cf. Benevides-Pereira, 2002).

Segundo o *International Dictionary of English Cambridge*, "burnout" vem do verbo inglês "to burn out" e significa, literalmente, "stop burning because there was nothing left to burn". Tem o sentido de queimar por completo até a exaustão. Herbert Freudenberger utilizou pela primeira vez o termo "burnout" para definir "(...) *um estado de esgotamento físico e mental cuja causa está intimamente ligada à vida profissional*" (1974, p. 159-165). Ele mesmo percebeu-se nesse estado: "apercebi-me... que, por vezes, as pessoas são vítimas de incêndio tal como os edifícios; sujeitas ao efeito da tensão... os seus recursos internos consomem-se, como sobre a ação de chamas, não deixando senão um imenso vazio interior, ainda que o invólucro exterior pareça mais ou menos intacto (cf. Freudenberger, 1980)".

Cristina Maslach e Susan Jackson procuraram entender o *burnout*, não apenas como um "estado", mas como um processo multidimensional. Elas desenvolveram o conceito, no contexto do ambiente de trabalho, a partir de três dimensões relacionadas, porém, independentes: 1) a exaustão emocional caracterizada pela falta de energia e entusiasmo, pelos sentimentos de frustração e de esgotamento; 2) a despersonalização caracterizada pela insensibilidade emocional, isolamento, e pela "coisificação" de si mesmo e das pessoas; 3) e, por fim, a baixa realização pessoal no trabalho que é definida como insatisfação em relação à própria profissão e/ou ao próprio desempenho profissional (Maslach & Jackson, 1986).

Benevides – Pereira (2002) distinguiu da despersonalização, ou reificação de si mesmo, uma quarta dimensão, o distanciamento emocional. Para a autora, a reificação de si está ligada às relações psicossociais estabelecidas num ambiente de trabalho, por exemplo. Enquanto o distanciamento emocional está ligado aos fatores psicológicos do sujeito que se deixa reificar.

Esse quadro dimensional da síndrome pode ser provocado, segundo Delbrouck (2003), por uma série de fatores externos e internos. São fatores externos aqueles ligados ao volume e ao tipo de trabalho, ao excesso de responsabilidades, solicitações e expectativas por parte de terceiros, a falta de previsibilidade e controle de algumas situações do dia a dia, a falta de apoio e reconhecimento da própria competência e diversas outras situações das condições de trabalho e da organização. Maslach (2005) ainda indica, como fatores dessa qualidade, o sentimento de recompensa insuficiente, a perda do senso de ligação positiva com os colegas de trabalho, a falta de justiça ou o sentimento de estar sendo injustiçado e o conflito de valores capaz de gerar o *distress* moral. São fatores internos aqueles relacionados à psique do

sujeito: o nível de ansiedade, a concepção e o sentido vocacional particulares do trabalho exercido, a tentativa de conservar uma boa imagem social de si mesmo, o desejo de agradar a todos, o sentido de autocrítica demasiado severo, a procura exagerada de êxito social e/ou de poder pessoal, o espírito empreendedor ligado à mentalidade de “salvador” e/ou ao querer fazer tudo sozinho.

Delbrouck (2003, p.41-45) também descreve o desenvolvimento da exaustão que, para ele, parece ser comum no exercício de um profissional: *“Começa com um entusiasmo idealista... com uma identificação excessiva à clientela e um dispêndio de energia descomedido... seguidamente, instala-se a estagnação: ... o prestador de cuidados... questiona a sua eficiência no trabalho... Finalmente, instaura-se a apatia: a pessoa sente-se cronicamente frustrada no plano profissional, mas necessita desse trabalho para sobreviver”* (Delbrouck, 2003, p.41-45).

Maslach e Jackson (1981) observaram, em profissionais prestadores de serviço humanos, certa vulnerabilidade ao *distress* e a conseqüente síndrome de *burnout*. De modo especial, médicos, enfermeiros, psicólogos e outras profissões cujo trabalho exige contato direto com outras pessoas que estão em sofrimento físico e/ou psicológico. Valle (2010) apontou o mesmo problema em religiosos, e relacionou a vulnerabilidade dos prestadores de serviços religiosos com a fadiga por compaixão.

A sintomatologia do *burnout* é descrita por Benevides-Pereira (2002, p.44) como uma manifestação que depende de fatores individuais tais como as predisposições genéticas e experiências socioeducacionais, fatores ambientais relativos à qualidade e as condições de um lugar, e fatores que dizem respeito à etapa em que o sujeito se encontra no processo de desenvolvimento da síndrome.

Os sintomas se mesclam em manifestações físicas, psíquicas, comportamentais e defensivas: 1) São sintomas físicos: a fadiga constante e progressiva, os distúrbios do sono, a baixa imunidade, dores musculares e osteomusculares, cefaleias de todo tipo, problemas gastrointestinais, cardiovasculares e respiratórios e disfunções relacionadas às gônadas. Tal como acontece, fisiologicamente, na fase do *distress*. 2). Os sintomas psíquicos manifestam-se na falta de atenção e concentração, na lentidão do pensamento e nos lapsos de memória, na impaciência, na baixa autoestima e na dificuldade de autoaceitação, no sentimento de insuficiência, na solidão e alienação, na desconfiança e paranoia, na astenia e desânimo, na disforia e depressão. 3). Os sintomas comportamentais se manifestam na agitação e incapacidade de relaxar, na negligência ou no excesso de escrúpulos, na irritabilidade e

agressividade, na inflexibilidade e perda de iniciativa, na frequência de comportamentos de alto risco tais como o uso abusivo de substâncias, tentativa de suicídio etc. 4). Os sintomas defensivos se revelam na tendência ao isolamento e ao absenteísmo, no sentimento de onipotência, na perda de interesse em qualquer atividade, na ironia e cinismo.

Segundo Benevides-Pereira (2002, p.45), o conjunto e a intensidade de tais sintomas faz com que a síndrome de *burnout* seja caracterizada como um problema psicossocial. Ela ultrapassa a esfera individual e afeta a vida social do sujeito de modo negativo. O indivíduo perdendo suas capacidades físicas e mentais, ou forçando-as a trabalhar em meio à exaustão, pode se tornar negligente e improdutivo, hostil e incapaz de manter laços afetivos. O resultado é o distanciamento emocional e físico, os abandonos e as rupturas sociais. Nesse aspecto, a síndrome de *burnout* tem sempre um caráter negativo, diferente do *stress* que pode apresentar um aspecto positivo.

Enzmann e Schaufeli (1998) partindo do princípio de que a síndrome de *burnout* seja um estado progressivo de esgotamento físico e emocional, destacaram que uma das características desse adoecer também tem a ver com a persistência de um estado mental negativo em relação ao trabalho. Schaufeli e Buunk (2003) destacaram, ainda, que a síndrome pode permanecer imperceptível para o sujeito durante um determinado tempo e que a permanência do *burnout* pode estar correlacionada a estratégias de *coping* inadequadas. Kristensen e colegas (2005) observam que a síndrome de *burnout* não envolve apenas o cansaço e a exaustão em si mesmos, mas os envolve sempre atribuídos a domínios específicos da vida profissional e pessoal.

2.3.4 Uma consideração importante entre o sofrimento psíquico do *distress* envolvendo as dimensões do *burnout* e a constatação clínica da síndrome de *burnout*.

De acordo com as pesquisas sobre a síndrome de *burnout* na vida religiosa, são poucos os casos mais graves entre religiosos constatados pelos métodos existentes. Porém, como sugere Pereira (2013), o sofrimento psíquico ligado à exaustão, a despersonalização e ao grau de realização, parece ser mais comum, de modo especial, quando se analisa o discurso de sujeitos institucionalizados. Ou seja, mesmo sem uma constatação clínica de *burnout*, ou altos escores no inventário de Maslach, os sujeitos revelam, no discurso, sofrimentos psíquicos associados às dimensões da síndrome. Essa observação nos deixa a hipótese de que sentir-se psicologicamente exausto pode vir antes da exaustão física propriamente dita.

De acordo com o modelo Psiconeuroendocrinológico do *stress*, Esdras Vasconcellos (2002) sugere que a síndrome de *burnout* é consequência do processo de *stress/distress*, e que os primeiros sintomas os quais, se agravados, poderão caracterizar e desencadear a síndrome na fase de exaustão, já se fazem presentes nas fases anteriores. De modo especial, na fase de resistência, pela qual o organismo sofre grandes cargas “*alostáticas*” em meio à “síndrome de adaptação local (SAL)”. E mesmo na fase de “*luta ou fuga*”, dependendo da gravidade dos estressores e o impacto dos mesmos na pessoa, a sensação psíquica de exaustão pode permanecer, embora o corpo volte ao estado normal.

Sobre a sensação psíquica de exaustão podemos considerar a observação do neurocientista Antônio Damásio, no livro “Em Busca de Espinosa” (2004). Ele discorre sobre a diferença entre os conceitos de emoção e sentimento. As emoções ocorrem no corpo como um programa de ações. Já os sentimentos são experiências registradas de tudo aquilo que acontece no corpo. A partir desses conceitos, poderíamos dizer que as emoções que surgiram durante, e depois, de um evento estressante permanecem registradas como sentimentos. Por outro lado, tais sentimentos poderiam ressurgir diante de novos eventos estressantes e, portanto, reforçar ainda mais a intensidade das emoções no momento em que elas ocorrem. Por isso, podemos falar de um ciclo de *stress* psicossomático. Essa memória corporal na qual surgem os sentimentos nos permite associar as emoções vividas numa determinada situação em outras situações posteriores. Traumas e doenças psicossomáticas envolvem esses mesmos mecanismos.

As dimensões que, segundo Maslash (2001), caracterizam a síndrome de *burnout*, e o processo de *stress/distress*, em geral, também envolvem emoções e sentimentos. De tal modo que a pessoa pode sentir-se psicologicamente exausta, despersonalizada e não realizada, antes de sofrer, de fato, a exaustão física, ou a falência de órgãos. Esse precedente nos chama atenção na maneira de pesquisar as dimensões que levam à síndrome de *burnout*.

O inventário, se feito com sinceridade, é capaz de indicar a intensidade das dimensões da síndrome numa pessoa num determinado momento. No entanto, sentimentos ligados à exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização já estão presentes antes da síndrome propriamente dita, conforme podem revelar os discursos analisados entre os religiosos estudados, por exemplo.

Mas seria o discurso de uma pessoa, num grupo, diferente dos resultados apontados no inventário feito por ela? Seu discurso poderia revelar emoções e sentimentos ligados à exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização, antes de qualquer constatação

clínica da síndrome de *burnout*? Poderíamos perceber essas dimensões no âmbito coletivo, numa comunidade, ou melhor, no discurso do sujeito coletivo? Quais representações sociais, intensificadoras ou amenizadoras de *stress/distress*, poderiam estar envolvidas nesse discurso?

Em fim, o sofrimento psíquico do *stress/distress* parece envolver as dimensões de exaustão, despersonalização e baixa realização, antes mesmo da constatação da síndrome de *burnout*, justamente por causa de processos cognitivos e afetivos presentes nas emoções e sentimentos, do acúmulo de experiências estressantes e sentimentos associados que pode viver o sujeito, das formas pelas quais o mesmo encontra para lidar com o *stress/distress* e das influências das representações sociais sobre ele, quando vive e trabalha num grupo.

2.3.6 Representações sociais religiosas no processo de avaliação do *stress*.

As representações sociais de um grupo envolvem uma série de dinâmicas cognitivas particulares presentes na avaliação do *stress*. Em si, elas não determinam a intensidade do desgaste físico ou psicológico de um indivíduo, mas, nas dinâmicas relacionais psicossociológicas do grupo, elas podem colaborar na formação de estratégias de *coping*, ou na intensificação de estressores correlacionados às dimensões da síndrome de *burnout*.

O *distress moral* sobre um indivíduo, por exemplo, pode ser intermediado por uma representação social que justifique, determine ou acomode um conjunto de comportamentos adotados no grupo, mas que para o sujeito seja motivo de sofrimento psíquico e *stress*. Nesse sentido, as representações sociais religiosas desempenham um papel influente sobre os envolvidos, quando estes se deixam influenciar. Em grupo, os sujeitos se submetem, ou resistem, às realidades as quais sozinhos nunca iriam escolher ou suportar.

Moscovici (1978) afirmou que as representações sociais envolvem figurações e significações convergentes partilhadas socialmente e visam integrar e/ou familiarizar, no grupo, um elemento até então desconhecido, ou não usual, a fim de dar-lhe realidade acessível a todos. Elas envolvem, portanto, a assimilação e a acomodação não só de conceitos e ideias, mas também de imagens mentais ligadas a experiências e ações, emoções e sentimentos partilhados e, assim, são capazes de gerar e justificar atitudes, opiniões e crenças. As representações estariam, assim, entre a linguagem de observação dos fatos e a linguagem da lógica dos símbolos. Justamente porque os mecanismos mentais constroem uma figura e lhe dão um significado de modo que a representação iguale a imagem a uma ideia e a ideia a uma

imagem. Tendo as representações sociais o *status* epistêmico, social e pessoal ao mesmo tempo (Jovchelovitch, 2007, p.28).

No contexto religioso, essa observação pode ser facilmente vista. De acordo com o dicionário de teologia (Lacost, 2004), ideias e imagens estão presentes em inúmeros ícones e discursos religiosos. O discurso oficial de uma religião, normalmente é elaborado durante sua história, tendo como núcleos principais: Deus, a comunhão entre as pessoas, a missão e as diversas experiências humanas, dentre as quais a vida e a morte, o prazer e o sofrimento entre outras.

Para o cristianismo, por exemplo, a vida e a morte são associadas à páscoa de Cristo, a sua morte na cruz e a sua ressurreição. A cruz, que na verdade foi um instrumento de pena de morte usado no império romano, tornou-se para os cristãos a imagem do sacrifício amoroso de Cristo pelo seu povo e é associada aos sofrimentos da vida e significada como caminho para salvação, quando existe fé. A partir desse conjunto de crenças oficiais construíram-se inúmeras representações sociais religiosas no meio popular.

Moscovici (2001) também sugere que a mesma representação social pode estimular diferentes comportamentos. Do mesmo modo, as representações sociais religiosas do sofrimento, podem ganhar diferentes interpretações e práticas num grupo. A imagem e as significações das representações sociais do sacrifício de Cristo na Cruz, por exemplo, podem funcionar como estratégias de enfrentamento comunitário para lidar com o sofrimento: *coping* religioso (Pargament, 1997).

O apóstolo Paulo escreveu na prisão a carta aos colossenses e em certo trecho diz: “*agora me alegro nos meus sofrimentos por vós e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo (Colossenses 1,24)*”. Em outra carta, num outro contexto, ele escreve: “*eu me alegro também com as fraquezas, os insultos, os sofrimentos, as perseguições e as dificuldades pelos quais passo por causa de Cristo (II Coríntios 12, 10)*”. Não obstante, levando em consideração que as mesmas imagens e significados atribuídos aos símbolos cristãos do sofrimento, tais como a cruz, podem ser entendidos de diversas maneiras, e que, conseqüentemente, também podem sugerir uma graduação de comportamentos rígidos, não é raro que as representações sociais religiosas favoreçam um ciclo de *stress/distress* cujo resultado seja a exaustão psíquica e física dos sujeitos de um grupo, de modo especial, em determinadas individualidades perfeccionistas.

Outro aspecto que pode desenvolver o sofrimento psíquico e o ciclo de *stress* parece ser o que Moscovici (2001) descreveu como “ponto cego” e precipitação no processo de

familiarização de uma coisa ou pessoa a um núcleo principal de uma representação social. Ao classificar e nomear uma coisa em suas próprias categorias, deixa-se de considerar aspectos importantes da realidade desta mesma coisa, pois “*dar nome a uma coisa ou pessoa é precipitá-la*” (Moscovici 2001, p.53) em esquemas mentais partilhados já existentes numa comunidade. De onde a parte pode ser vista como o todo e o todo como a parte (Spink, 1996, p.174-192). Se considerarmos a influência de algumas representações sociais religiosas nos indivíduos, que as aceitam, é possível encontrar “pontos cegos” em justificativas de uma série de comportamentos.

O ativismo pode ser justificado a um valor religioso como o martírio, ao mesmo tempo em que o indivíduo entra num ciclo de *stress* e deixa de perceber a si mesmo e suas necessidades básicas de descanso, sono, etc (Valle 2010, p. 791-801). O autoritarismo de um líder religioso imposto a uma comunidade subalterna, embora seja justificado pelo valor da obediência e suas representações, pode gerar uma submissão infantil (Arnaiz 2007, p.557-568). De onde, os indivíduos, entre o conflito de obedecer livremente a um coletivo valor religioso e de obedecer forçosamente às ordens de um tirano, se vêm em meio a um sofrimento moral o qual procuram evitar pela passividade. O problema é que a falta de controle e de previsibilidade sobre a própria vida estão altamente correlacionados ao desencadeamento do *stress* (Geer e Maisel, 1972).

Em fim, os sujeitos de uma comunidade religiosa podem construir representações sociais em torno do sofrimento para lidar com eles. Não obstante, tais representações, em virtude de uma coletiva focalização a um núcleo principal, nem sempre levam em conta aspectos importantes para a saúde psíquica e física dos sujeitos. O “ponto cego”, sugerido por Moscovici (2001), ou o “*não dito*” (Pereira 2013), parece reforçar a tensão psíquica no clima social. As representações sociais religiosas, que justificam o sofrimento, parecem ser mantidas a custo de altas cargas alostáticas e podem estar por traz do *distress* e a conseqüente síndrome de *burnout* (Valle, 2010).

Coube, pois, saber, por meio da análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) de uma comunidade religiosa, quais são as representações sociais religiosas presentes, como elas estão no discurso dos sujeitos entrevistados e se elas amenizam ou intensificam a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional no ciclo de *stress* segundo os mesmos entrevistados.

2.3.7 O discurso do sujeito coletivo do mal estar nas instituições eclesiais de vida ativa.

Se analisarmos o discurso do público em estudo, não é raro encontrar, desabafos provindos de sofrimentos psíquicos que corroboram com a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional/vocacional, presentes na síndrome de *burnout*. Esses relatos podem ser analisados pela técnica de pesquisa qualitativa do *Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* a qual consiste em analisar depoimentos provenientes de questões abertas, agrupando os estratos de sentido semelhantes, em discursos sínteses redigidos na primeira pessoa do singular (Lefèvre, 2000).

Segundo Lefèvre (2000), normalmente, os indivíduos têm um pensamento, uma opinião, crença ou representação sobre uma série de coisas. Ao mesmo tempo, uma coletividade de indivíduos pode apresentar uma distribuição estatística desses mesmos pensamentos, opiniões, crenças e representações. Quando um sujeito ou uma coletividade tem um pensamento sobre um tema específico, ambos professam, adotam ou se utilizam de diversos discursos sobre esse tema, de modo que seja possível organizar e tabular dados qualitativos de natureza verbal obtidos de fontes orais e/ou escritas. Dessas fontes é possível extrair ideias centrais e/ou ancoragens e suas correspondentes expressões chaves. O sujeito coletivo pode se expressar por meio de um discurso em primeira pessoa elaborado a partir dessas figuras metodológicas.

“... partindo-se do suposto que o pensamento coletivo pode ser visto como um conjunto de discursos sobre um dado tema, o Discurso do Sujeito Coletivo visa dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social... é, em suma, uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade falar diretamente (Lefèvre, 2000, p.17)”.

O discurso do sujeito coletivo, segundo o mesmo autor, pode ser confeccionado a partir de expressões chaves, ideias centrais e ancoragens. As expressões chaves são transcrições literais do discurso, trechos que revelam a essência de um depoimento. As ideias centrais são descrições diretas do sentido de um depoimento e revelam o tema sobre o que o se está falando. A ancoragem é uma figura metodológica que manifesta uma dada teoria, ideologia ou crença por meio da qual o autor do discurso procura enquadrar uma situação específica. Em outras palavras, *“o discurso do sujeito coletivo é um discurso síntese redigido*

na primeira pessoa do singular e composto pelas expressões chaves que têm a mesma ideia central ou ancoragem (Lefèvre, 2000, p.18)”.

A proposta metodológica do discurso do sujeito coletivo difere da tradicional categorização de conceitos onde um título de uma determinada classificação substitui os discursos empíricos tornando-os equivalentes. O objetivo é “reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada figura, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno (Lefèvre, 2000, p.19).” Não se trata de uma simples soma matemática de pedaços isolados, mas de uma soma lógica e coerente de modo que o resultado seja um discurso em primeira pessoa que expresse uma coletividade.

O discurso do sujeito coletivo é, provavelmente, um método que permite colher tanto informações pessoais, ou subjetivas, como representações sociais de um grupo, e pode demonstrar como o sujeito lida com a exaustão emocional, a despersonalização e a realização profissional/vocacional. Dimensões estas presentes no ciclo de *stress/distress* e na consequente síndrome de *burnout*. Porém, não como numa série de testes psicométricos por meio dos quais se estabelece um diagnóstico. Mas, sim, como discurso contendo dados indicadores a partir dos quais é possível dar palavras ao sofrimento psíquico do *stress/distress* e ilustrar um possível diagnóstico.

Ante essas exposições, poderíamos considerar que a complexidade dos fatores psicossociais, sociodinâmicos e grupais/institucionais envolvidos com o comportamento de saúde física, social e psicológica representa um vasto *continuum* de questionamentos em torno das dimensões do ciclo de *stress/distress* e da consequente síndrome de *burnout*, a saber:

- Será que o instrumento de pesquisa denominado método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) se insere no campo das ciências psicológicas, comportamentais e religiosas, a ponto de avaliar e categorizar discursos proferidos pelas religiosas de vida ativa no que diz respeito à síndrome de *burnout*, no comportamento de saúde física, social e psicológica? Seria, de fato, um problema constante?

- Será que as dimensões constituintes da síndrome de *burnout* - a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização - estariam presentes no início do ciclo de *stress*?

- Será que o comportamento social e a saúde psicológica de religiosas dentro de uma instituição eclesial de vida ativa, poderia ser mensurado de maneira qualitativa por um modelo de pensamento coletivo constituído pelo discurso do sujeito coletivo associado ao *stress* como um marcador do desencadeamento da síndrome de *burnout*?

3. Hipótese Central:

As dimensões que constituem a síndrome de *burnout* podem ser reveladas, nos depoimentos dos religiosos de uma instituição eclesial de vida ativa, na medida em que fatores geradores de *distress* surgem e são identificados e caracterizados pelo pensamento coletivo constituído, de modo que a exaustão emocional, a despersonalização, bem como a baixa realização profissional e vocacional, sejam dimensões presentes numa graduação que compreende o simples cansaço até as doenças associadas ao *distress*.

3.1 Hipóteses complementares:

- A análise do Discurso do Sujeito Coletivo é um dos métodos eficazes para avaliar qualitativamente as características dimensionais da síndrome de *burnout* as quais, não sendo exclusividade da síndrome, podem estar presentes, desde o mero cansaço físico e psíquico à doenças do *distress*, manifestadas no discurso de grande parte dos religiosos de uma comunidade de vida ativa.

- A análise do Discurso do Sujeito Coletivo não é capaz de fazer um diagnóstico psicométrico individual da síndrome de *burnout*, mas é capaz de indicar os sujeitos mais afetados pela exaustão emocional, pela despersonalização e pela baixa realização vocacional e profissional.

- Algumas representações sociais religiosas provenientes da “dialogicidade” da relação “eu-outro” associadas a comportamentos sociais e a percepção da própria saúde psíquica, quando promovem o *distress*, podem ser classificadas como estressoras e quando promovem o equilíbrio, podem ser classificadas como ideias coletivas envolvidas em estratégias de *coping* bem sucedidas.

- O modelo de pensamento coletivo constituído pelos depoimentos das religiosas pode revelar ideias centrais correlacionadas, ou inteiradas, ao modelo eclesial em que vivem. O modelo pentecostal e missionário de Igreja, por exemplo, pode ser mais desgastante do ponto de vista emocional, do que um modelo tradicional mais estável.

4. MATERIAL E MÉTODO

O método utilizado nesse estudo se caracterizou por um delineamento do tipo de pesquisa exploratória descritiva (GIL, 2008). Portanto, visou descrever, classificar e interpretar fenômenos relativos aos elementos da síndrome *burnout* entre religiosos de uma instituição eclesial de vida ativa. Os mesmos vivem e trabalham de forma inserida numa comunidade pobre. Sendo o pensamento coletivo uma das formas pelas quais o pesquisador pôde lançar mão para reconstruir o universo das representações sociais do sofrimento psíquico das dimensões da síndrome existentes no campo pesquisado.

O método utilizado, desenvolvido por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcante Lefèvre (2000), é denominado de Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. Trata-se de uma técnica de pesquisa qualitativa usada para abordagens que analisam os pensamentos, os sentimentos, as crenças, as atitudes, os valores, normalmente envolvidos nas representações sociais de um grupo, expressas sob a forma de discursos verbais. É um método cuja forma de apresentação dos resultados se dá por meio de discursos-sínteses escritos na primeira pessoa do singular. Eles expressam o pensamento de uma coletividade. O lugar do pensamento coletivo, no entanto, não é uma simples soma dos discursos individuais, mas sim o resgate do imaginário social, das representações sociais, do pensamento da “*dialogicidade*” do “*eu-outro*” (Marková, 2003; Guareschi, 2004), pré-existente sobre a temática.

4.1 Casuística.

Fizeram parte do presente estudo dez (10) religiosas, oriundas de diversas classes sociais, com idade entre 20 e 30 anos e com poucos anos de vida consagrada. As mesmas pertencentes a uma instituição eclesial de vida ativa configurada por um modelo de Igreja pentecostal, ou carismática.

Essa comunidade foi escolhida porque não apenas trabalha com os pobres, mas, também, porque vive como eles. Ou seja, as religiosas moram num barraco na favela onde vivem outras 1.656 pessoas -532 famílias – segundo a última estimativa levantada pela prefeitura de São Paulo. Elas partilham das mesmas dificuldades, esperanças e representações sociais da população local.

4.2 Coleta de Dados

Os dados foram coletados pessoalmente pelo pesquisador, na comunidade onde vivem e trabalham as religiosas. Para obter o discurso necessário para aplicar o método denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), foi apresentada a seguinte narrativa, feita para essa pesquisa, diante da qual as consagradas foram incentivadas a expressar sua opinião.

" Num retiro de conversão, José disse ter recebido um chamado especial de Deus". Apesar de ter passado no vestibular para cursar a faculdade de seus sonhos, decidiu largar tudo, inclusive a namorada, para ser padre.

Na formação, ele ficou oito anos e, nesse tempo, a conselho de seu diretor espiritual, decidiu ser um leigo consagrado e continuou a ser um membro interno da comunidade. Esse ano, ele completou dez anos de vida consagrada e se tornou coordenador de uma fraternidade religiosa inserida na favela. No início, sua família o reprovou. Seus pais não queriam vê-lo favelado. Ele, porém, evitava falar sobre o assunto. Não o entenderiam.

A aflição de seus pais o deixava em crise, por isso, os evitava. As atividades que desenvolvia eram diversificadas: visitas pastorais às famílias da favela, pastoral de rua entre os mendigos, visita aos presídios, pregações, aconselhamentos, reuniões administrativas, etc. Ele percebia que seus sentimentos durante a semana variavam.

Algumas dessas atividades, ele se identificava e as realizava com prazer. Outras, nem tanto. Às vezes, sentia-se exausto, "acabado", irritado com os outros e frustrado diante da missão. Ele dizia que o trabalho entre pessoas pobres, em situação de risco, era muito exigente. Sugavam-lhe as energias. E as preocupações não o deixavam dormir direito. Ele também reconheceu que, embora estivesse bem assessorado, tinha a sensação de estar só. Sentia a falta de apoio e reconhecimento por parte dos colegas e superiores.

As opiniões, as correções e as críticas, dizia ele, realmente lhe perturbavam. Por vezes, ao lidar com os outros que lhe vinham pedir ajuda, ou algo, ele confessou ter a sensação de ser e estar diante de uma "coisa", não de uma pessoa. Ele se culpava por achar que não estava atendendo com zelo ao chamado de Deus. De vez em quando, ele se via dividido: racionalmente, percebia que estava no caminho certo - sentia-se realizado vocacionalmente - mas, emocionalmente, sentia certo sofrimento e tinha vontade de fugir, ir embora. Em noites de insônia, embora estivesse cansado, ele revelou que se perguntava: eu

ajudo tantas pessoas, e agora quem me ajuda? Todo esse trabalho e sofrimento valem a pena? Assim, ele comparava "os prós e os contras de sua vida".

Ao ler o caso apresentado, o pesquisador fez a seguinte pergunta:

Questão 01: *O que você diria a respeito de José, de sua vida e de seus sentimentos?*

4.3 Instrumento de Pesquisa

O Discurso do Sujeito Coletivo - "DSC" - é um instrumento criado e desenvolvido no campo da saúde pública, por Lefèvre e Ana Maria Lefèvre (2000). Desde 1997 é utilizado tanto para coletar dados (opiniões) pessoais, quanto para caracterizar os perfis de comportamento social e de saúde. O "DSC" é um método - uma síntese - elaborado mediante trechos de discursos de sentidos semelhantes reunidos num só discurso (Lefevre e Lefevre, 2010).

A expressão de "sujeito coletivo" é caracterizada pelos discursos que são emitidos na primeira pessoa do singular. Trata-se de um "Eu" sintático que, simultaneamente, realça a presença de um sujeito individual do discurso e expressa um referencial coletivo na medida em que esse "Eu" emite um discurso por ou em nome de uma coletividade. É através da análise do discurso do sujeito coletivo que se representa uma determinada coletividade. Significa que quando se afirma que "uma pessoa ou uma coletividade tem um pensamento sobre um dado tema" se está dizendo que ela professa, adota ou usa um ou vários discursos sobre o mesmo tema (Lefèvre, 2003).

É mediante a análise do discurso coletivo que se torna viável para o pesquisador compreender mais profundamente e lançar mão de informações qualitativas para se estruturar as categorias de análises com o objetivo de construir um vasto de representações sociais existentes no campo de conhecimento que se pretende pesquisar. Para se construir e interpretar de forma qualitativa e quantitativa (*qualiquanti*) os discursos professados, é preciso incluir os pensamentos, sentimentos, crenças, atitudes, valores e representações sociais expressadas mediante os discursos verbais.

Os discursos são apresentados na forma de resultados de pesquisa qualitativa em termos dos diferentes discursos-sínteses escritos na primeira pessoa do singular e que expressam o de uma determinada coletividade. As interpretações apresentadas pelo pesquisador nesse estudo devem ser interpretadas e explicadas a partir dos discursos de 10

religiosas e através de um esquema conceitual, referencial e operacional teórico e metodológico (expressões-chave, ideias centrais e ancoragens) orientado para a construção das categorias dos discursos. Desse modo, as expressões-chaves representam trechos ou transcrições literais dos discursos passíveis de realçar a essência dos depoimentos ou conteúdos discursivos, representando uma espécie de prova discursiva - empírica da verdade das ideias centrais.

As ideias centrais dizem respeito às expressões linguísticas que revelam os sentidos dos discursos de cada uma das religiosas que participaram do presente estudo e que puderam ser resgatadas mediante as descrições diretas dos discursos (conteúdo direto dos discursos) ou pelas descrições indiretas, revelando apenas o teor dos depoimentos temáticos dos sujeitos. Por fim, as ancoragens representaram no presente estudo, manifestações linguísticas explícitas de uma dada teoria, crença ou ideologia, relacionada com os sujeitos dos discursos (Lefèvre e Lefèvre, 2005).

4.4 Procedimentos do Estudo

O presente estudo foi desenvolvido mediante as seguintes fases:

Primeira fase:

Essa fase foi marcada pelas ações necessárias para obtenção da “carta de anuência” e do “termo de consentimento livre e esclarecido”. Nesse sentido, o pesquisador entrou pessoalmente em contato com o responsável primeiro da instituição e com cada uma das religiosas visando obter autorização institucional e para convidar as religiosas a participarem voluntariamente do estudo. Em seguida, foi realizado o agendamento das entrevistas com os sujeitos que participariam voluntariamente do estudo.

Segunda fase:

Essa fase foi marcada pelas entrevistas com o intuito de coletar informações com a aplicação do instrumento denominado DSC – Discurso do Sujeito Coletivo. Todas as entrevistas foram feitas de modo individual, respeitando o sigilo e garantindo total liberdade do entrevistado para falar, bem como para retirar sua participação da pesquisa no exato

momento da entrevista ou em qualquer momento depois. As respostas foram gravadas num aparelho apropriado e, depois, transcritas no computador.

As entrevistadas foram orientadas sobre a liberdade que elas teriam quando a interromper e continuar a gravação – poderiam parar quando quisessem. Todas as entrevistas foram transcritas, analisadas e tabuladas de acordo com os princípios estabelecidos pelo instrumento de pesquisa.

Terceira fase:

Essa fase, com duração de vários meses, foi delineada pela digitação das 10 entrevistas, sendo que a transcrição foi feita “ipsis litteris”, ou seja, literalmente fiel aos depoimentos. Por isso, foram mantidos até os erros de português, para respeitar as normas do procedimento do método e, assim, evitar mudar o sentido das frases.

As respostas das entrevistas foram analisadas isoladamente de acordo com a questão feita, ou seja, foram selecionadas as expressões chave de todas as respostas. Dessas expressões chaves, foram destacadas as ideias centrais e, também, as ancoragens. Sendo todas elas tabuladas no computador e quantificadas no *QualiQuantSoft*. Em seguida, as ideias centrais e as ancoragens de mesmo sentido, ou de sentido equivalente, ou complementar, foram agrupadas e denominadas de acordo com o significado. Elas foram intituladas como A, B ou C, e assim por diante.

A seguir as expressões chave de mesmo sentido, contendo as ideias chave e as ancoragens respectivas, foram agrupadas para, então, se redigir o “discurso do sujeito coletivo” para respeitar o sentido manifestado nas respostas. As respostas contiveram um ou mais discursos do sujeito coletivo.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados foram coletados no período de uma semana, no local onde vivem e trabalham as religiosas: a favela do moinho no centro de São Paulo. No primeiro dia, foi feita uma conversa informal e em grupo com as religiosas. O pesquisador pôde escutar e colher informações a respeito das dificuldades e das esperanças da comunidade.

De modo geral, os maiores desafios, apontados pelas religiosas, se referiram ao contexto da missão e a despersonalização no sentido de anular-se, sacrificar-se, ou, doar-se sem medidas. O ativismo e o cansaço também foram citados como dificuldades constantes. A miséria e a falta de recursos materiais refletiram, nos discursos, não só a desigualdade social, mas, também, uma mentalidade marcada pelo sofrimento diante do qual foram apresentados dois possíveis caminhos: a conformação diante da situação de pobreza e/ou cultivo da fé.

Faz-se oportuno destacar que a fé adotada pelo grupo, teve mais a ver com a conformação aos sofrimentos, mediados por representações sociais religiosas, do que a transformação social para o bem comum. Por consequência, o objetivo apontado pelas religiosas teve mais a ver com a conversão de novos fiéis do que a conscientização dos destinatários a respeito de seus direitos. Não obstante, esse perfil religioso foi de encontro aos interesses dos líderes comunitários do local, os quais, segundo relatos, não tiveram interesses em melhorar as condições da favela a qual ainda permanece fora do alcance do município e vive de acordo com suas próprias leis.

Depois, com as devidas autorizações, o pesquisador fez as entrevistas de modo individual, no período máximo de 10 min. As respostas foram gravadas e transcritas no computador, de modo “*ipsis litteris*”. Em seguida, mediante o software “QualiQuantSoft”, os dados foram categorizados conforme a semelhança de sentido. Ou seja, foram extraídos dos discursos individuais as expressões - chave (E-ch), as ideias centrais (Ic) e as ancoragens (Ac), para a construção do discurso do sujeito coletivo (Dsc).

Para facilitar a visualização do conteúdo e a tabulação, as categorias foram representadas por letras, conforme a semelhança de sentido das respostas, e a ordem dos relatos foram numeradas, conforme a sequência em que apareceram nos discursos. A tabulação, por sua vez, foi feita conforme o modelo apresentado por Lefèvre e Teixeira (2000).

Segue, portanto, os resultados apresentados na seguinte sequência de quadros:

QUADRO 01: EXPRESSÕES - CHAVE, IDEIAS CENTRAIS E ANCORAGENS

Expressões chave (Ech)	Ideias centrais (Ic)	Ancoragens (Anc)
<p>Entrevista 01</p> <p>A,1. “Ele passa por algo espiritual, o chamado de Deus, e depois ele vai e enfrenta... E no final, ele começa a se questionar, ajudou, ajudou, mas, agora não tem quem o ajude”.</p> <p>B,2. “Quantas vezes a gente passa por necessidades pessoais e eu não me permito ser ajudado”.</p> <p>F,3. “Esse caminho de exaustão que acontece, acho que é normal. Cada um de nós passa por isso. E a chave de como sair... que me deparei... o que me fez estar na graça de Deus e tudo, é o diálogo com os irmãos de caminhada”.</p> <p>C,4. “Você tem aquela lista de vinte itens para se resolver durante o dia, e aí eu já passei. Não conscientemente, vi meu irmão como uma coisa... Se ele não estivesse nos meus itens, eu não teria parado dialogado, entendeu?”</p> <p>D,5. “Acho que colocar o freio é muito difícil para nós, hoje. O ritmo vai além das forças. Aí você vai. Nossa estou cansado preciso de um dia de retiro”.</p> <p>A6. “Essa condição da solidão, em mim... vem junto com a desconfiança”.</p> <p>F,7. “A minha maneira de sair é essa: de oferecer para Deus. Eu ofereço o sofrimento, a solidão. Aí eu ofereço, como oferta.”</p> <p>F,8. “A chave mesmo é do diálogo com os irmãos e a oração. De você se colocar diante de Deus e dos irmãos... Travar eu nunca travei, assim. O medo não me trava. Eu sempre tiro a calma pelo medo. Eu sou muito medrosa, insegura. Quando estou diante da situação, a minha escolha foi sempre de enfrentar”.</p> <p>G,9. “Eu sou muito feliz, por ser uma consagrada. Por ser disponível. De ser esposa de Cristo. Apesar de que, as vezes, até dói... Hoje não me vejo capaz</p>	<p>A,1. “Ele começa a se questionar... não tem quem o ajude”.</p> <p>B,2. “Não me permito ser ajudado”.</p> <p>F,3. “Esse caminho de exaustão que acontece, acho que é normal...”.</p> <p>C,4. “Não conscientemente, vi meu irmão como uma coisa... nos meus itens”.</p> <p>D,5. “A humanidade é muito dinâmica e o ritmo além das forças.”</p> <p>A,6. “Essa condição da solidão, em mim... vem junto com a desconfiança”.</p> <p>F,7. “A minha maneira de sair é essa: de oferecer para Deus.”</p> <p>F,8. “A chave mesmo é do diálogo com os irmãos e a oração.”</p> <p>G,9. “A vocação é o que tem me segurando mesmo.”</p>	<p>A,1. “Ele passa por algo espiritual: o chamado de Deus”.</p> <p>F,3. “Estar na graça de Deus”.</p> <p>F,7. “De oferecer para Deus: eu ofereço o sofrimento, a solidão”.</p> <p>G,9. “Hoje, eu sou muito feliz, por ser</p>

<p>de corresponder, mas ao mesmo tempo, eu sinto que ele me ama, apesar de tudo isso. Esse amor me faz ainda rir, me faz olhar, me faz sonhar. Se não for isso, tenho que entrar em outro discernimento. Mas, a vocação é o que tem me segurado mesmo.”</p>		<p>uma consagrada. Por ser disponível. De ser esposa de Cristo”.</p>
<p>Entrevista 02</p> <p>F,10. “A pessoa se dedica toda a missão, mas ainda, precisa de autoconhecimento. Acho que muitas vezes, falta isso... Esse acompanhamento da vida religiosa. Em alguns casos é esse acompanhamento: da pessoa se conhecer. Fazer essa experiência de conversão que é muito importante.”</p> <p>H,11. “Numa vida consagrada a gente é levado a olhar sempre para o outro. Então, se torna até um pecado a gente olhar só para gente... você se doar... por um tempo, a gente até aguenta... só que chega um tempo que nosso psicológico já não aguenta mais... Muitos têm o julgamento que você caiu no orgulho. Tem esse fardo sim. Essa falta de compreensão. Tudo isso pode se tornar mais um peso. Essa exaustão vai gerando conflitos maiores. Pela pessoa não olhar exatamente. Tudo vai se tornando um peso cada vez mais. Até a pessoa não aguentar.”</p> <p>12. “Ela se sente usada nessa questão. Enquanto ela faz aquilo que precisa ser feito, está tudo certo. Todo mundo está feliz, todo mundo está contente. Estão fazendo... como manda o figurino. Mas, quando você começa a perceber essas coisas. Que as pessoas não estão levando em conta a sua vida, aquilo que você sente, aquilo que você pensa, aquilo que você precisa... Ninguém é uma máquina”</p> <p>H,13 “Sente que faz a coisa certa, porém, ele (José) está bem dividido. Tem essa confusão dentro dele. Tem uma parte que ele fala que se sente realizado vocacionalmente. Mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo”.</p> <p>C,14 “A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto: que ele pertence àquela função e rotular”.</p>	<p>F,10. “A pessoa se dedica toda a missão, mas ainda, precisa de autoconhecimento”.</p> <p>H,11. “Se torna até um pecado a gente olhar só para gente.”</p> <p>C,12. “Todo mundo está contente... fazendo aquilo como manda o figurino.”</p> <p>C,12. “Ninguém é uma máquina”.</p> <p>H,13 “Realizado vocacionalmente. Mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo”.</p> <p>C,14 “A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto”.</p>	<p>H,11. “Se torna até um pecado a gente olhar só para a gente mesmo.”</p> <p>C,12. “Ninguém é uma máquina”.</p> <p>H,13 “Realizado vocacionalmente. Mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo”.</p>
<p>Entrevista 03</p> <p>F,15 “Isso aqui é o que está acontecendo comigo. Eu acho assim. Que no caso dele (José), como esta</p>	<p>F,15 “Problema não é vocacional e sim emocional”</p>	<p>F,15 Problema não é vocacional e</p>

<p>dizendo aqui no texto, o problema não é vocação, é mais emocional. Ele poderia rever outro lugar que pudesse corresponder com aquilo que ele sente, com aquilo que responde a sua vocação. Porque algumas coisas agradam a ele, outras coisas não agradam. E aí nessa coisa vem à frustração, vem o estresse, o cansaço e a irritação”.</p> <p>F,16. “A pessoa precisa parar para cuidar de si e se cuidar, porque de tanto dar, chega uma hora que esvazia e você só vai ter o <i>stress</i>. Não irá ter mais nada. A pessoa precisa parar para cuidar de si e se cuidar, porque de tanto dar, chega uma hora que ela esvazia. E você só vai ter o <i>stress</i>, não irá ter mais nada.”</p> <p>C,17. “Acontece não de ver o outro como objeto, mas de você se sentir como uma máquina de trabalhar. Você tem que responder. Você tem que dar retorno. Isso causa uma exaustão porque nem sempre você alcança o que é exigido”.</p> <p>C,18 “Embora a pessoa se sinta um objeto. Isso é mais do que quando ela se vê como objeto. Ela vai se empurrando. Aí ela perde alegria, perde a motivação, perde tudo. Aquilo que ela tinha no início. Aquele desejo todo vai se esvaziando”.</p> <p>H,19. “Porque tem o sofrimento que agrada a Deus, mas também é um sofrimento que a gente procura. Não é um sofrimento que vem de Deus. Então. Quando entra essa coisa do <i>stress</i> da irritação, da enfermidade, acredito que já não é de Deus. Que nem uma vez me falaram que a pessoa está sofrendo, a cruz está pesada, mas ela está feliz. É uma coisa bem diferente. Se a pessoa está infeliz, sofrendo e está se empurrando então não vale a pena. Porque aí a pessoa vai perdendo a vida.”</p>	<p>F,16“A pessoa precisa parar para cuidar de si... de tanto dar, chega uma hora que esvazia”.</p> <p>C,17“Se sentir como uma máquina de trabalhar”</p> <p>C,18. “Ela se vê como objeto. Ela vai se empurrando.”</p> <p>H,19. “Não é um sofrimento que vem de Deus... quando entra essa coisa do <i>stress</i> da irritação, da enfermidade”.</p>	<p>sim emocional”</p> <p>H,19. “Tem o sofrimento que agrada a Deus.”</p>
<p>Entrevista 04</p> <p>D,20. “Eu penso que a vida consagrada parte de uma vida de oração: uma vida com Deus. Se não a missão se torna um assistencialismo”.</p> <p>G,21. “A partir de uma experiência com Deus, você decide dedicar sua vida para Deus. Dedicar sua vida por algo que é diferente do que o mundo vive. Só que no trabalho, todo mundo tem trabalho e frustração. A nossa vida não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família, de uma pessoa que acorda cinco horas da manhã para</p>	<p>D,20. “A vida consagrada parte de uma vida de oração... se não... se torna um assistencialismo”.</p> <p>G,21. “A nossa vida não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família”.</p>	<p>G,21. “O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é</p>

<p>trabalhar, não é diferente. O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é Deus”.</p> <p>G,22. “Só que a diferença de uma pessoa que está no mundo secular, de uma pessoa que escolheu a vida consagrada, é o sentido. Nosso sentido é Deus”.</p> <p>C,23. “... você deve olhar o outro como filho de Deus. Como seu irmão, como uma pessoa que precisa de cuidado... Se você olhar a pessoa como objeto, você se torna uma secular. Começo a olhar as pessoas como mais uma na sociedade... Eu olho a pessoa como coisa e me torno indiferente à pessoa”.</p> <p>D,24. “Porque a nossa vida como consagrado é muito fácil se perder. E a primeira coisa que a gente pode perder é Deus. Pelas coisas de Deus. Não as obras. Não é o centro da missão”.</p> <p>B,25. “Vale a pena sofrer pela vocação... Todo mundo sofre. Nosso sofrimento se torna indiferente, porque é de Deus. Se você está cansado você vai descansar. Não é porque sou consagrada que não tenho tempo para o descanso. A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades. Às vezes, as pessoas não tem consciência dos próprios limites. Aconteceu comigo”.</p>	<p>G,22. “Nosso sentido é Deus”.</p> <p>C,23. “Se você olhar a pessoa como objeto, você se torna uma secular.”</p> <p>D,24. “Pelas coisas de Deus. Não as obras. Não é o centro da missão.”</p> <p>B,25. “A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades.”</p>	<p>Deus.”</p> <p>C,23. “Deve olhar o outro como filho de Deus”.</p>
<p>Entrevista 05</p> <p>B,26. “Ele (José) começou a querer reconhecimento... foi uma das coisas que o atrapalhou. Ele fazia as coisas e queria que alguém reconhecesse.”</p> <p>H,27. “Acho que ele não procurou ajuda, em questão a isso. Por isso, ele ficou tão pressionado numa caixa... e vai ter uma hora que ele vai estourar. Porque ninguém é de ferro. _Muitas vocações são destruídas porque a pessoa vai deixando acumular, acumular, acumular, até uma parte que diz: chega não quero mais. E depois que ela fala que estourou ninguém entende.”</p> <p>B,28. “Então, o emocional da pessoa, vai ficando assim. Se ele não se domina, o emocional vai ficar fraco. Se ele quiser reconhecimento, ele não vai ter estrutura emocional... Quando ele não tem apoio.</p>	<p>B,26. “Começou a querer reconhecimento... foi uma das coisas que atrapalhou”.</p> <p>H,27. “Ele ficou tão pressionado numa caixa... e vai ter uma hora que ele vai estourar.”</p> <p>B,28. “Se ele quiser reconhecimento... vai abalar o emocional dele.”</p>	<p>H,27 “Ninguém é de ferro”.</p>

<p>Ele precisa da autoestima.”</p> <p>C,29. “A indiferença acontece, se eu estou cansada. Ele (José) estava bem soterrado em questão disso. Se ele está cansado ele não vai conseguir ver o outro como ele veria se ele não estivesse tão abalado. Ele não vai conseguir ajudar o outro. Ele deve estar cansado como o outro.”</p> <p>H,30. “Vale a pena sofrer pela vocação... por mais que naquele momento você esteja lutando pela sua vocação...”.</p>	<p>C,29. “Se ele está cansado, ele não vai conseguir ver o outro como ele veria se ele não estivesse tão abalado”.</p> <p>H,30. “Vale a pena sofrer pela vocação”.</p>	<p>H,30. “Vale a pena sofrer pela vocação”.</p>
<p>Entrevistas 06</p> <p>F,31. “Quando eu estava lendo aqui: ‘senti exausto, acabado, irritado com os outros e frustrado diante da missão’. Acho que isso é um sentimento que a gente vive muitas vezes, em diferentes momentos. Mas, uma coisa que ajuda é voltar aquele primeiro desejo: o porquê eu decidi ser um consagrado”.</p> <p>A,32. “Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado existe também. Eu acho que essa questão acontece principalmente quando você é chamado para viver alguma situação de coordenação. Querendo ou não, por você ter esse papel de liderança, por incrível que pareça... você tem que responder, não só para as outras pessoas, mas por você mesmo. Que você tem condições de exercer essa função... que você tem condições para exercer essa função. que você é bom. Eu tenho que responder enquanto coordenadora. E isso acaba ficando dentro da gente. Como uma pressão”.</p> <p>F,33. “Acredito que você precisa sofrer e se entregar, quando você tem com muita clareza, dentro de você, aquilo que é sua missão e voltar aquilo todas às vezes. Eu não sei como explicar, mas uma coisa que ajuda nesse processo de sofrer pela vocação é você poder encontrar aquelas pessoas que você pode realmente contar”.</p>	<p>F,31. “Uma coisa que ajuda é voltar aquele primeiro desejo: o porquê eu decidi ser um consagrado.”</p> <p>A,32. “Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado existe também.”</p> <p>F,33. “Você precisa sofrer e se entregar quando você tem, com muita clareza, dentro de você, aquilo que é sua missão.”</p>	<p>F,31. “Uma coisa que ajuda é voltar aquele primeiro desejo: o porquê eu decidi ser um consagrado.”</p>
<p>Entrevista 07</p> <p>G,34. “Parou de olhar para aquele que chamou ele (José), então ele começou a ver a exaustão nas coisas. Porque não conseguia enxergar, ele tirou o seu olhar daquilo que era o centro. Não que ele não tinha vocação. Mas por ele ter tirado o olhar do primeiro chamado que ele teve com Deus, ele começou a se frustrar naquela vida que ele vivia”.</p>	<p>G,34. “Tirou o seu olhar daquilo que era o centro, ele começou a se frustrar.”</p>	<p>G,34. “Ele tirou o olhar daquilo que era o centro: Deus.”</p>

<p>Entrevista 08</p> <p>G,35. “A exaustão acaba acontecendo com as pessoas, não só na vida consagrada, mas no meio normal..., mas, eu acho que é normal ter isso...”</p> <p>C,36. “Porém, no cansaço nem tudo se torna ruim. Pode haver um peso. Mas, vai muito da escolha da pessoa... Depende muito do autoconhecimento de cada um. Quando estou cansado, posso tender a ver o outro como objeto, mas, nem sempre.”</p> <p>G,37. “Isso é muito humano. Não que o cansaço faça ser frustrado, infeliz. Acho que ele é muito pequeno diante de um chamado muito grande. Vale a pena sofrer pela vocação”.</p>	<p>G,35. A exaustão acaba acontecendo com as pessoas... na vida consagrada... no meio normal”.</p> <p>C,36. “No cansaço nem tudo se torna ruim... Vai da escolha da pessoa”.</p> <p>G,37. “Cansaço é muito pequeno diante da vocação”.</p>	<p>G, 37. “Vale a pena sofrer pela vocação”.</p>
<p>Entrevista 09</p> <p>F,38. “Já cheguei a me questionar varias vezes, se realmente valeria a pena. Depois, entender que com Deus é como se tudo valesse. Por isso, estou feliz. Passando esse momento de cansaço, de <i>stress</i>, eu vejo que sou feliz, que eu sou plena naquilo que faço. Então vale a pena.”</p> <p>F,39. “Eu tento dar esse sentido: não sou só eu que tenho problema”.</p>	<p>F,38. “Passando esse momento de cansaço, de <i>stress</i>, eu vejo que sou feliz.”</p>	<p>F,38. “Com Deus é como se tudo valesse.”</p>
<p>Entrevista 10</p> <p>D,40. “Você começa a questionar tudo. Você começa a enxergar as coisas e perguntar: vale a pena isso? Vale apenas aquilo? Pondera isso? Pondera aquilo?... Às vezes, não tinha nada que me motivava... A única coisa que me vinha: eu tenho que fazer. Não consigo, agora, entender uma motivação, mas eu preciso fazer.”</p> <p>D,41. “Tem muitos altos e baixos. Tinha dia que eu acordava, vale a pena e enfrentava. No outro dia, já falava, vale a pena, vou enfrentar e não ia... Então, isso oscilava muito. Dia após dia. Meses e até anos. O trabalho é demais. Então acaba que perde o foco”.</p>	<p>D,40. “Você começa a questionar tudo.”</p> <p>D,41. “O trabalho é demais. Então acaba que perde o foco”.</p>	<p>D,40. “Eu preciso fazer”</p>

QUADRO 2: CATEGORIZAÇÃO DE IDEIAS CENTRAIS E EXPRESSÕES-CHAVE

Categorias	Ideias centrais	Expressões – chave
<p>A.</p> <p>Ajudar e não se sentir ajudado. 20%</p>	<p>01. “Ele começa a se questionar... não tem quem o ajude”.</p> <p>06. “Essa condição da solidão em mim... vem junto com a desconfiança”.</p> <p>32. “Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado, existe também”</p>	<p>1. “Ele (José) passou por algo espiritual, o chamado de Deus... e no final, ele começou a se questionar: ajudou, ajudou, mas, agora, não tem quem o ajude”.</p> <p>6. “Essa condição da solidão, em mim... vem junto com a desconfiança”.</p> <p>32. Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado existe também. Eu acho que essa questão acontece, principalmente, quando você é chamado para viver alguma situação de coordenação. Querendo ou não, por você ter esse papel de liderança, por incrível que pareça... você tem que responder, não só para as outras pessoas, mas para você mesmo: que você tem condições de exercer essa função, que... você tem condições para exercer essa função, que você é bom, etc. Eu tenho que responder enquanto coordenadora e isso acaba ficando dentro da gente como uma pressão.</p>
<p>B.</p> <p>Necessidade de reconhecimento e autossuficiência. 30%</p>	<p>02. “Não me permito ser ajudado”.</p> <p>25. “A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades”.</p> <p>26. “Começou a querer reconhecimento... foi uma das coisas que atrapalhou”.</p> <p>28. “Se ele quiser reconhecimento... vai abalar o emocional dele”.</p>	<p>2. “Quantas vezes a gente passa por necessidades pessoais e eu não me permite ser ajudado”.</p> <p>25. “Vale a pena sofrer pela vocação, como eu disse. Todo mundo sofre. Nosso sofrimento se torna indiferente, porque é de Deus. Se você está cansado, você vai descansar. Não é porque sou consagrada que não tenho tempo para o descanso. A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades. Às vezes, as pessoas não tem consciência dos próprios limites. Aconteceu comigo”.</p> <p>26. “Ele começou a querer reconhecimento... foi uma das coisas que atrapalhou ele. Ele fazia as coisas e queria que alguém reconhecesse”.</p> <p>28. “Então, o emocional da pessoa vai ficando assim. Se ele não se domina, o emocional vai ficar fraco. Se ele quiser reconhecimento, ele não vai ter estrutura emocional... Quando ele não tem apoio, ele precisa de autoestima”.</p>
<p>C.</p> <p>Despersonalização / Coisificação.</p>	<p>04. “Vi meu irmão como uma coisa. Mas,</p>	<p>4. “Você tem aquela lista de vinte itens para... resolver durante o dia... Não conscientemente, vi meu irmão</p>

50%	<p>inconscientemente.. . parte dos meus itens”.</p> <p>12. “Todos estão contentes... a fazer aquilo como manda o figurino”... Ninguém é uma máquina.</p> <p>14. “A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto”.</p> <p>17. “Se sentir como uma máquina de trabalhar”.</p> <p>18. “Ela se vê como objeto. Ela vai se empurrando”.</p> <p>23. “Se você olhar a pessoa como objeto você se torna uma secular”.</p> <p>29. “Se ele está cansado ele não vai conseguir ver o outro como ele veria se ele não estivesse tão abalado”.</p> <p>36. “Quando estou cansado posso tender ver o outro como objeto”.</p>	<p>como uma coisa, mas, inconscientemente, isso aconteceu. Se ele fizesse parte dos meus itens. Se ele não estivesse nos meus itens, eu não teria... dialogado, entendeu?”</p> <p>12. “Ela se sente usada nessa questão. Enquanto ela faz aquilo que precisa ser feito, está tudo certo. Todo mundo está feliz, todo mundo está contente. Estão fazendo aquilo como manda o figurino. Mas, quando você começa a perceber essas coisas. Que as pessoas não estão levando em conta a sua vida, naquilo que você sente, naquilo que você pensa, naquilo que você precisa também, porque, ninguém é uma máquina”</p> <p>14. “A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto. Que ele pertence àquela função e rotular”.</p> <p>17. “Acontece não de ver o outro como objeto, mas de você se sentir como uma máquina de trabalhar. Você tem que responder. Você tem que dar retorno. Isso causa uma exaustão porque nem sempre você alcança o que é exigido”.</p> <p>18. “Embora a pessoa se sinta um objeto. É mais do que quando ela se vê como objeto. Ela vai se empurrando. Aí ela perde alegria, perde a motivação, perde tudo. Aquilo que ela tinha no início. Aquele desejo todo vai se esvaziando”.</p> <p>23. “Acho que olhar o outro como objeto não acontece porque você deve olhar o outro como filho de Deus. Como seu irmão, como uma pessoa que precisa de cuidado. Porque se você olhar a pessoa como objeto você se torna uma secular. Começo a olhar as pessoas como mais uma na sociedade. Eu me torno indiferente. Eu olho a pessoa como coisa e me torno indiferente à pessoa”.</p> <p>29. “A indiferença acontece, se eu estou cansada. Ele estava bem soterrado em questão disso. Se ele está cansado ele não vai conseguir ver o outro como ele veria se ele não estivesse tão abalado. Ele não vai conseguir ajudar o outro. Ele deve estar cansado como o outro”.</p> <p>36. “Porém, no cansaço nem tudo se torna ruim. Pode haver um peso. Mas, vai muito da escolha da pessoa... Depende muito do autoconhecimento de cada um. Quando estou cansado posso tender a ver o outro como objeto, mas, nem sempre.”</p>
D. Ativismo e vida	05. “A humanidade é muito dinâmica e	5. “Acho que colocar o freio é muito difícil para nós, hoje. O ritmo vai além das forças... Nossa estou

<p>religiosa. 30%</p>	<p>o ritmo além das forças”.</p> <p>20. “A vida consagrada parte de uma vida de oração... se não... torna-se assistencialismo”.</p> <p>24. “Pelas coisas de Deus. Não as obras. Elas não são o centro da missão”.</p> <p>35. “A exaustão acaba acontecendo...”.</p> <p>40. “Você começa a questionar tudo... mas... a única coisa que me vinha: eu tenho que fazer”.</p> <p>41. “O trabalho é demais... perde o foco”.</p>	<p>cansado preciso de um dia de retiro”.</p> <p>20. “Eu penso que a vida consagrada parte de uma vida de oração. Uma vida com Deus. Se não a missão se torna um assistencialismo”.</p> <p>24. “Porque a nossa vida como consagrado é muito fácil se perder. E a primeira coisa que a gente pode perder é Deus. Pelas coisas de Deus. Não as obras. Não é o centro da missão”.</p> <p>35. “A exaustão acaba acontecendo com as pessoas. Não só na vida consagrada, mas no meio normal... Mas, eu acho que é normal ter isso...”.</p> <p>40. “Você começa a questionar tudo. Você começa a enxergar as coisas e perguntar: vale a pena isso, vale apenas aquilo, pondera isso, pondera aquilo... Às vezes, não tinha nada que me motivava a fazer isso, mas, é... A única coisa que me vinha: eu tenho que fazer. Não consigo, agora, entender uma motivação, mas eu preciso fazer.”</p> <p>41. “Tem muitos altos e baixos. Tinha dia que eu acordava, vale a pena e enfrentava. No outro dia, já falava, vale a pena, vou enfrentar e não ia, né. Então, isso oscilava muito, assim. Dia após dia. Meses e até anos (muito ativismo, também). O trabalho é demais. Então acaba que perde o foco”.</p>
<p>E. Coping. 30%</p>	<p>10. “A pessoa se dedica toda a missão, mas ainda, precisa de um autoconhecimento”.</p> <p>15. “O problema não é vocacional e sim emocional”.</p> <p>16. “A pessoa precisa parar para cuidar de si... de tanto dar, chega uma hora que ela se esvazia”.</p> <p>38. “Passando esse momento de cansaço, de stress, eu vejo que sou feliz”.</p>	<p>10. “A pessoa se dedica toda a missão, mas ainda, precisa de um autoconhecimento. Acho que muitas vezes, falta isso... esse acompanhamento para... a pessoa se conhecer e fazer essa experiência de conversão que é muito importante”.</p> <p>15. “Isso aqui é o que está acontecendo comigo. Eu acho assim... o problema... não é vocação, é mais emocional. Ele poderia rever outro lugar que pudesse corresponder com aquilo que ele sente, com aquilo que responde a sua vocação. Porque algumas coisas agradam a ele, outras coisas não agradam. E aí nessa coisa vem à frustração, vem o estresse, o cansaço e a irritação”.</p> <p>16. “A pessoa precisa parar para cuidar de si e se cuidar. Porque de tanto dar, chega uma hora que esvazia. E você só vai ter o estresse. Não irá ter mais nada. A pessoa precisa parar para cuidar de si e se cuidar. Porque de tanto dar, chega uma hora que esvazia. E você só vai ter o estresse. Não irá ter mais</p>

	<p>39. “Eu tento dar esse sentido: não sou só eu que tenho problemas”.</p>	<p>nada”.</p> <p>38. “Já cheguei a me questionar... e se realmente valeria a pena. Depois, entender que com Deus é como se tudo valesse... Por isso, estou feliz. Passando esse momento de cansaço, de stress, eu vejo que sou feliz, que eu sou plena naquilo que faço e então vale a pena”.</p> <p>39 “Eu tento dar esse sentido: não sou só eu que tenho problema”.</p>
<p>F. Coping religioso. 20%</p>	<p>03. “O que me fez estar na graça de Deus... é o diálogo com os irmãos de caminhada”.</p> <p>07. “A minha maneira de sair é essa: de oferecer para Deus”.</p> <p>08. “A chave... é do diálogo com os irmãos e a oração”.</p> <p>31. “Uma coisa que ajuda... é voltar aquele primeiro desejo: porque eu decidi ser um consagrado”.</p> <p>33. “Você precisa sofrer e se entregar quando você tem, com muita clareza, dentro de você, aquilo que é sua missão”.</p>	<p>3. “Esse caminho de exaustão que acontece, acho que é normal. Cada um de nós passa por isso. E a chave de como sair, as vezes que me deparei, assim, e o que me fez estar na graça de Deus e tudo, é o diálogo com os irmãos de caminhada.”</p> <p>7. “... A minha maneira de sair é essa: de oferecer para Deus. Eu ofereço o sofrimento e a solidão”.</p> <p>8. “A chave mesmo é o diálogo com os irmãos e a oração: de você se colocar diante de Deus e dos irmãos. Travar eu nunca travei... o medo não me trava. Eu sempre tiro a calma pelo medo... quando estou diante da situação, a minha escolha foi sempre de enfrentar”.</p> <p>31. “... senti exausta, acabada, irritada com os outros e frustrada diante da missão. Acho que isso é um sentimento que a gente vive muitas vezes, em diferentes momentos. Mas, uma coisa que ajuda... é voltar aquele primeiro desejo. Porque eu decidi ser um consagrado”.</p> <p>33. “Acredito que você precisa sofrer e se entregar quando você tem com muita clareza... aquilo que é sua missão e voltar... às vezes. Eu não sei como explicar, mas uma coisa que ajuda nesse processo de sofrer pela vocação é você poder encontrar aquelas pessoas com quem você pode realmente contar”.</p>
<p>G. Representações sociais. 40%</p>	<p>09. “A vocação é o que tem me segurando mesmo”.</p> <p>21. “A nossa vida não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família”.</p> <p>22. “Nosso sentido</p>	<p>9. “Eu sou muito feliz, por ser uma consagrada, por ser disponível, de ser a esposa de Cristo. Apesar que, às vezes, até dói. Hoje não me vejo capaz de corresponder, mas, ao mesmo tempo, eu sinto que ele me ama, apesar de tudo isso. Esse amor me faz ainda rir, me faz olhar, me faz sonhar. Se não for isso, tenho que entrar em outro discernimento. Mas, a vocação é o que tem me segurando mesmo.”</p> <p>21. “A partir de uma experiência com Deus, você decide dedicar sua vida para Ele. Dedicar sua vida por</p>

	<p>é Deus”.</p> <p>34. “Por ele ter tirado o olhar do primeiro chamado que ele teve com Deus, ele começou a se frustrar”.</p> <p>37. “Não que o cansaço faça ser frustrado, infeliz. Acho que ele é pequeno diante de um chamado muito grande”.</p>	<p>algo que é diferente do que o mundo vive. Só que... todo mundo tem trabalho e frustração. A nossa vida não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família, de uma pessoa que acorda cinco horas da manhã para trabalhar, não é diferente. O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é Deus”.</p> <p>22. “Só que a diferença de uma pessoa que está no mundo secular, de uma pessoa que escolheu a vida consagrada, é o sentido. Nosso sentido é Deus”.</p> <p>34. “Ele parou de olhar para aquele que o chamou... e começou a ver a exaustão das coisas. Porque ele não conseguia enxergar, ele tirou... o olhar daquilo que era o centro. Não que ele não tivesse vocação, mas por ele ter tirado o olhar do primeiro chamado... com Deus, ele começou a se frustrar, naquela vida que ele vivia”.</p> <p>35. “A exaustão acaba acontecendo com as pessoas. Não só na vida consagrada, mas no meio normal... Mas, eu acho que é normal...”.</p> <p>37. “Isso é muito humano. Não que o cansaço faça ser frustrado e infeliz. Acho que ele é muito pequeno diante de um chamado muito grande. Vale a pena sofrer pela vocação”.</p>
<p>H. Representações sociais e <i>distress</i> moral. 30%</p>	<p>11. “Se torna até um pecado a gente olhar só para gente”.</p> <p>13. “Realizado vocacionalmente, mas, emocionalmente ele tem algo que não está certo.”</p> <p>19. “Não é um sofrimento que vem de Deus... quando entra essa coisa do estresse da irritação, da enfermidade”.</p> <p>27. “Ele ficou tão pressionado numa caixa... e vai ter uma hora que ele vai estourar”.</p>	<p>11. “Numa vida consagrada, a gente é levado a olhar sempre para o outro... se torna até um pecado a gente olhar só para gente... por um tempo a gente até aguenta isso. Só que chega um tempo que nosso psicológico já não aguenta mais... Muitos têm o julgamento que você caiu no orgulho. Tem... essa falta de compreensão. Tudo isso pode se tornar... um peso. Essa exaustão vai gerando conflitos maiores... até a pessoa não aguentar.”</p> <p>13. “Sente que faz a coisa certa, porém, ele está bem dividido: tem essa confusão dentro dele... uma parte... ele... ele se sente realizado vocacionalmente, mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo”.</p> <p>19. “Porque tem o sofrimento que agrada a Deus, mas também tem um sofrimento que a gente procura. Não é um sofrimento que vem de Deus. Então. Quando entra essa coisa do estresse da irritação, da enfermidade, acredito que já não é de Deus. Que nem uma vez me falaram que a pessoa está sofrendo, a cruz está pesada, mas ela está feliz. É uma coisa bem diferente. Se a pessoa está infeliz, sofrendo e está se empurrando então não vale a pena. Porque aí a pessoa vai perdendo a vida”.</p>

	30. “Vale a pena sofrer pela vocação”.	27. “Acho que ele não procurou ajuda, em questão a isso. Por isso, ele ficou tão pressionado numa caixa... e vai ter uma hora que ele vai estourar, porque ninguém é de ferro. Muitas vocações são destruídas porque a pessoa vai deixando acumular, acumular, acumular, até... não querer mais... e depois... fala que estourou. Ninguém entende”.
		30. “Vale a pena sofrer pela vocação... Mas, por mais que naquele momento você está lutando pela sua vocação, parece que não vai dar certo.”

O quadro abaixo mostra as ancoragens que foram usadas em diferentes expressões-chaves

QUADRO 3: CATEGORIZAÇÃO DAS ANCORAGENS

Categorias (Anc).	Ancoragens
Chamado de Deus.	A, 1. “Ele passa por algo espiritual, o chamado de Deus”. F, 31. “Uma coisa que ajuda assim é voltar aquele primeiro desejo. Porque eu decidi ser um consagrado.” F, 3. “Estar na graça de Deus”. F, 38. “Com Deus é como se tudo valesse.” G, 9. “Hoje, eu sou muito feliz, por ser uma consagrada. Por ser disponível. De ser esposa de Cristo”. G, 21. “O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é Deus.”
Sofrer pela vocação.	B, 25. “Vale a pena sofrer pela vocação, como eu disse. Todo mundo sofre. Nosso sofrimento se torna indiferente, porque é de Deus. G, 37. “Vale a pena sofrer pela vocação”. H, 30. “Vale a pena sofrer pela vocação”.
Sentimento humano.	C, 12. “Ninguém é uma máquina”. C, 23. “Deve olhar o outro como filho de Deus”. H, 11. “Se torna até um pecado a gente olhar só para a gente mesmo.” H, 27 “Ninguém é de ferro”.
Ativismo.	D, 40. “Eu preciso fazer”
Lidar com o sofrimento.	F, 7. “De oferecer para Deus. Eu ofereço o sofrimento, a solidão”. H, 19. “Tem o sofrimento que agrada a Deus.”
O problema é emocional.	E, 15. “O problema não é vocacional e sim emocional”. F, 15 “Problema não é vocacional e sim emocional.” G.34. “Ele tirou o olhar daquilo que era o centro: Deus.” H, 13 “Realizado vocacionalmente. Mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo”.

Os agrupamentos de sentido semelhantes nos permitiram encontrar os seguintes discursos coletivos, como se fossem feitos por um único sujeito (cf. Lefèvre, 2000), estão apresentados no quadro abaixo.

QUADRO 4: DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.

Discurso do sujeito coletivo.

A - Ajudar e não se sentir ajudado.

“Ele passou por algo espiritual, o chamado de Deus... e no final, ele começou a se questionar: ajudou, ajudou, mas, agora, não tem quem o ajude. Essa condição da solidão, em mim..., vem junto com a desconfiança. Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado... eu acho que essa questão acontece, principalmente, quando você é chamado para viver alguma situação de coordenação. Querendo ou não, por você ter esse papel de liderança, por incrível que pareça... você tem que responder, não só para as outras pessoas, mas para você mesmo: que você tem condições de exercer essa função, que você tem que mostrar que tem condições para exercer essa função, e que você é bom... Eu tenho que responder enquanto coordenadora e isso acaba ficando dentro da gente como uma pressão”.

B - Necessidade de reconhecimento e autossuficiência.

“Quantas vezes a gente passa por necessidades pessoais e eu não me permiti ser ajudado. Vale a pena sofrer pela vocação... Todo mundo sofre. Nosso sofrimento se torna indiferente porque é de Deus. Se você está cansado, você vai descansar. Não é porque sou consagrada que não tenho tempo para o descanso. A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades. Às vezes, as pessoas não têm consciência dos próprios limites. Aconteceu comigo. Por exemplo, José começou a querer reconhecimento... foi uma das coisas que atrapalhou ele. Ele fazia as coisas e queria que alguém reconhecesse... Se ele não se domina, o emocional vai ficar fraco... Quando ele não tem apoio, ele precisa da autoestima”.

C - Coisificação

“Você tem aquela lista de vinte itens para se resolver durante o dia. E, aí, eu já passei. Não conscientemente, vi meu irmão como uma coisa... Se ele não estivesse nos meus itens, eu não teria parado e dialogado com ele, entendeu? Outra coisa... enquanto se faz aquilo que precisa ser feito, está tudo certo. Todo mundo está feliz, todo mundo está contente. Estão fazendo aquilo como manda o figurino... e você começa a perceber essas coisas, que as pessoas não estão levando em conta a sua vida, o que você sente, o que você pensa, o que você precisa... ninguém é uma máquina. A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto e que ele pertence àquela função, e de rotular. Acontece, também, de não apenas ver o outro como objeto, mas de você se sentir como uma máquina de trabalhar. Você tem que responder. Você tem que dar retorno. Isso causa exaustão porque nem sempre você alcança o que é exigido. A pessoa se sente um objeto... Ela vai se empurrando. Aí ela perde alegria, perde a motivação, perde tudo... Acho que olhar o outro como objeto, não deveria acontecer porque você deve olhar o outro como filho de Deus, como seu irmão, como uma pessoa que precisa de cuidado. Porque se você olhar a pessoa como objeto, você se torna uma secular. Começo a olhar as pessoas como mais uma na sociedade. Eu me torno

indiferente. Eu olho a pessoa como coisa e me torno indiferente à pessoa. A indiferença acontece, se eu estou cansada... Se ele (José) está cansado ele não vai conseguir ver o outro como ele veria, se ele não estivesse tão abalado. Ele não vai conseguir ajudar o outro. Ele deve estar cansado como o outro. Porém, no cansaço nem tudo se torna ruim. Pode haver um peso. Mas, vai muito da escolha da pessoa... depende muito do autoconhecimento de cada um. Quando estou cansado, posso tender a ver o outro como objeto, mas, nem sempre”.

D – Ativismo e Vida Religiosa

“Acho que colocar um freio é muito difícil para nós, hoje. O ritmo vai além das forças... Nossa! Estou cansado, preciso de um dia de retiro. Eu penso que a vida consagrada parte de uma vida de oração. Uma vida com Deus. Se não, a missão se torna um assistencialismo. Porque a nossa vida como consagrado, é muito fácil se perder. E a primeira coisa que a gente pode perder é Deus. Pelas coisas de Deus. Não as obras. Não é o centro da missão. A exaustão acaba acontecendo com as pessoas. Não só na vida consagrada, mas no meio normal... Mas, eu acho que é normal ter isso... Você começa a questionar tudo. Você começa a enxergar as coisas e perguntar: vale a pena isso, vale apenas aquilo, pondera isso, pondera aquilo... Às vezes, não tinha nada que me motivava a fazer isso, mas, é... A única coisa que me vinha: eu tenho que fazer. Não consigo, agora, entender uma motivação, mas eu preciso fazer. Tem... altos e baixos. Tinha dia que eu acordava, vale a pena, e enfrentava. No outro dia, já falava, vale a pena, vou enfrentar, e não ia. Então. Isso oscilava muito... Dia após dia. Meses e até anos. O trabalho é demais. Então acaba que se perde o foco. Porém, no cansaço, nem tudo se torna ruim. Pode haver um peso. Mas, vai muito da escolha da pessoa... Depende muito do autoconhecimento de cada um. Quando estou cansado, posso tender a ver o outro como objeto, mas, nem sempre.”

E - Coping

“Isso aqui é o que está acontecendo comigo. Eu acho assim... o problema... não é vocação, é, sim, mais emocional. Ele (José) poderia rever outro lugar que pudesse corresponder com aquilo que ele sente, com aquilo que responde a sua vocação. Porque algumas coisas agradam a ele, outras coisas não agradam. E aí, nessa coisa, vem à frustração, vem o *stress*, o cansaço e a irritação. A pessoa, também, precisa parar para cuidar de si e se cuidar. Porque de tanto dar, chega uma hora que esvazia. E você só vai ter o *stress*. Não irá ter mais nada. Já cheguei a me questionar... e se, realmente, valeria a pena. Depois, entender que com Deus é como se tudo valesse... Por isso, estou feliz. Passando esse momento de cansaço, de stress, eu vejo que sou feliz, que eu sou plena naquilo que faço e, então, vale a pena. Eu também tento dar esse sentido: não sou só eu que tenho problema”.

F - Coping religioso.

“Esse caminho de exaustão que acontece, acho que é normal. Cada um de nós passa por isso e a chave de como sair, as vezes que me deparei... o que me fez estar na graça de Deus... é o diálogo com os irmãos de caminhada. A minha maneira de sair também é essa: de oferecer para Deus. Eu ofereço o sofrimento e a solidão. Contudo, a chave mesmo, é do diálogo com os irmãos e a oração. De você se colocar diante de Deus e dos irmãos. Travar eu nunca travei.... Eu sempre tiro a calma pelo medo, por exemplo... quando estou diante de uma situação, a minha escolha foi sempre de enfrentar. Sentir exausta, acabada, irritada com os outros e frustrada diante da missão, acho que isso é um sentimento que a gente vive muitas vezes em diferentes momentos. Mas, uma coisa que ajuda é voltar aquele primeiro desejo: porque eu decidi ser um consagrado. Acredito que você precisa sofrer e se entregar, quando você tem com muita clareza ... aquilo que é a sua missão e voltar... Eu não sei como explicar, mas uma coisa que me ajuda nesse processo de sofrer pela vocação, é você poder

encontrar aquelas pessoas com quem você pode realmente contar.

G - Representações sociais.

“Eu sou muito feliz por ser uma consagrada, por ser disponível e de ser esposa de Cristo. Apesar de que, às vezes, até dói. Hoje, não me vejo capaz de corresponder, mas, ao mesmo tempo eu sinto que ele me ama, apesar de tudo isso. Esse amor, me faz ainda rir, me faz olhar, me faz sonhar. Se não for isso, tenho que entrar em outro discernimento. Mas, a vocação é o que tem me segurando mesmo. A partir de uma experiência com Deus, você decide dedicar sua vida para Deus. Dedicar sua vida por algo que é diferente do que o mundo vive. Só que no trabalho, todo mundo tem trabalho e frustração. A nossa vida, não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família, de uma pessoa que acorda cinco horas da manhã para trabalhar, não é diferente. O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é Deus... A diferença de uma pessoa que está no mundo secular, de uma pessoa que escolheu a vida consagrada é o sentido. Nosso sentido é Deus. Parou de olhar para aquele que chamou ele. Então, ele começou a ver a exaustão das coisas. Porque ele não conseguia enxergar. Ele tirou o seu olhar daquilo que era o centro... Mas por ele ter tirado o olhar do primeiro chamado que ele teve com Deus, ele começou a se frustrar, naquela vida que ele vivia. A exaustão acaba acontecendo com as pessoas. Não só na vida consagrada, mas no meio normal... Mas, eu acho que é normal ter isso... Isso é muito humano. Não que o cansaço faça ser frustrado, infeliz. Acho que ele é muito pequeno diante de um chamado muito grande. Vale a pena sofrer pela vocação”.

H - Representações sociais religiosas e *distress* moral.

“Numa vida consagrada, a gente é levado a olhar sempre para o outro. Então, se torna até um pecado, a gente olhar só para gente... por um tempo, a gente até aguenta isso. Só... que nosso psicológico já não aguenta mais... Muitos têm o julgamento que você caiu no orgulho. Tem... essa falta de compreensão. Tudo isso pode se tornar... um peso. Essa exaustão vai gerando conflitos maiores... Tudo vai se tornando um peso... até a pessoa não aguentar. Às vezes, ele sente que faz a coisa certa, porém, ele está bem dividido: tem essa confusão dentro dele... uma parte... ele se sente realizado vocacionalmente, mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo. Além disso, ... tem o sofrimento que agrada a Deus, mas também tem um sofrimento que a gente procura. Não é um sofrimento que vem de Deus... Quando entra essa coisa do *stress*, da irritação, da enfermidade, acredito que... não é de Deus... uma vez me falaram que... a cruz está pesada, mas a pessoa está feliz... Se a pessoa está infeliz, sofrendo... então não vale a pena, porque a pessoa vai perdendo a vida. Acho que ele não procurou ajuda, em questão a isso. Por isso, ele ficou tão pressionado numa caixa... e vai ter uma hora que ele vai estourar, porque ninguém é de ferro. Muitas vocações são destruídas, porque a pessoa vai deixando acumular, acumular, acumular, até... não querer mais... e depois... fala que estourou. Ninguém entende. Mas, vale a pena sofrer pela vocação... por mais que naquele momento você esteja lutando pela sua vocação, parece que não vai dar certo.”

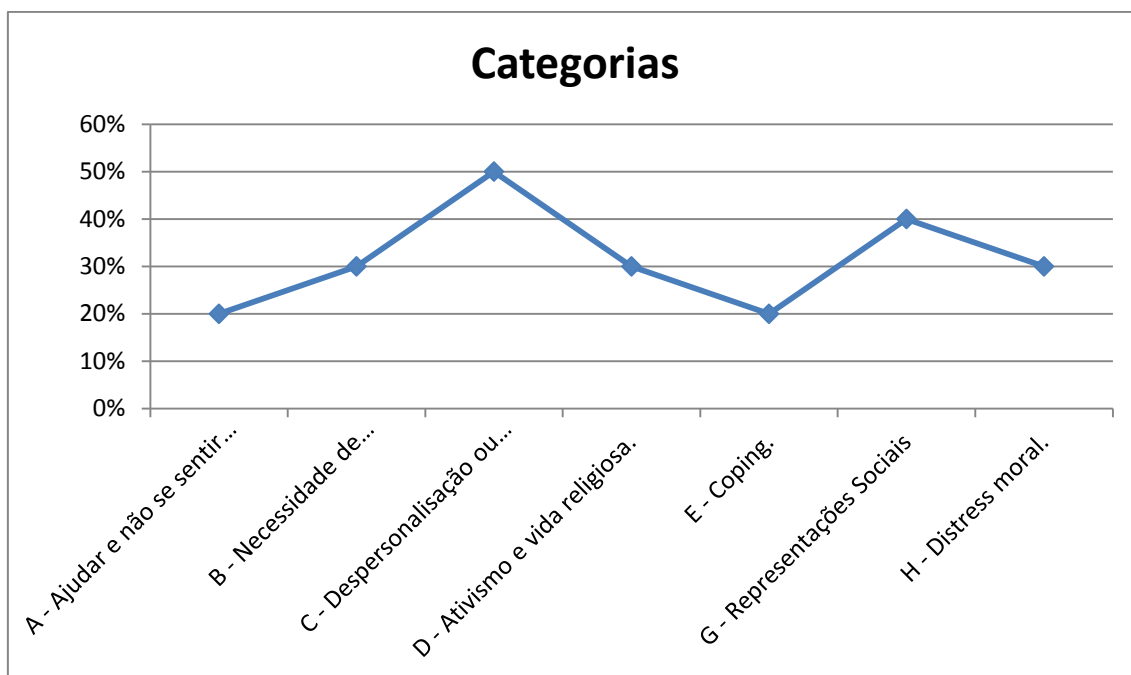


FIGURA 05: PERCENTAGEM DAS CATEGORIAS NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 O ciclo de stress/distress e as dimensões da síndrome de *burnout*.

Analisando as respostas das entrevistadas e a frequência dos agrupamentos de sentido que revelaram o discurso do sujeito coletivo - embora não tenha sido possível realizar um diagnóstico psicotécnico de cada participante - é possível considerar que todas as entrevistadas experimentaram, na caminhada vocacional, sintomas de exaustão emocional, despersonalização e relativa realização vocacional/profissional (Christina Maslach e Susan Jackson, 1981).

Interessante notar que a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização vocacional e profissional, reveladas no discurso, não foram exclusividade de doenças associadas ao *distress*, ou, mesmo, à síndrome de *burnout*. Tais dimensões pareceram estar, em menor grau, já no início do ciclo de *stress* e se intensificam na medida em que as dificuldades do ambiente e/ou as fragilidades humanas vão “consumindo” o sujeito.

Os discursos nos sugeriram a seguinte hipótese: parece existir um “hífen” psicossomático entre a mera sensação de exaustão emocional e a exaustão emocional física propriamente dita. Sentir-se cansado, não significa, necessariamente, estar “*estressado*”.

Sentir-se “*estressado*” não significa estar “*distressado*”. E sentir-se “*distressado*” não significa estar “*burnado*”. Esdras Vasconcellos (2016) sugeriu que esse “hífen” psicossomático esteja subjacente, na fase de resistência do ciclo de *stress*. Segundo o autor, existe uma resistência *eustressante*, ou seja, saudável, e outra *distressante* associada às doenças psicossomáticas, dentre as quais está a síndrome de *burnout*. A mesma, por sua vez, é associada à resistência *distressante* e pode vir a estar vinculada à fase de exaustão quando surge a falência de um ou mais órgãos.

Do ponto de vista psicossomático, essa constatação vai de encontro com a distinção feita por António Damásio no livro “Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos”. O autor fez uma distinção entre emoções e sentimentos. As emoções foram consideradas pelo autor como reações instintivas ligadas a estímulos externos, já os sentimentos foram considerados como frutos de construções neurais desses estímulos, de modo que seja possível lembrar e/ou reviver uma emoção passada. Torna-se possível afirmar que exista uma constante semelhante no ciclo de *stress*. Determinados mapas neurais, associados a sentimentos, puderam despertar mecanismos fisiológicos de *stress/distress* quando os sujeitos entrevistados foram estimulados pelo caso apresentado a reviverem experiências emotivas no ambiente em que vivem e trabalham, por exemplo. O ciclo de *stress/distress* se intensificou nessa dinâmica entre estímulos, emoções e sentimentos.

6.2 O ciclo de stress/distress e a literatura sobre *burnout* na vida religiosa.

Os resultados da pesquisa corroboraram com o resultado de outros estudos feitos sobre *stress* e *burnout* (Selye 1936, 1950, 1974; Maslach e Jackson, 1984; 2005). Primeiro em relação à teoria do *stress* e do *burnout* concebida não apenas a partir da noção de estado, mas, sim, de um processo Psiconeuroendocrinológico (Vasconcellos, 2002). Teoria empiricamente comprovada que nos permitiu avaliar o *stress* numa graduação inicialmente saudável e necessária, mas que, a partir de certo ponto de exaustão e desequilíbrio físico e psíquico, pode se tornar prejudicial à saúde como *distress*.

Desse processo, nos interessou estudar a influência das ideias presentes no processo de avaliação de *stress/distress* numa linha cognitivo comportamental (Lazarus e Folkman, 1984; Schaufeli e Buunk, 2003), abordando a influência das representações sociais emergentes da “*dialogicidade*” consensual do “*eu-outro*” (cf. Moscovici, 2001; Jodelet 1984, 2001; Spink 1993, 1996; Marková, 2003; Guareschi, 2004; Jovchelovitch, 2007).

Os resultados corroboraram com correlações obtidas a partir de pesquisas pontuais sobre o *stress/distress* na vida religiosa, tal como podemos elencar a seguir. A incidência de casos mais graves de exaustão percebidas e comprovados como *distress*, por exemplo, foram mínimas (cf. Fichter, 1984; Crea, 1994; Valle, 1994; Lotufo, 1997). A maioria se demonstrou afetada pelo *stress* na fase de resistência (cf. Morais, 2008).

Os missionários revelaram estar cansados e insatisfeitos com as condições do lugar onde vivem e trabalham, mas, todos eles demonstraram estar realizados com a própria vocação (cf. Crea, 1994). Os mais jovens foram os mais afetados pelo cansaço, seja pela frustração diante do real em relação a altas expectativas do início da carreira, seja pela falta de maturidade e inexperiência (cf. Barson e colegas, 2006; Doolittle, 2010; Herrera e colegas, 2014).

Todas as entrevistadas, ao julgar o caso apresentado, demonstraram um referencial teleológico com ideais de perfeição a serem seguidos: a missionária perfeita, a igreja perfeita, a missão perfeita, entre outros. A literatura já havia apontado que pessoas perfeccionistas, ambientes mais exigentes do ponto de vista moral, modelos eclesiais pesados e anacrônicos, bem como a qualidade das relações estabelecidas poderiam promover *distress* moral, o ciclo de *stress* e o conseqüente *burnout* (cf. Lotufo 1997; Valle 1994, 2010; Pereira, 2013).

Também é interessante notar que, no público estudado, nem sempre problemas de ordem psíquica foram percebidos como sintomas específicos de saúde a serem tratados (cf. Lotufo, 1997). Todas as entrevistadas demonstraram algum tipo de discurso moral, ou religioso, capaz de confortá-las diante de situações estressantes, mas nenhuma delas considerou o cansaço como objeto a ser tratado pela ciência, por um profissional da área de saúde. Esse foi um dado “não dito”, ofuscado por uma representação social religiosa atrelada ao cansaço, ou ao sofrimento. De modo geral, os problemas de saúde foram considerados apenas do ponto de vista religioso: “*ele parou de olhar para aquele que o chamou. Então, ele começou a ver a exaustão das coisas*” (cf. entrevistada 07).

6.3 Discussão sobre as categorias apontadas.

As experiências pessoais diante do *stress/distress* foram variadas e puderam despertar inúmeros sentimentos tais como apontaram as categorias do discurso do sujeito coletivo: ajudar e não se sentir ajudado, necessidade de reconhecimento e autossuficiência, sensação de ser um objeto num organismo maior, sentir-se abalado por certo ativismo em detrimento da

vida religiosa, entre outros. Em tais relatos, também transpareceram representações sociais constantes no grupo e estratégias de *coping* coletivas e individuais.

Ajudar e não se sentir ajudado

Na pesquisa, foram entrevistados pessoas, entre 20 e 30 anos, com poucos anos de vida religiosa, porém com vínculos com a instituição em que vivem e trabalham. Todos os entrevistados revelaram ter experiências de exaustão emocional principalmente em relação ao trabalho assistencial com a população carente, confirmando assim o conceito de fadiga por compaixão proposto por Edênio Valle (2010).

Algumas revelaram esse aspecto na sensação de não sentir-se ajudado vinculada ao sentimento de solidão e desconfiança. Foi essa a percepção de 20% das entrevistadas, embora todas tenham feito menção ao desgaste físico e psíquico o qual veio acompanhado de emoções intensas associadas às exigências e dificuldades do trabalho pastoral em realidades pobres, com pessoas em situação de risco.

A sensação de doar mais do que receber manifestou-se como uma constante, acompanhada da seguinte dissociação: *“a pessoa sente-se realizada vocacionalmente, pelo menos do ponto de vista racional, mas, emocionalmente, percebe-se fragilizada e exausta”* (cf. entrevistado 03). Alguns relativizaram as dificuldades em que vivem para ressaltar as razões de ser consagrado: *“vale a pena sofrer pela vocação”* (cf. entrevistado 09). A solidão e a desconfiança surgiram em consequência do desgaste psíquico e emocional.

A *“fadiga de compaixão”* e a crise de modelos eclesiais (Valle, 1994 e 2010) foram dois elementos subtendidos no discurso de todas as entrevistadas, visto que a missão com os pobres é desgastante (entrevistados 01, 02, 05, 09 e 10) e a comunidade onde vivem e trabalham configurou-se como *“carismático”*. Modelo eclesial diferente de outros grupos internos da Igreja e dos costumes religiosos tradicionais da maioria dos católicos. A linha pentecostal parece ser muito exigente do ponto de vista emocional, porque exige inspiração e motivação em grau sempre elevado: *“a gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo”* (cf. entrevistado 02).

Necessidade de reconhecimento

Outro aspecto presente nos relatos referiu-se à necessidade de reconhecimento vinculado a sentimentos de autossuficiência, tal como apontaram 30% das entrevistadas. Essa necessidade pode estar associada ao desejo de se destacar do comunitário, ou do comum.

Talvez não se aplique a comunidade estudada como um todo e, sim, a alguns indivíduos. Foram revelados alguns elementos no discurso das religiosas que corroboram com o individualismo e a secularização.

Não é raro que a combinação de um ambiente hierárquico rígido e personalidades com traços autoritários na liderança, favoreçam a mentalidade e atitudes de autossuficiência, tal como sugere Kurt Lewin (1946). Pedir ajuda nesses ambientes parece ser sinônimo de fraqueza. De modo especial, se vinculadas a ideais de perfeição individual. Normalmente, a vida religiosa tem como objetivo a fraternidade, a partilha de bens e a obediência como valores a serem seguidos, porém, quando secularizadas e influenciadas pelo individualismo, essas comunidades tendem a viver como empresas. A fraternidade sede espaço para a concorrência, a partilha ao egoísmo e obediência à arbitrariedade. A aparência prevalece, tal como disse uma das entrevistadas: “*Todo mundo está contente... fazendo aquilo que manda o figurino*” (cf. entrevistada 02).

Despersonalização

A despersonalização foi o elemento mais frequente e representou 50% de indicações entre as entrevistadas. Foi expresso quando os religiosos percebiam-se instrumentalizados, por obedecerem contra a própria vontade e quando, em situações de extremo cansaço, se viam agressivos com alguém, sem desejarem agredir. As dinâmicas da organização e possivelmente o modelo eclesial proposto se demonstraram propícios a estas experiências para alguns entrevistados mais sensíveis. Fato que vai ao encontro daquilo que Pereira (2013) chamou de “*dor institucional*”. Dúvidas quanto à realização vocacional/profissional também foram reveladas, porém, mais em relação ao local da missão do que da vocação propriamente dita.

Percebeu-se, também que o *stress/distress* manifestado no discurso, foi provocado pelas dinâmicas comunitárias, pelas dificuldades do ambiente, pelas sensações pessoais de cansaço atreladas às emoções e aos pensamentos, etc. Ou seja, mais por um desgaste psicológico provindo das dinâmicas psicossociais das relações estabelecidas com os colegas e as autoridades, do que uma patologia do desgaste psíquico e físico, provocado pelo excesso de atividades, ou pela pobreza do lugar, onde vivem e trabalham as religiosas.

Ativismo

Os entrevistados também apontaram o ativismo como um dos principais estressores. Ele foi descrito como perda de foco, ou desvio daquilo que é essencial, num ideal teleológico.

O centro da missão apontado foi Deus e não as obras por elas mesmas, como descreve uma representação social apresentada. E o contrário dessa ideia também foi indicado como estressor, de modo especial, para quem vive numa comunidade religiosa: o cansaço foi associado à ideia de infidelidade a Deus e a sua missão (cf. entrevistados 4 e 10).

De modo geral, poderíamos pressupor que a maioria dos entrevistados associou o *distress* com infidelidade. A irritação, ou a enfermidade, quando causaram sofrimentos excessivos não foram consideradas de Deus (cf. entrevistado 03). Por vezes, alguns apontaram a exaustão como falta de fé, perda de foco, ou desvio do ideal religioso proposto. Fato que manifesta certo *distress moral*, pois, diante do cansaço, por exemplo, a procura de compensações, recompensas ou mesmo de descanso prolongado, pôde ser vista como pecado (cf. entrevistado 02).

Coping

Já as estratégias de *coping* usadas pelas entrevistadas e as representações sociais adotadas no grupo serviram de apoio e conforto, por um lado. Mas, por outro lado, trouxeram à tona questões “*não ditas*”, recalcadas pelo “*silencio sagrado*” e por valores que configuraram o sofrimento psíquico e a “*dor institucional*” do grupo estudado (cf. Pereira, 2013). O *distress moral* tornou-se, assim, subjacente a essas questões: “*Já cheguei a me questionar varias vezes, se realmente valeria a pena. Depois, entender que com Deus é como se tudo valesse*” (entrevistada 09).

As estratégias de *coping* foram variadas. Mas, de modo geral, poderíamos destacar as mais usadas pelo grupo, tais como: relativizar os próprios problemas comparando-os com os de outras pessoas, promover o autoconhecimento, conferir sentido religioso ao sofrimento, redefinir as metas da missão, etc. Outras estratégias ligadas à ação também puderam ser destacadas: procurar diálogo com os amigos, reservar tempo para a oração, saber esperar os momentos difíceis passarem, etc. (cf. entrevistados 01 e 06).

Representações sociais

As estratégias de *coping* foram justificadas por representações sociais. Elas se concentraram em dar sentido aos problemas enfrentados pelo grupo. Também foi apontado que as crises se devem mais ao aspecto emocional do que vocacional (cf. entrevistado 03). Esse dado justificou o ideal de martírio, de sofrer pela missão. Também foi apontado como

um estressor, o ritmo frenético da sociedade diante do qual a comunidade religiosa se viu obrigada a adaptar-se sem perder a identidade religiosa (cf. entrevistado 01).

Dentre as representações sociais mais frequentes está a ideia de empregar sentido religioso a diversos aspectos frente a uma situação estressora, seja em relação à motivação, à ação, aos métodos, ou, ainda, às consequências. Diante do cansaço, alguns procuraram voltar às primeiras motivações vocacionais diante das quais qualquer estressor parece se tornar pequeno, de modo que sofrer pela vocação valha a pena. A vocação foi vista como motivação para a perseverança e superação das dificuldades da missão.

Outros deixaram mais explícito a representação social sobre Deus como único sentido da vida e da missão, em geral. Desviar-se dessa convicção de fé, foi encarado como risco de entrar no ativismo, como infidelidade à missão e, até, como risco de adoecer. Dessas informações é interessante notar o discurso sobre fé e as condições de saúde.

Distress moral

O *distress* moral também apareceu como algo subjacente atrás de representações sociais, tais como “*sofrer por causa da vocação*”. O sofrimento manifestado em alguns discursos parece estar vinculado a uma dissociação entre o que se está sentindo, no sentido de um mal-estar físico provocado pelo cansaço, e o que se está pensando. Ou seja, a maneira como as religiosas interpretam o sofrimento pela religião, faz com que o cansaço seja relativizado, e, até, ocultado como uma realidade “*não dita*”. Como se cuidar da saúde e do bem-estar psicológico fosse inconcebível com o ideal de doação, a tal ponto de alguém dizer: “*se torna até pecado a gente olhar só para gente*” (cf. entrevistado 2).

Todas as entrevistadas revelaram algum tipo de desabafo, reclamação e/ou atitude de auto anulação diante de estressores próprios da vida em comunidade e das dinâmicas que envolveram a obediência e as interações entre os membros da comunidade. Contudo, foram desabafos quase sempre seguidos de um discurso moral, ou religioso. Como se manifestar a própria dor psíquica, ou mesmo o próprio pensamento, fosse algo errado, egoísta, e passível de correção.

O problema é que, em certas situações, é preciso olhar para si mesmo: “*depende muito do autoconhecimento de cada um*” (cf. entrevistada 08).

7. CONCLUSÃO

Em consonância com os objetivos propostos e os resultados obtidos neste estudo, considerando as justificativas e delimitações, concluímos que:

- O instrumento denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), tornou-se um modelo de investigação eficiente para obter depoimentos e de categorizar, mediante os discursos de religiosas de uma instituição eclesial de vida ativa, que a exaustão emocional, a despersonalização, e a baixa realização profissional e vocacional são marcadores que influenciaram no comportamento e oscilaram desde o mero cansaço às doenças associadas ao *distress*.

- Foram encontradas evidências nos discursos das religiosas de que existe diferença entre se sentir exausto do ponto de vista psicológico e de se estar exausto do ponto de vista fisiológico. Fato que nos permitiu dizer que a síndrome de *burnout* não foi frequente no público estudado, embora suas dimensões tenham sido apontadas na maioria dos discursos.

- Constatou-se, também, que algumas representações sociais religiosas do grupo, quando não amenizaram o sofrimento psíquico por meio de estratégias de *coping* partilhadas, justificaram ou reforçaram situações de “*dor institucional*”. Dependeu como os sujeitos assimilaram as representações sociais e como se deixaram influenciar por elas.

- A representação social religiosa do sofrimento, com suas imagens e significações no comportamento das religiosas pesquisadas tornaram-se um núcleo inspirador de outras ideias e significados periféricos tais como: a vontade de Deus, a vida fraterna, a missão, o paraíso, entre outras representações.

- Os discursos das religiosas sugeriram que a ideia de cumprir o desígnio divino até o martírio é um padrão inspirado na vida de pessoas consideradas santas. O martírio foi traduzido como esforço em obedecer, em viver em comunidade e em trabalhar com os mais pobres. O sofrimento foi encarado como inevitável e inerente a essas ações.

- Os discursos evidenciaram que as representações sociais religiosas não existem como imposição do grupo à pessoa, nem como imposição do capricho de alguém ao grupo, como poderia existir em relação a uma ideologia, por exemplo. Todas as religiosas disseram estar realizadas vocacionalmente, apesar do cansaço e das estratégias de *coping* mal sucedidas. As representações sociais, mesmo aquelas que produzem o *distress* moral, foram acolhidas e reforçadas pelas entrevistadas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFLECK, G; TENNEN, H; CROOG,S; LEVINE, S (1987). Causal attribution, perceived control, and recovery from a heart attack. *Journal of social and clinical Psychology*, vol 5, p. 339 – 355.
- ARNAIS, José Maria (2007). Para servir comandando e para comandar servindo. O exercício do poder na Vida Consagrada. *Convergência*, XLII, nº407, nov, p. 557-568. Brasília: CRB.
- ASCH, Salomon (1952). *Social Psychology*. Englewood: Prentice – Hall.
- BARSON, P.; CALTABIANO, M.; RONZONI, G. (2006). Il burnout tra i preti di una diocese italiana. In: *Orientamenti Pedagogici: rivista Internazionale di scienze dell'educazione* . Vol. 53-2, nº 314, p. 313-336. Roma: Erickson.
- BAUMAN, Zygmund (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T (2002). Burnout: O processo de adoecer pelo trabalho. In: BENEVIDES- BENJAMIN, Walter; Löwy (2013). *O capitalismo como religião: fragmento 74*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- BÍBLIA. *TEB - Tradução Ecumênica Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1994.
- CEREDA, Francesco (2004). La Fragilità vocazionale: avvio alla riflessione e proposte di intervento. In: *Atti del Consiglio Generale* , n 385. Roma.
- CREA, Giuseppe (1994). *Stress e burnout negli operatori pastorati: una ricerca tra i missionari*. Bologna: Editrice Missionaria Italiana.
- CHANDLER, D.J. (2009). Pastoral burnout and the impact of personal spiritual renewal, rest-taking, and support system practices. *Pastoral Psychology*, vol.58, p. 273-287. Springer link.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (1983). Promulgado pelo Papa João Paulo II. São Paulo: Loyola.
- DEJOURS, Christophe (1986). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- DELBROUCK, Michel (2003). *Síndrome de Exaustão (Burnout)*. Lisboa: Climepsi editores, p. 41 – 45.
- DELEUZE, Gilles (1990). Post-scriptum: sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed.34.
- DESCHAMPS, Jean – Claude; MOLINER, Pascal (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes, p. 125.
- DOOLITTLE, Benjamin .R. (2010). The impacto of behaviors upon burnout among parish-based clergy. *Journal of Religion and Health*, vol. 49, nº 1, p. 88 – 85. Springer link.

HERRERA, Helena López; PEDROSA, Ignacio; GALINDO, Vicente M. Purificación; SUÁREZ-ÁLVARES, Javier; GALINDO, Villardón M. Purificación; GARCIA-CUETO, Eduardo (2014). Multivariate analysis of burnout syndrome in Latin American priests. In: *Psicothema*, vol. 26, n° 2, p. 227-234. Oviedo (Spain): Oviedo University press.

ELLIS, Albert (1973). *Humanistic psychology: the rational – emotive approach*. New York: Julian.

ENZAMANN, D; Schaufeli, W.B; Jansen, P. e Rozeman, P. (1998). Dimensionality and validity of the Burnout Measure. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, vol. 71, p. 331 – 335.

EVERLY, G.S (1989). *A clinical guide to the treatment of human stress response*. New York: Plenum Press.

FARR, Robert (1996). *As raízes da Psicologia Social Moderna*. Petrópolis: Vozes.

FICHTER, Joseph (1984). The myth of clergy burnout. *Sociological Analysis*, vol. 45, n. 4, p. 373-382. Oxford: Oxford University Press.

FIGLEY, C. R. (1995). Compassion fatigue as secondary traumatic stress disorder: an overview. In: C.R. Figley (Org.) *Compassion fatigue* (pp. 1-20). New York: Brunner/Mazel.

FOUCAULT, Michel (1999). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.

FRANCIS, Leslie.; Rutledge, C.J.F (2004). Burnout among male Anglican parochial clergy in England: Testing a modified form of the Maslach Burnout Inventory. *Research in the Social Scientific Study of Religion*, 15, 71-93.

FRANCIS, Leslie J.; Loudon, S.H; Rutledge, C.J.F (2004). Burnout among Roman Catholic parochial clergy in England and Wales: Myth or reality? *Review of Religious Research*, vol. 46, p. 269-277.

FRANCIS, Leslie J.; Turton, D. W. (2007). The relationship between attitude toward prayer and professional burnout among Anglican parochial clergy in England: Are praying clergy healthier clergy? *Mental Health, Religion and Culture*, vol.10, p. 61-74.

FRANCIS, Leslie.J.; Robbins, M.; Rolph, J.; Turton, D.; Rolph, P. (2010). The relationship between recalled self-esteem as a child and current levels of professional burnout among anglican clergy in England. *Pastoral Psychology*, vol. 59, p. 551-561.

FREGE, G (1977). The thought: a logical inquiry. In: STRAWSON, P (ORG). *Philosophical Logic*. Oxford: Oxford University Press.

FREUDENBERGER, Herbert (1974). Staff burn out. In: *Journal of Social Issues*, Vol 30, p. 159 – 165.

FREUDENBERGER, Herbert (1980) citado por DELBROUCK, Michel (2003). *Síndrome de Exaustão*. Lisboa: Climepsi, p. 47.

FRIEDMAN, Meyer. ROSENMAN, Ray. H (1974). *Type A behavior*. New York: Knopf.

GEER, J. H.; MAISEL, E. (1972). *Evaluating the effects of the prediction control confound*. Journal of personality and social psychology, Vol. 23, p. 314 – 319.

GROSCH, Willian; OLSEN, David (2000). Clergy burnout: an interative approach. In: *Journal of clinical psychology*. Vol.56 . P. 619-632.

GUARESCHI, Pedro (2004a). *Psicologia social crítica como prática de libertação*. Porto Alegre: Edic Puc Rs.

GUARESCHI, Pedro (2004b). Processos psicológicos na representação religiosa. In: PAIVA, Geraldo José & ZANGARI, Wellington. *A representação social na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola.

HILGARD, Ernest & ATKINSON, Richard (1976). *Introdução à Psicologia*. 15 ed. São Paulo: Cengage Learning.

HOSTIE, Raymond (1967). *Vida y muerte de las ordenes religiosas: estudo psicossociológico*. Desclée de Brouwer.

JACKSON-JORDAN, E.A. (2013). Clergy burnout and resilience: A review of the literature. *The Journal of Pastoral Care & Counseling*, vol. 67, nº1, p. 1-3. Sage link.

JAMESON, Frederic (1991). *Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, p.221.

JEAN-MARIE, Jaspard (2004). A natureza simbólica das representações sociais. In: PAIVA, Geraldo José; ZANGARI, Wellington (Orgs.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola.

JOÃO PAULO II (1996). Exortação apostólica *Vita Consecrata*. São Paulo: Loyola.

JODELET, Denise (1984). The representation of the body and its transformations. In: FARR, R.M; MOSCOVICI, Serge (orgs.) *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press.

JODELET, Denise (2001). *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: Denise Jodelet (org). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.17-44. Ibid, p.89.

JOVCHELOVITCH, S (2007). *Knowledge in context: representation, community and culture*. Londres: Routledge, p. 28.

KOBASA, Suzanne (1979). Stressful life events, personality, and health. An inquiry into hardiness. *Journal of personality and social Psychology*, vol. 37, p. 1-11.

KRISTENSEN, T.;BORRITZ, M.; VILLADSEN, E.; CHRISTENSEN, K.B (2005). *The Copenhagen Burnout Inventory: a new tool for the assessment of burnout*. Work and Stress, vol. 19, p. 192 – 207.

L'OSSERVATORE ROMANO. A vida consagrada está viva entre novos institutos e novas formas. Città del Vaticano, 28 de Agosto de 2010.

LACOST e JEAN – YVES (dir.) et all (2004). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas - Loyola.

LAGO, Kennyston; CODO Wanderley (2010). *Fadiga por compaixão: o sofrimento dos profissionais em saúde*. São Paulo: Vozes.

LAZARUS, Richard; FOLKMAN, Susan (1980). *An analysis of coping in a middle – aged community sample*. Journal of health and social behavior, 21, 219-239.

LAZARUS, Richard; FOLKMAN, Susan (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.

LEFEVRE, F; TEIXEIRA, J. J.V (2000). *O discurso do sujeito coletivo: uma abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS.

LEFEVRE, F; LEFERE, A.M.C. (2005) *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Liber.

LEWIN, Kurt (1948). *Resolving Social Conflicts*. Nova York: Harper & Row.

LIBANIO, João Batista (1999). *Cenários de Igreja*. São Paulo: Loyola.

LIPP, Marilda Novaes (2000). *O stress*. São Paulo: Contexto.

LLORCA, Bernardino; GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo e LABOA, Juan María (2005). *Historia de la Iglesia Católica*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

LOTUFO, Neto. F. (1997). *Psiquiatria e religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. Tese (Livre-docência em Psiquiatria). Faculdade de medicina da universidade de São Paulo/USP, São Paulo.

LOWE, R., Vedhara, K., Bennett, P., Brookes, E., Gale, L., Munnoch, K., Schreiber-Kounine, C., Fowler, C., Rayter, Z., Sammon, A. & Farndon, J. (2003). Emotion – related primary and secondary appraisals in women awaiting breast disease diagnosis. *British Journal of health psychology*, vol. 08, p. 377-391.

MALVEZZI, Sigmar (2000). *Psicologia Organizacional: da administração científica à globalização: uma história de desafios*. São Paulo: USP.

MARKOVÁ, I. (2003). *Dialogicality and social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press.

- MASLACH, C.; JACKSON, S. E. (1986). *Maslach Burnout Inventory*. Palo Alto: Consulting Psychology Press.
- MASLACH, C.; JACKSON, S. E. (2005). Understanding burnout. In: HALPERN, D.F; MURPHY, S.E. *From work-family balance to work-family interaction: Changing the metaphor*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- MASLACH, C; SCHAUFELI, W.B, LEITER, M.P (2001). *Job Burnout Annual*. California: Review of psychology, Vol.52, p. 397-422.
- McEWEN, Bruce (1998). Protective and damaging effects of stress mediators. In: *The New England Journal of Medicine*, vol. 338, n.3, p. 171 -179.
- MOSCOVICI, Serge (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P.U.F.
- MOSCOVICI, Serge (1978). *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MOSCOVICI, Serge (2001). *Representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- MORAIS, Maria de Fátima (2008). *Stress, burnout, coping em padres responsáveis pela formação de seminaristas católicos*. Doutorado em ciências da religião. São Paulo: PUC
- NOLEN- HOEKSEMA, Susan et all (2012). In: ATKINSON e HILGARD. *Introdução à psicologia*. São Paulo: Cengage Learning, p. 468 – 498.
- PAIVA, Geraldo José (1999). *Representação social da religião em docentes pesquisadores universitários*. Psicologia USP, 10 (2), 227 – 239.
- PARGAMENT, K, I (1997). *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: Guilford Press.
- PEREIRA, A. M. T. (Org.) *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PEREIRA, William Cesar Castilho (2013). *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Belo Horizonte: editora PUC Minas.
- PIAGET, Jean (1972). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PORTUGAL, Francisco Teixeira (2013). Comparação e genealogia na psicologia inglesa do século XIX. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- RAJ, Antony; DEAN, Karol (2005). Burnout and depression among Catholic Priest in India. In: *Pastoral Psychology*, vol. 54, n.2.
- RAHNER, Karl (1967). *O Cristão do futuro*. São Paulo: Novo século, pp. 78-81.
- RANGÉ, Bernard (2001). *Psicoterapias cognitivo-comportamentais*. Porto Alegre: Artmed editora, p. 477.

RICHARD, Pablo (1982). *Morte das cristandades e Nascimento da Igreja*. São Paulo: Paulinas.

SAPOLSKY, Robert Maurice (1996). Stress, glucocorticoids, and damage to the nervous system: the current state of confusion. In: *The International Journal on the Biology of Stress*, vol 1, p 1-19.

SAPOLSKY, Robert Maurice (2002). Endocrinology of the stress – response. In: BECKER, Jill et all. *Behavioral Endocrinology*. Cambridge: Massachusetts Institute of Tecnology.

SAWAIA, Bader Burihan (1993). *Representação e ideologia – o encontro desfetichizador*. In: SPINK, Mary Jane (org.) *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, p.73.

SCHAUFELI, Wilmar; BUUNK, Bram (2003). Burnout: an overview of 25 years of research na theorizing. In: SCHABRACQ, Marc; WINNUSBST, Jam; COOPER, Cary (eds). *The handbook of work and health psychology*. New York: John Wiley, p. 383-425.

SELYE, Hans (1936). A syndrome produced by diverse nocuous agents. In: *Journal of neuropsychiatry and clinical neurosciences*. July, 4.

SELYE, Hans (1950). Stress and general adaptation syndrome. In: *British Medical Journal*. London: Saturday. June 17.

SELYE, Hans (1974). *Stress without distress*. Philadelphia: J.B. Lippincott.

SPINK, Mary Jane (1993). O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, p.88.

SPINK, P.K (1996). A organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia do trabalho. In: *Psicologia e Sociedade*, vol.8, n°1, jan/jun, p.174-192.

TAYLOR, Frederick Winslow (1911/1947). *Scientific Management*. New York: Harper & Row.

VALLE, Edênio (1994). Rumo a um novo modelo de vida consagrada. In: *Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB*, n° 275, p. 406. São Paulo: Loyola.

VALLE, Edênio (2003). Padre você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil. São Paulo: Loyola.

VALLE, Edênio (2010). Estresse ou fadiga de compaixão nos religiosos de hoje? In: *Convergência*, XLV, n 737, dez, p. 791 -801. Brasília: CRB.

VASCONCELLOS, Esdras (2002). O modelo psiconeuroendocrinológico de stress. In: SEGER, Liliana. *Psicologia e Odontologia: uma abordagem integradora*. São Paulo: Santos editora, p. 145.

VASCONCELLOS, Esdras. Psiconeuroendocrinoimunologia (2007). In: TEDESCO, Júlio; CURY, Alexandre Faisal. *Ginecologia Psicossomática*. São Paulo: Ateneu, p.42.

VILLANUEVA, Pascual Chávez (2013). *Testimoni del Dio Vivente*. Città del Vaticano: Libreria Editrice, p.50.

VIRGINIA, Stephen G (1998). Burnout and depression among roman catholic secular, religious and monastic clergy. *Pastoral Psychology*, vol.47, n°1, p. 49-67.

WINNUBST. J.A.M; COOPER, C.L. (1993). *The Handbook of Work and Health Psychology*. New York: John Wiley e Sons, p. 383-425.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisa: “O *burnout* no discurso do sujeito coletivo de religiosas de uma instituição eclesial católica de vida ativa”.

Este documento é um convite para você participar da pesquisa: “O *burnout* no discurso do sujeito coletivo de religiosas de uma instituição eclesial católica de vida ativa”, que é coordenada pelo mestrando Thales Epop Simões, orientado pelo Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga prejuízo ou penalidade.

Este estudo tem como objetivo analisar o discurso do sujeito coletivo, presente numa instituição eclesial de vida ativa, em relação aos elementos constituintes da síndrome de *burnout* a qual é consequente de um processo de *stress* intenso. Em outras palavras, isso significa identificar, no discurso dos entrevistados, elementos que constituem o sofrimento psíquico específico da síndrome de *burnout*, a saber: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional. Consiste, também, verificar, na relação indivíduo-grupo, se as representações sociais religiosas, partilhadas e manifestadas no discurso do sujeito coletivo, amenizam ou intensificam essas dimensões. Caso decida aceitar o convite, você será submetido ao seguinte procedimento de pesquisa:

- 1) o entrevistador irá ao local onde você mora e/ou trabalha.
- 2) você responderá livremente a três perguntas feitas pelo pesquisador.
- 3) sua resposta será gravada num dispositivo apropriado.
- 4) os relatos serão postos por escrito no computador e analisados segundo a metodologia do discurso do sujeito coletivo que trabalha com agrupamentos de sentido de expressões, ideias chave e ancoragens, as quais dão base para a descrição do discurso coletivo e a identificação e influencia de representações sociais.
- 5) a entrevista terá duração de no mínimo 5 min e no máximo 10 min.
- 6) se houver algum desconforto por parte do entrevistado, seja pela forma de como está sendo abordado, seja pelo conteúdo das perguntas, ou outro motivo qualquer, o entrevistador terá a sensibilidade de parar a entrevista e perguntar se o mesmo quer continuar, ou interromper.

Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos. Mas, aconselhamos a não participar da pesquisa se você, por problemas de ordem psicológica, não estiver bem consigo mesmo, ou não estiver bem em relação a sua vocação/profissão, ou, em relação à comunidade de pertença. Embora, a pesquisa seja uma oportunidade para autoavaliação e fortalecimento de suas próprias motivações e convicções.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Se houver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via deste termo e toda a dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser esclarecida com o mestrando Thales Epov Simões cujos contatos são:

- celular: (11) 991574369,
- e-mail: epov@usp.br,
- endereço: Rua Dona Martinha, 165, Santana, São Paulo, SP. CEP 02460-080.

Enquanto as objeções a respeito da conduta ética poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP:

- Tel. (11) 3091-4182
- e-mail: ceph.ip@usp.br
- endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Cidade Universitária, São Paulo, SP. CEP 05508-030. Bloco G, 2º andar, sala 27.
- atendimento: entre 9h30 e 12h, e, 14h e 16h.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos e procedimentos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos, e concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Nome do participante da pesquisa: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: ___/___/___

Nome coordenador da pesquisa: _____

Assinatura do coordenador da pesquisa: _____

Data: ___/___/___

GERIR PESQUISA

Para cadastrar um novo projeto, clique aqui: [Nova Submissão](#) Para cadastrar projetos aprovados anteriores à Plataforma Brasil, clique aqui: [Projeto anterior](#)

BUSCAR PROJETO DE PESQUISA:

Título do Projeto de Pesquisa: CAAE:


Pesquisador Responsável: Última Modificação: Tipo de Projeto:

Palavra-chave:

SITUAÇÃO DA PESQUISA

- Marcar Todas
- Aprovado
- Em Apreciação Ética
- Em Edição
- Em Recepção e Validação Documental
- Não Aprovado - Não Cabe Recurso
- Não Aprovado na CONEP
- Não Aprovado no CEP
- Pendência Documental Emitida pela CONEP
- Pendência Documental Emitida pelo CEP
- Pendência Emitida pela CONEP
- Pendência Emitida pelo CEP
- Recurso Submetido ao CEP
- Recurso Submetido à CONEP
- Recurso não Aprovado no CEP
- Retirado
- Retirado pelo Centro Coordenador

LISTA DE PROJETOS DE PESQUISA:

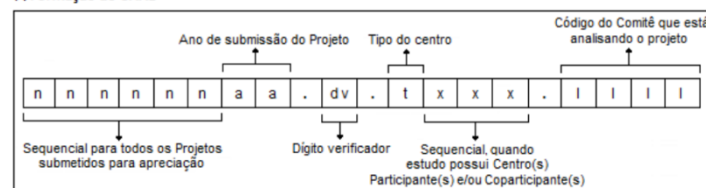
Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comitê de Ética	Instituição	Origem	Última Apreciação	Situação	Ação
P	44662615.0.0000.5561	2	Thales Epov Simões	5561 - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo	UNIVERSIDADE DE SAO PAULO	PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo

P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE



(*) Origem / Última Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador POp = Projeto Original de Centro Participante POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
 E = Emenda de Centro Coordenador Ep = Emenda de Centro Participante Ec = Emenda de Centro Coparticipante
 N = Notificação de Centro Coordenador Np = Notificação de Centro Participante

(*) Lista de Projetos de Pesquisa

- A exibição da ação  indica que existem uma ou mais emendas em fila, ou seja, que aguardam apreciação.

APÊNDICE

Entrevistas Realizadas

Entrevistas

Entrevista 01

“A respeito de José, ele é uma pessoa humana. Ele passa por algo espiritual, o chamado de Deus, e depois, ele vai e enfrenta. E depois de dez anos, ele fala que decidiu ser um leigo consagrado à vida inteira. Aí ele fala de algumas aflições e tudo mais. E no final, ele começa a se questionar. Ajudou, ajudou, mas agora não tem quem o ajude. Isso é humano, mas a gente se coloca como ajudador de situações. No final, todos nós somos ajudadores e ajudados. Eu acho que a chave da questão é você sempre achar o equilíbrio. Isso para nós é difícil. Como religioso, também. Quantas vezes a gente passa por necessidades pessoais e eu não me permito ser ajudado. A gente fica triste, ou passa por alguma frustração. Eu sou irmã, no meu caso. Eu sou religiosa, então. Eu não posso, né. Esse caminho de exaustão que acontece, acho que é normal. Cada um de nós passa por isso. E a chave de como sair, as vezes que me deparei, assim, o que me fez estar na graça de Deus, e tudo, é o diálogo com os irmãos de caminhada. Com os irmãos que você confia, acho que é mais ou menos assim. Mas, com os sentimentos é isso que acontece, independe se é religioso, ou não, em alguma profissão. Acho que isso acontece com cada um de nós: ver o outro como objeto. Eu já passei por isso. Eu já fui algumas vezes coordenadora e existem situações que você tem tanta coisa para fazer, por exemplo: você tem aquela lista de vinte itens para se resolver durante o dia. E aí, eu já passei. Não conscientemente, vi meu irmão como uma coisa, mas, inconscientemente isso aconteceu. Se ele fizesse parte dos meus itens, se ele não estivesse nos meus itens, eu não teria parado e dialogado, entendeu? E aí, quando você se avalia, entra essa coisa da frustração: ‘opa pera aí, onde estou. Existe o amor, o evangelho.’ Aí você lembra né: ‘Larguei meu pai, minha mãe. Tudo para viver a palavra. Viver o amor e agora, eu não vou, não estou conseguindo.’ Acho que quando a gente vai por uma coisa mais corriqueira, seja por rotina, acho que colocar o freio é muito difícil para nós, hoje. A humanidade é muito dinâmica. O ritmo vai além das forças. Aí você vai: ‘Nossa estou cansado, preciso de um dia de retiro’. Aí você vai olhar na agenda, não tem a data. Ai a irmã fala, vai, você consegue e vai mais uma semana. Quando estou cansada eu procuro o outro. Essa condição da solidão, em mim, ela vem mais quando não tem alguém em quem eu confio. Vem junto com a desconfiança. Aqui entre os meninos, eu gosto de todos. Aqui estou um mês e ainda não consegui criar laços. Então, a partilha fraterna, de brincadeira você vai, mas, de maneira mais profunda, eu não consegui alcançar, no tempo de hoje. Então, eu caio com essa solidão. A minha maneira de sair é essa: de oferecer para Deus. Eu ofereço o sofrimento, a solidão. Aí, eu ofereço, como oferta. É uma coisa que não é palpável. Emocional com o emocional. Racionalmente eu sei o que preciso. E hoje eu estou assim. Eu já me vi como se estivesse de fora. Muitas vezes. Eu me acompanhando. A primeira semana quando cheguei aqui eu ficava, nossa, perdida. Igual barata tonta. Eu ficava assim. Meu Deus, como eu posso me ajudar. Aí você partilha, conversa. Vai fazer alguma atividade em grupo. Medita a palavra. Eu não estou bem nesse tempo, então eles me respeitaram também. Então, essa coisa do respeito entre nós é muito forte. Então o que tem me ajudado. Hoje estou bem melhor. Na primeira semana eu estava bem fechada triste. Sentindo-me frustrada, culpada, em fim. Racionalmente eu sabia que não era minha culpa. Tem um tempo para cada coisa. O tempo da poda. O tempo do abraço. Se não meu coração estaria travado. Foi o tempo que eu tive que passar. Eu tive que passar por aquilo. E ao mesmo tempo eu tive esse apoio comunitário. Porque minha vida também é comunitária. Todos perguntavam: e aí, você está bem? Todos sabiam e eu também sabia que eu não estava nada bem e aí aos poucos a própria vida foi entrando no seu eixo assim. Entendeu. Mas, para mim é muito essa coisa. A chave mesmo é do diálogo com os irmãos e a oração. De você se colocar diante de Deus e dos irmãos. Travar eu nunca travei, assim. O medo não me trava. Eu sempre tiro a calma pelo medo. Eu sou muito medrosa, insegura. Quando estou diante da situação, a minha escolha foi sempre de enfrentar. Então, não que eu travo. Eu consigo ir, assim. Mas, eu sempre fui de enfrentar. Então, eu sempre fui um pouco curiosa, assim. Eu sempre quis saber como é o que é. Se eu me pego em alguma situação, eu pego e vou assim. O que tem me sustentado é a vocação. Em minha vocação de celibatária eu sempre coloco Deus como meu refúgio, meu abrigo. Quando olho para trás, vale a pena só por isso. Pela minha esponsalidade. Hoje, eu sou muito feliz, por ser uma consagrada. Por ser disponível. De ser esposa de Cristo. Apesar. Às vezes, até dói. Hoje não me vejo capaz de corresponder, mas ao mesmo tempo eu sinto que ele me ama,

apesar de tudo isso. Esse amor me faz ainda rir, me faz olhar, me faz sonhar. Se não for isso, tenho que entrar em outro discernimento. Mas, a vocação é o que tem me segurado mesmo.

Entrevista 02

“Quando li esse texto o que eu percebo. Eu percebo que, numa experiência de conversão, esse primeiro chamado que a pessoa tem dessa experiência com Deus, isso é muito forte. Primeiro é um encontro pessoal com Deus, então o ser humano já traz isso no coração. Esse desejo. Essa ânsia do encontro com Deus. Tudo. E logo transfere isso para a vida consagrada também. Isso que eu percebo, assim. E depois, ele tinha passado no vestibular. Tinha namorada e é como se isso tivesse parado no meio. Então ele. A pessoa se dedica toda a missão, mas ainda, precisa de um autoconhecimento. Acho que muitas vezes, falta isso. Esse acompanhamento da vida religiosa. Em alguns casos é esse acompanhamento. Da pessoa se conhecer. Fazer essa experiência de conversão que é muito importante. Isso é o essencial e depois tem o acompanhamento antes. Inserida numa comunidade de leigos consagrados, religiosa, etc. E depois, para pessoa ver se é aquilo mesmo. E ver se é para seguir uma carreira. O que eu percebo é que ele tem todos esses sentimentos também. Por não saber como seria não continuar com a namorada, ou ter feito uma faculdade. Então fica algo dividido, mesmo que faça alguma coisa boa. Que é falar da palavra de Deus, viver isso, ajudar os pobres. Mas, isso, a pessoa precisa dessa reavivação como pessoa. Então acho que isso. Esse sentimento que eu percebia. Eu acho que a pessoa está numa confusão. Por ter esses sentimentos assim. Porque eu acho muito difícil a gente parar e pensar em nós mesmos, assim. Então numa vida consagrada a gente é levado a olhar sempre para o outro. Então, se torna até um pecado a gente olhar só para gente, assim. Muitas vezes levado a isso. Então, você se doar. Então, por um tempo a gente até aguenta isso. Só que chega um tempo que nosso psicológico já não aguenta mais. Então, quando a gente começa a parar de olhar só para as pessoas e ter esse olhar para nós. Acho que isso tem um conflito. É como se você quisesse reter a vida de novo. Então as pessoas acham que você está voltando atrás. Alguns entendem, alguns não entendem. Muitos têm o julgamento que você caiu no orgulho. Tem esse fardo sim, essa falta de compreensão. Tudo isso pode se tornar mais um peso. Essa exaustão vai gerando conflitos maiores. Pela pessoa não olhar exatamente. Tudo vai se tornando um peso cada vez mais. Até a pessoa não aguentar. Eu acho que ela chega nessa fase de se sentir usada se ela percebe que ninguém está olhando para aquilo que ela necessita. Acho que ela se sente usada nessa questão. Enquanto ela faz aquilo que precisa ser feito, está tudo certo. Todo mundo está feliz, todo mundo está contente. Estão fazendo aquilo como manda o figurino. Mas, quando você começa a perceber essas coisas. Que as pessoas não estão levando em conta a sua vida, naquilo que você sente, naquilo que você pensa, naquilo que você precisa também, porque, ninguém é uma máquina. Então eu acho que ela começa a se sentir usada, nisso. Então é algo recíproco. Você não dá só para receber, mas você precisa conciliar as duas coisas. Eu, aqui, acho que Jose não está realizado. Ele sente que faz a coisa certa, porém, ele está bem dividido. Tem essa confusão dentro dele. Tem uma parte que ele fala que se sente realizado vocacionalmente. Mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo. Então. Realizado completamente, ele não está porque ele não consegue. Porque ele precisa ter o equilíbrio. Se uma coisa está mais ou menos e a outra está totalmente oposta. Não está bem. Aqui pelo que percebi, eu acho que não. Se ele tem uma ajuda. Se ele relembra essa história assim. Isso é capaz de motivar ele de novo. A viver essa experiência. Mas, acho que sozinho, a pessoa não consegue fazer essa experiência. Se ela entra nesse conflito. E se ela percebe que ao redor dela nada ajuda para fazer isso. Ajuda para que possa sair disso. Então a experiência da conversão, acho que é algo essencial. Eu acho que a tendência, por exemplo, numa vida apostólica. Tem que ter um cuidado muito grande. Se não a gente acaba caindo, assim. Porque, como eu falei, a gente está acostumado a fazer as coisas. Cada um tem uma função. Eu tenho que desenvolver bem o meu papel. Eu preciso, por exemplo, sou coordenadora da casa. Então meu papel é manter a ordem na casa. Passar nos lugares para ver se está tudo organizado. Ver a programação das pessoas. É fazer com que tudo se desenvolva, na casa. Que eu acompanhe eventos. Que eu dialogue com as pessoas. Que veja a programação, a vida espiritual. Se estão rezando, como é que está. Mas, se eu deixo de fazer isso. Isso vai e outros tem atividades na casa. Se as pessoas não fazem a sua parte as coisas acabam pesando. A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto. Que ele pertence àquela função e rotular. Que ele só serve para lavar a louça, então só vai lavar a louça. Se colocar outra pessoa já não será da mesma forma. Acho que temos que tomar muito cuidado. Em minha opinião tem muito essa coisa. Se José precisa dessa ajuda psicológica e emocional, então

acho que isso é algo que precisa ser trabalhado e que tem como ajudar. Se ele se sente plenamente feliz na vocação dele. Com certeza, ele tem que lutar por isso. São fases da vida. Se ele se distanciou da experiência de conversão dele. Então ele precisa ter outra experiência que faça ele viver a experiência da conversão e leve ele a um passo maior, um passo na intimidade para dar um novo sentido na vocação dele”.

Entrevista 03

“Isso aqui é o que está acontecendo comigo. Eu acho assim. Que no caso dele. Como está dizendo aqui no texto, o problema dele não é vocação, é mais emocional. Ele poderia rever outro lugar que pudesse corresponder com aquilo que ele sente, com aquilo que responde a sua vocação. Porque algumas coisas agradam a ele, outras coisas não agradam. E aí nessa coisa vem à frustração, vem o estresse, o cansaço e a irritação. Necessitaria ele repensar um pouco, nesse caminho dele de vida religiosa. Talvez para repensar um lugar que pudesse suprir os dois lados, tanto o vocacional, quanto o emocional. Porque se o emocional não está bem, o vocacional vai ficar abalado, vai ficar mexido. Ele não vai conseguir responder a Deus como ele gostaria. Então tem essa coisa. Tem essa dúvida que ele tem. Será que estou respondendo a Deus. Ele pode estar respondendo de uma parte, mas de outra parte ele não está. Então não está sendo cumprida essa entrega total dele a Deus. Acho que é mais isso. Talvez de repensar o lugar, ou dar um tempo para ele mesmo para por os pensamentos no lugar. Às vezes ele tem essa tentação de dar, dar, e todo ser humano tem essa tentação de receber também. Para poder se preencher. Se abastecer para poder dar. Talvez seja isso que ele esteja sentido falta. Talvez de um descanso. Até pessoas para poder conversar que compreendam a situação que ele está vivendo. Até pessoas que apoiem o trabalho que ele faz. Não é um trabalho fácil. É um trabalho bem difícil. Realmente recebe muitas críticas. É dado como doido. No caso dele a família não aceita. E isso, se continua assim, pode até piorar. Ele pode entrar no estresse maior. Então a pessoa precisa parar para cuidar de si e se cuidar. Porque de tanto dar, chega uma hora que esvazia. E você só vai ter o estresse. Não irá ter mais nada. Ver o outro como objeto, é como uma bola de neve. Acontece não de ver o outro como objeto, mas de você se sentir como uma máquina de trabalhar. Você tem que responder. Você tem que dar retorno. Isso causa uma exaustão porque nem sempre você alcança o que é exigido. Ai fica naquela busca. Por isso, que às vezes a pessoa se dá tanto e acaba que uma hora vai necessitar de alguém para poder se suprir e não consegue. Às vezes, é olhar para si próprio não como um objeto. Embora a pessoa se sinta um objeto. É mais do que quando ela se vê como objeto. Ela vai se empurrando. Aí ela perde alegria, perde a motivação, perde tudo. Aquilo que ela tinha no início. Aquele desejo todo vai se esvaziando. Acho que dessa maneira não vale sofrer pela vocação. Acho que depois que ele se recuperar. Sair desse estresse. E aí realmente, entender o sofrimento. Porque tem o sofrimento que agrada a Deus, mas também é um sofrimento que a gente procura. Não é um sofrimento que vem de Deus. Então. Quando entra essa coisa do estresse da irritação, da enfermidade, acredito que já não é de Deus. Que nem uma vez me falaram que a pessoa está sofrendo, a cruz está pesada, mas ela está feliz. É uma coisa bem diferente. Se a pessoa está infeliz, sofrendo e está se empurrando então não vale a pena. Porque aí a pessoa vai perdendo a vida. Por ele não estar fazendo aquilo que não é verdadeiramente a vocação dele. Talvez ele tenha a vocação dele. É o que deixa ele feliz. Mas, ele não está fazendo o que realmente ele goste. Que vale apenas. Mesmo se ele sofrer vale a pena. E os que conseguem, porque realmente se encontrou no lugar e vai. Ama favela, ama estar na rua, fazer tudo o que tem que fazer. E tem os que não se identificam muito e, por isso causa esse sofrimento”.

04 Entrevista

Na experiência de José, ele fala que teve uma experiência com Deus e essa experiência foi autêntica. Isso fez com que ele dedicasse sua vida para Deus. O que acontece. O José não tinha uma vida de oração. Eu penso que a vida consagrada parte de uma vida de oração. Uma vida com Deus. Se não a missão se torna um assistencialismo. Eu ajudo as pessoas... “e agora quem me ajuda? Todo esse trabalho, esse sofrimento, vale a pena? E assim ele comparava os prós e os contras”. A nossa vida, eu penso como consagrada. Não é que a gente escolheu ser diferente porque todo mundo tem a vocação para o casamento. Mas, a partir de uma experiência com Deus, você decide dedicar sua vida para Deus. Dedicar sua vida por algo que é diferente do que o mundo vive. Só que no trabalho, todo mundo tem trabalho e frustração. A nossa vida não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família, de uma pessoa que acorda cinco horas da manhã para trabalhar, não é diferente. O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é Deus. Então é aquela palavra que fala. Existem pessoas que se tornam eunucos pelo Reino de

Deus. Então nossa meta é Deus. A missão é consequência de nossa intimidade com Deus. E mesmo que tenha frustrações, tenha o cansaço, tem um sentido. Que é a oferta que a gente entrega para Deus. Porque frustração todo dia a gente tem. A gente também tem que acordar cedo. Uma pessoa na empresa tem isso. Só que a diferença de um a pessoa que está no mundo secular, de uma pessoa que escolheu a vida consagrada, é o sentido. Nosso sentido é Deus. O consagrado se compara com o mundo lá fora, do mundo que não para, do mundo que dá retorno. E Jesus ficou trinta anos em Nazaré. Ele teve a vida pública durante três anos sendo Deus e muitas vezes nós queremos o retorno imediato das coisas. Queremos a conversão imediata das pessoas. Eu acho que agente tem que pensar numa coisa a longo prazo. Acho que olhar o outro como objeto não acontece porque você deve olhar o outro como filho de Deus. Como seu irmão, como uma pessoa que precisa de cuidado. Porque se você olhar a pessoa como objeto você se torna uma secular. Começo a olhar as pessoas como mais uma na sociedade. Eu me torno indiferente. Eu olho a pessoa como coisa e me torno indiferente à pessoa. Eu não tenho um olhar em Deus para aquela pessoa. Eu olho mais como um mendigo, mais uma garota de programa. Não olho aquilo que essência da pessoa. Que ela é de Deus. Acho que não é o cansaço que faz isso, mas a falta de espiritualidade. Acho que falta da vida de oração, Porque a nossa vida como consagrado é muito fácil se perder. E a primeira coisa que gente pode perder é Deus. Pelas coisas de Deus. Não as obras. Não é o centro da missão. Eu pensa que as emoções, a gente sempre vai ter cansaços e frustrações. Quando a pessoa está cansada, ela está frustrada. Acho que a gente tem essa coisa da vida. É a missão, é Deus. Mas eu também tenho que ter um tempo de descanso, um tempo para estar com Deus, comigo mesmo. Horário de sono regular. Para não cair no ativismo. Porque se eu não vejo o fruto de minha missão, eu me frustro, porque eu acho que o fruto de minha missão virá a partir de meu trabalho e não pela graça de Deus. E depois você vê que tudo é graça de Deus, não é problema. As frustrações não são mais um problema, mas o que Deus quer fazer a partir daquilo. Se eu estou em Deus. Se eu consigo ter um olhar contemplativo. Eu penso que muito consagrados se frustram porque tiram o centro. Depois de fazer memória com Deus. Memória daquilo que Deus fez na história, na vida. Vale a pena sofrer pela vocação. Como eu disse. Todo mundo sofre. Nosso sofrimento se torna indiferente porque é de Deus. Se você está cansado você vai descansar. Não é porque sou consagrada que não tenho tempo para o descanso. A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades. As vezes, as pessoas não tem consciência dos próprios limites. Aconteceu comigo. Eu estava no Amazonas e não dei conta do clima. Meu físico não se adaptou ao calor. Mas, você tem que estar disposto a ser verdadeiro e humilde. Falar que você não dá conta. Porque você acha que tem que dar conta. Mas, será que é isso a vontade de Deus? A vontade passa no seu limite. Deus conhece nosso ser. Ele conhece nossos sonhos e desejos. Então, não é que ele vai nos tornar infelizes na missão. Não é que não dei conta de uma coisa que a vontade de Deus irá ficar lá. Eu fiquei no Amazonas, mas a comunidade entendeu. Não era necessário, eu permanecer lá. Diante de minha situação de saúde. Mas, era preciso ter ido para lá. Para viver a missão. Para viver as coisas. Não anular aquilo. Não colocar limites para viver as coisas. Porque tem limites, tem problema, não. Mas, viver. Fazer a vontade de Deus é da obediência com os superiores. Depois você entende o caminho.”

Entrevista 05

“Ele começou com uma vida de jovem normal, que ia para a faculdade, tinha uma vida de namoro, mas aí ele decidiu optar por outra via. Estava falando que queria ser padre. Mas, quando ele falou que queria ser padre. Todo mundo ficou contra ele. Então durante um pouquinho de tempo, ele sentia bem. Conseguia segurar a barra de todo mundo que estava com ele. A família, talvez a namorada ficou magoada, penso eu. Depois ele começou a perceber, que só ele estava lutando pela sua vocação, com a força dele. Depois, ele começou a querer reconhecimento, que, eu acho que foi uma das coisas que atrapalhou ele. Ele fazia as coisas e queria que alguém reconhecesse. Ele esqueceu que ele fazia aquilo porque ele queria. Não porque ele tinha que ser reconhecido. Então, isso atrapalhou ele. Ele teve insônia. Depois de muito tempo. Ele sofre para ele. Ele não fala na direção dele: olha não estou aguentando. Tem gente contra mim. Acho que ele não procurou ajuda, em questão a isso. Por isso, ele ficou tão pressionado numa caixa assim e vai ter uma hora que ele vai estourar. Porque ninguém é de ferro. Muitas vocações são destruídas porque a pessoa vai deixando acumular, acumular, acumular, até uma parte que diz chega não quero mais. E depois que ela fala que estourou ninguém entende. Não, não você estava tão bem o que aconteceu? Por que você desistiu do nada? Aí sim ela vai começar a se abrir para falar que. Ai não, eu estava cansada disso e disso.

Ninguém me apoiava, eu não tinha reconhecimento das coisas. Sendo que a pessoa que faz a obra. Ele visita a família. Ele tem que ter a noção que ninguém tem que reconhecer o serviço dele. Que é para Deus. Em questão dessa ordem. Que é para Deus. Não tem que ter um reconhecimento dos homens. Ele deve saber o que está fazendo certo e ponto. É isso que deixou ele meio em crise. Que acumulou para ele. Pode ter se abalado. Eu acho que ele sabe que está no caminho certo. Mas, eu acho que a mãe não apoiar você. A mãe é o fator principal. Eu não tenho mais mãe na terra. Mas, quando eu tinha, como eu queria. Como eu queria o apoio de minha mãe nem que fosse para jogar o papel no lixo. Eu queria. Então, o emocional da pessoa, vai ficando assim. Se ele não se domina, o emocional vai ficar fraco. Se ele quiser reconhecimento, ele não vai ter estrutura emocional. Vai abalar o emocional dele. Quando ele não tem apoio. Ele precisa da autoestima. A indiferença acontece, se eu estou cansada. Ele estava bem soterrado em questão disso. Se ele está cansado ele não vai conseguir ver o outro como ele veria se ele não estivesse tão abalado. Ele não vai conseguir ajudar o outro. Ele deve estar cansado como o outro. Eu estou mais cansado do que ele. Imagina. Deixa ele de canto. Eu estou pior do que ele. Então deixa ele aí. Então vai ficando. Até uma hora depois que ele recuperar realmente. Aí sim. Ele vai pensar. Tem gente que precisa de mim. Puxa vida. Tem uma pessoa ali. Por mais que não pareça que ela esteja precisando, ela não aparenta que ela precisa de ajuda. Mas quando você para conversar, ela precisa mais de ajuda do que todo mundo. Então é isso que ele vê. Vale a pena sofrer pela vocação. Eu nunca vou ser freira. Mas, por mais que naquele momento você está lutando pela sua vocação. Parece que não vai dar certo. Conheci um padre que ficou um tempão para ser ordenado. Já estou dez anos para ser ordenado e não vou ser mais nada. Depois de uns três anos ele foi ordenado diácono. Ele sofreu. Ele chorou, com certeza. Vários dias. Mas, ele lutou. Eu vou conseguir, eu vou perseverar. Hoje ele já é padre. Um padre maravilhoso. Mas, que vale a pena perseverar. Mas, não só o sacerdotal. O matrimonial, por exemplo. No matrimonial, você tem que lutar para ter a pessoa certa. Você também tem o matrimônio de Deus. Por que não adianta casar na Igreja. Por que depois tem que construir na igreja também a família. Então vale a pena lutar para você conseguir conciliar. Até a melhor opção, assim”.

Entrevista 06

“É uma coisa interessante, assim. Porque de certa forma. Querendo ou não, eu me identifico com algumas coisas. Primeiro porque é mais ou menos o mesmo tempo de vida consagrada que eu tenho e eu acredito que as pessoas que vão passando um certo tempo na comunidade acabam vivendo muito dessas coisas aqui. Eu já me vi assim, algumas vezes, pensando da mesma forma. Eu acredito que ele está nesse momento precisando voltar para aquilo que era o primeiro desejo, a primeira intensão. Essa é uma coisa que me ajuda muito. Quando estou nesse tipo de situação. Quando eu estava lendo aqui, mas principalmente essa parte: senti exausta, acabada, irritada com os outros e frustrada diante da missão. Acho que isso é um sentimento que a gente vive muitas vezes, em diferentes momentos. Mas, uma coisa que ajuda assim é voltar aquele primeiro desejo. Porque eu decidi ser um consagrado. Porque eu decidi ser um missionário. É a única coisa que eu senti que faltava no texto todo. Falava muito das coisas da dificuldade, da falta de apoio, da critica. A culpa e tudo mais. Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado existe também. Eu acho que nessa questão acontece principalmente quando você é chamado para viver alguma situação de coordenação. Querendo ou não, por você ter esse papel de liderança. Por incrível que pareça, parece que você tem que responder, não só para as outras pessoas, mas por você mesmo. Que você tem condições de exercer essa função. Que você tem que mostrar que você tem condições para exercer essa função. Que você é bom. Isso sempre vai ficar perto da gente. Eu tenho que responder enquanto coordenadora. E isso acaba ficando dentro da gente. Como uma pressão. Eu tenho que responder enquanto coordenadora. E isso acaba gerando esse sentimento de exaustão e também de solidão. Por mais que você divida a função com alguém, ou as responsabilidades. Você acaba se sentindo meio sozinho assim. Eu acho que quando a pessoa acaba entrando mesmo nesse cansaço mais profundo, eu acho que sim. Mas é como se o foco fosse se desfazendo, se esfarelado, quando o verdadeiro objetivo vai se perdendo por causa das atividades. Eu acho que é possível sim. Acredito que você precisa sofrer e se entregar quando você tem com muita clareza dentro de você aquilo que é sua missão e voltar aquilo todas às vezes. Eu não sei como explicar, mas uma coisa que ajuda nesse processo de sofrer pela vocação é você poder encontrar aquelas pessoas que você pode realmente contar. Aquelas que você pode doar seu coração. Essa é uma graça que encontrei na comunidade. Não só dentro da fraternidade, mas algumas

“pessoas que são referência na sua vida. Que você pode dar um telefonema. Aquelas que você pode ser você mesma para poder voltar no eixo. Acho que isso, também, é uma coisa que é imprescindível, para voltar ao primeiro amor.”

Entrevista 07

“O José teve uma experiência forte com Deus, por isso ele teve esse impulso de largar tudo e seguir o caminho que Deus chamou ele. Só que no meio desse caminho ele parou de olhar para aquele que chamou ele. Então ele começou a ver a exaustão das coisas. Porque ele não conseguia enxergar. Ele tirou o seu olhar daquilo que era o centro. Não que ele não tinha vocação. Mas por ele ter tirado o olhar do primeiro chamado que ele teve com Deus, ele começou a se frustrar naquela vida que ele vivia. Não que não seja exaustivo, ou cansativo e a gente também se sente dessa forma. Mas, quando a gente se sente um objetivo e sabe que Deus é nosso centro e sabe que foi ele que nos chamou e nos deu a responsabilidade para cuidar daquelas almas que tanto precisam dele a gente acaba arrumando uma maneira de pensar que isso tudo é muito pequeno perto do que Deus. Para nós os pobres tem que ser um descanso. Quando ele chegar nós podemos colocar nossos sentimentos e depositar aquilo que recebemos de maior”.

Entrevista 08

“Dividido. Talvez tivesse dado muita coisa para evangelização, mas o psicológico ficou abalado, em conflito. Talvez ele tivesse feito isso de maneira dividida. Acho que ele se humanizou. Porque até mesmo quando a gente se encontra com essas realidades, ao encontro das pessoas. Talvez isso o tenha abalado. Não de parar, mas ele deveria ter resolvido isso consigo mesmo. A exaustão acaba acontecendo com as pessoas. Não só na vida consagrada, mas no meio normal, nas cidades, tem essa coisa do estresse do cansaço. São reverses muito difíceis. Mas, eu acho que é normal ter isso: o estresse o cansaço. Porém, no cansaço nem tudo se torna ruim. Pode haver um peso. Mas, vai muito da escolha da pessoa. Quando estou cansada, assim, nem tudo é objeto. Pode vir o sentimento de cansaço. De não querer fazer. Acho que dá para trabalhar com isso. Depende muito do autoconhecimento de cada um. Quando estou cansado posso tender a ver o outro como objeto, mas, nem sempre. O cansaço sempre vai ter. A vocação vai muito além do cansaço. Muitas pessoas tem esse sentimento de frustração, que não vai dar conta. Mas, o chamado vai muito além. Talvez se depare com uma limitação. Isso é muito humano. Não que o cansaço faça ser frustrado, infeliz. Acho que é muito pequeno diante de um chamado muito grande. Vale a pena sofrer pela vocação. Talvez, quando a gente sofre parece que tudo vai se rumo peso. Que não vai dar conta. Depois num olhar mais amplo, vale a pena. Pelos frutos, por ver uma pessoa feliz. Num olhar mais amplo vale a pena”.

Entrevista 09

“Sim. Minha vida dentro da comunidade, também não é uma realidade muito fácil, né. Principalmente no lugar onde a gente mora (favela). Mas também, em outros lugares, né. Já. Já cheguei a me questionar varias vezes, se realmente valeria a pena. Depois, entender que com Deus é como se tudo valesse, né. Por isso, estou feliz, né. Passando esse momento de cansaço, de stress, eu vejo que sou feliz, que eu sou plena naquilo que faço. Então vale a pena (Vale a pena por amor a Deus, né? – sim). Eu tento, por exemplo, por mais que eu estou cansada, mas eu também tenho meus momentos de descanso, né. Então, se eu dou um sentido a isso, isso vai passar. Tem pessoas que acordam muito mais cedo do que eu, que tem uma carga horária muito mais puxada, às vezes, é pai de família, mãe de família. Eu tento dar esse sentido: não sou só eu que tenho problema, não sô só eu que estou cansada, não sô só eu que tenho dificuldade, pensando no filho, trabalhando muito. Então, sempre pensando no outro. Me ajuda a dar um sentido. Apesar do cansaço eu vou conseguir sair, superar”.

Entrevista 10

Agora um pouco menos. Teve um período que eu não conseguia levantar de fato, mesmo... de cansaço ... não conseguia levantar mais. Daí, por um lado, eu me cobrava por não conseguir, mas por outro lado, eu falava assim: ah! não vale a pena isso, né. As vezes eu ficava naquela, um bom tempo assim. Aí entrava várias coisas, questões, né. Você começa a questionar tudo. Você começa a enxergar as coisas e perguntar: vale a pena isso, vale apenas aquilo, pondera isso, pondera aquilo... (E o que te fazia motivar? Está cansada e o que te fazia...). Tinha algumas vezes que nada. Às vezes, não tinha nada que me motivava a fazer isso, mas, é... A única coisa que me vinha: eu tenho que fazer. Não consigo, agora, entender uma motivação, mas eu preciso fazer. Eu pensava muitas vezes assim, ó, é...: se eu tivesse uma família, cinco filhos e tivesse que sustenta-los, o que eu ia fazer? Tinha que levantar, né. Então, muitas vezes eu pensava nesse sentido daquilo que é próprio do ser humano. Porque, às vezes, a gente não está afim, não está com condições, mas você precisa fazer... (Vale a pena sofrer?). Ah... Às vezes, você pensa assim, vale, as vezes, não. Então... Tem muitos altos e baixos. Tinha dia que eu acordava, vale a pena e enfrentava. No outro dia, já falava, vale a pena, vou enfrentar e não ia, né. Então, isso oscilava muito, assim. Dia após dia. Meses e até anos (muito ativismo, também). O trabalho é demais. Então acaba que perde o foco”.

APÊNDICE

Entrevistas Realizadas

Entrevistas

Entrevista 01

“A respeito de José, ele é uma pessoa humana. Ele passa por algo espiritual, o chamado de Deus, e depois, ele vai e enfrenta. E depois de dez anos, ele fala que decidiu ser um leigo consagrado à vida inteira. Aí ele fala de algumas aflições e tudo mais. E no final, ele começa a se questionar. Ajudou, ajudou, mas agora não tem quem o ajude. Isso é humano, mas a gente se coloca como ajudador de situações. No final, todos nós somos ajudadores e ajudados. Eu acho que a chave da questão é você sempre achar o equilíbrio. Isso para nós é difícil. Como religioso, também. Quantas vezes a gente passa por necessidades pessoais e eu não me permito ser ajudado. A gente fica triste, ou passa por alguma frustração. Eu sou irmã, no meu caso. Eu sou religiosa, então. Eu não posso, né. Esse caminho de exaustão que acontece, acho que é normal. Cada um de nós passa por isso. E a chave de como sair, as vezes que me deparei, assim, o que me fez estar na graça de Deus, e tudo, é o diálogo com os irmãos de caminhada. Com os irmãos que você confia, acho que é mais ou menos assim. Mas, com os sentimentos é isso que acontece, independe se é religioso, ou não, em alguma profissão. Acho que isso acontece com cada um de nós: ver o outro como objeto. Eu já passei por isso. Eu já fui algumas vezes coordenadora e existem situações que você tem tanta coisa para fazer, por exemplo: você tem aquela lista de vinte itens para se resolver durante o dia. E aí, eu já passei. Não conscientemente, vi meu irmão como uma coisa, mas, inconscientemente isso aconteceu. Se ele fizesse parte dos meus itens, se ele não estivesse nos meus itens, eu não teria parado e dialogado, entendeu? E aí, quando você se avalia, entra essa coisa da frustração: ‘opa pera aí, onde estou. Existe o amor, o evangelho.’ Aí você lembra né: ‘Larguei meu pai, minha mãe. Tudo para viver a palavra. Viver o amor e agora, eu não vou, não estou conseguindo.’ Acho que quando a gente vai por uma coisa mais corriqueira, seja por rotina, acho que colocar o freio é muito difícil para nós, hoje. A humanidade é muito dinâmica. O ritmo vai além das forças. Aí você vai: ‘Nossa estou cansado, preciso de um dia de retiro’. Aí você vai olhar na agenda, não tem a data. Ai a irmã fala, vai, você consegue e vai mais uma semana. Quando estou cansada eu procuro o outro. Essa condição da solidão, em mim, ela vem mais quando não tem alguém em quem eu confio. Vem junto com a desconfiança. Aqui entre os meninos, eu gosto de todos. Aqui estou um mês e ainda não consegui criar laços. Então, a partilha fraterna, de brincadeira você vai, mas, de maneira mais profunda, eu não consegui alcançar, no tempo de hoje. Então, eu caio com essa solidão. A minha maneira de sair é essa: de oferecer para Deus. Eu ofereço o sofrimento, a solidão. Aí, eu ofereço, como oferta. É uma coisa que não é palpável. Emocional com o emocional. Racionalmente eu sei o que preciso. E hoje eu estou assim. Eu já me vi como se estivesse de fora. Muitas vezes. Eu me acompanhando. A primeira semana quando cheguei aqui eu ficava, nossa, perdida. Igual barata tonta. Eu ficava assim. Meu Deus, como eu posso me ajudar. Aí você partilha, conversa. Vai fazer alguma atividade em grupo. Medita a palavra. Eu não estou bem nesse tempo, então eles me respeitaram também. Então, essa coisa do respeito entre nós é muito forte. Então o que tem me ajudado. Hoje estou bem melhor. Na primeira semana eu estava bem fechada triste. Sentindo-me frustrada, culpada, em fim. Racionalmente eu sabia que não era minha culpa. Tem um tempo para cada coisa. O tempo da poda. O tempo do abraço. Se não meu coração estaria travado. Foi o tempo que eu tive que passar. Eu tive que passar por aquilo. E ao mesmo tempo eu tive esse apoio comunitário. Porque minha vida também é comunitária. Todos perguntavam: e aí, você está bem? Todos sabiam e eu também sabia que eu não estava nada bem e aí aos poucos a própria vida foi entrando no seu eixo assim. Entendeu. Mas, para mim é muito essa coisa. A chave mesmo é do diálogo com os irmãos e a oração. De você se colocar diante de Deus e dos irmãos. Travar eu nunca travei, assim. O medo não me trava. Eu sempre tiro a calma pelo medo. Eu sou muito medrosa, insegura. Quando estou diante da situação, a minha escolha foi sempre de enfrentar. Então, não que eu travo. Eu consigo ir, assim. Mas, eu sempre fui de enfrentar. Então, eu sempre fui um pouco curiosa, assim. Eu sempre quis saber como é o que é. Se eu me pego em alguma situação, eu pego e vou assim. O que tem me sustentado é a vocação. Em minha vocação de celibatária eu sempre coloco Deus como meu refúgio, meu abrigo. Quando olho para trás, vale a pena só por isso. Pela minha sponsalidade. Hoje, eu sou muito feliz, por ser uma consagrada. Por ser disponível. De ser esposa de Cristo. Apesar. Às vezes, até dói. Hoje não me vejo capaz de corresponder, mas ao mesmo tempo eu sinto que ele me ama,

apesar de tudo isso. Esse amor me faz ainda rir, me faz olhar, me faz sonhar. Se não for isso, tenho que entrar em outro discernimento. Mas, a vocação é o que tem me segurando mesmo.

Entrevista 02

“Quando li esse texto o que eu percebo. Eu percebo que, numa experiência de conversão, esse primeiro chamado que a pessoa tem dessa experiência com Deus, isso é muito forte. Primeiro é um encontro pessoal com Deus, então o ser humano já traz isso no coração. Esse desejo. Essa ânsia do encontro com Deus. Tudo. E logo transfere isso para a vida consagrada também. Isso que eu percebo, assim. E depois, ele tinha passado no vestibular. Tinha namorada e é como se isso tivesse parado no meio. Então ele. A pessoa se dedica toda a missão, mas ainda, precisa de um autoconhecimento. Acho que muitas vezes, falta isso. Esse acompanhamento da vida religiosa. Em alguns casos é esse acompanhamento. Da pessoa se conhecer. Fazer essa experiência de conversão que é muito importante. Isso é o essencial e depois tem o acompanhamento antes. Inserida numa comunidade de leigos consagrados, religiosa, etc. E depois, para pessoa ver se é aquilo mesmo. E ver se é para seguir uma carreira. O que eu percebo é que ele tem todos esses sentimentos também. Por não saber como seria não continuar com a namorada, ou ter feito uma faculdade. Então fica algo dividido, mesmo que faça alguma coisa boa. Que é falar da palavra de Deus, viver isso, ajudar os pobres. Mas, isso, a pessoa precisa dessa reavivação como pessoa. Então acho que isso. Esse sentimento que eu percebia. Eu acho que a pessoa está numa confusão. Por ter esses sentimentos assim. Porque eu acho muito difícil a gente parar e pensar em nós mesmos, assim. Então numa vida consagrada a gente é levado a olhar sempre para o outro. Então, se torna até um pecado a gente olhar só para gente, assim. Muitas vezes levado a isso. Então, você se doar. Então, por um tempo a gente até aguenta isso. Só que chega um tempo que nosso psicológico já não aguenta mais. Então, quando a gente começa a parar de olhar só para as pessoas e ter esse olhar para nós. Acho que isso tem um conflito. É como se você quisesse reter a vida de novo. Então as pessoas acham que você está voltando atrás. Alguns entendem, alguns não entendem. Muitos têm o julgamento que você caiu no orgulho. Tem esse fardo sim, essa falta de compreensão. Tudo isso pode se tornar mais um peso. Essa exaustão vai gerando conflitos maiores. Pela pessoa não olhar exatamente. Tudo vai se tornando um peso cada vez mais. Até a pessoa não aguentar. Eu acho que ela chega nessa fase de se sentir usada se ela percebe que ninguém está olhando para aquilo que ela necessita. Acho que ela se sente usada nessa questão. Enquanto ela faz aquilo que precisa ser feito, está tudo certo. Todo mundo está feliz, todo mundo está contente. Estão fazendo aquilo como manda o figurino. Mas, quando você começa a perceber essas coisas. Que as pessoas não estão levando em conta a sua vida, naquilo que você sente, naquilo que você pensa, naquilo que você precisa também, porque, ninguém é uma máquina. Então eu acho que ela começa a se sentir usada, nisso. Então é algo recíproco. Você não dá só para receber, mas você precisa conciliar as duas coisas. Eu, aqui, acho que Jose não está realizado. Ele sente que faz a coisa certa, porém, ele está bem dividido. Tem essa confusão dentro dele. Tem uma parte que ele fala que se sente realizado vocacionalmente. Mas, emocionalmente, ele tem algo que não está certo. Então. Realizado completamente, ele não está porque ele não consegue. Porque ele precisa ter o equilíbrio. Se uma coisa está mais ou menos e a outra está totalmente oposta. Não está bem. Aqui pelo que percebi, eu acho que não. Se ele tem uma ajuda. Se ele relembra essa história assim. Isso é capaz de motivar ele de novo. A viver essa experiência. Mas, acho que sozinho, a pessoa não consegue fazer essa experiência. Se ela entra nesse conflito. E se ela percebe que ao redor dela nada ajuda para fazer isso. Ajuda para que possa sair disso. Então a experiência da conversão, acho que é algo essencial. Eu acho que a tendência, por exemplo, numa vida apostólica. Tem que ter um cuidado muito grande. Se não a gente acaba caindo, assim. Porque, como eu falei, a gente está acostumado a fazer as coisas. Cada um tem uma função. Eu tenho que desenvolver bem o meu papel. Eu preciso, por exemplo, sou coordenadora da casa. Então meu papel é manter a ordem na casa. Passar nos lugares para ver se está tudo organizado. Ver a programação das pessoas. É fazer com que tudo se desenvolva, na casa. Que eu acompanhe eventos. Que eu dialogue com as pessoas. Que veja a programação, a vida espiritual. Se estão rezando, como é que está. Mas, se eu deixo de fazer isso. Isso vai e outros tem atividades na casa. Se as pessoas não fazem a sua parte as coisas acabam pesando. A gente tem essa tendência de olhar o outro como objeto. Que ele pertence àquela função e rotular. Que ele só serve para lavar a louça, então só vai lavar a louça. Se colocar outra pessoa já não será da mesma forma. Acho que temos que tomar muito cuidado. Em minha opinião tem muito essa coisa. Se José precisa dessa ajuda psicológica e emocional, então

acho que isso é algo que precisa ser trabalhado e que tem como ajudar. Se ele se sente plenamente feliz na vocação dele. Com certeza, ele tem que lutar por isso. São fases da vida. Se ele se distanciou da experiência de conversão dele. Então ele precisa ter outra experiência que faça ele viver a experiência da conversão e leve ele a um passo maior, um passo na intimidade para dar um novo sentido na vocação dele”.

Entrevista 03

“Isso aqui é o que está acontecendo comigo. Eu acho assim. Que no caso dele. Como está dizendo aqui no texto, o problema dele não é vocação, é mais emocional. Ele poderia rever outro lugar que pudesse corresponder com aquilo que ele sente, com aquilo que responde a sua vocação. Porque algumas coisas agradam a ele, outras coisas não agradam. E aí nessa coisa vem à frustração, vem o estresse, o cansaço e a irritação. Necessitaria ele repensar um pouco, nesse caminho dele de vida religiosa. Talvez para repensar um lugar que pudesse suprir os dois lados, tanto o vocacional, quanto o emocional. Porque se o emocional não está bem, o vocacional vai ficar abalado, vai ficar mexido. Ele não vai conseguir responder a Deus como ele gostaria. Então tem essa coisa. Tem essa dúvida que ele tem. Será que estou respondendo a Deus. Ele pode estar respondendo de uma parte, mas de outra parte ele não está. Então não está sendo cumprida essa entrega total dele a Deus. Acho que é mais isso. Talvez de repensar o lugar, ou dar um tempo para ele mesmo para por os pensamentos no lugar. Às vezes ele tem essa tentação de dar, dar, e todo ser humano tem essa tentação de receber também. Para poder se preencher. Se abastecer para poder dar. Talvez seja isso que ele esteja sentido falta. Talvez de um descanso. Até pessoas para poder conversar que compreendam a situação que ele está vivendo. Até pessoas que apoiem o trabalho que ele faz. Não é um trabalho fácil. É um trabalho bem difícil. Realmente recebe muitas críticas. É dado como doido. No caso dele a família não aceita. E isso, se continua assim, pode até piorar. Ele pode entrar no estresse maior. Então a pessoa precisa parar para cuidar de si e se cuidar. Porque de tanto dar, chega uma hora que esvazia. E você só vai ter o estresse. Não irá ter mais nada. Ver o outro como objeto, é como uma bola de neve. Acontece não de ver o outro como objeto, mas de você se sentir como uma máquina de trabalhar. Você tem que responder. Você tem que dar retorno. Isso causa uma exaustão porque nem sempre você alcança o que é exigido. Ai fica naquela busca. Por isso, que às vezes a pessoa se dá tanto e acaba que uma hora vai necessitar de alguém para poder se suprir e não consegue. Às vezes, é olhar para si próprio não como um objeto. Embora a pessoa se sinta um objeto. É mais do que quando ela se vê como objeto. Ela vai se empurrando. Aí ela perde alegria, perde a motivação, perde tudo. Aquilo que ela tinha no início. Aquele desejo todo vai se esvaziando. Acho que dessa maneira não vale sofrer pela vocação. Acho que depois que ele se recuperar. Sair desse estresse. E aí realmente, entender o sofrimento. Porque tem o sofrimento que agrada a Deus, mas também é um sofrimento que a gente procura. Não é um sofrimento que vem de Deus. Então. Quando entra essa coisa do estresse da irritação, da enfermidade, acredito que já não é de Deus. Que nem uma vez me falaram que a pessoa está sofrendo, a cruz está pesada, mas ela está feliz. É uma coisa bem diferente. Se a pessoa está infeliz, sofrendo e está se empurrando então não vale a pena. Porque aí a pessoa vai perdendo a vida. Por ele não estar fazendo aquilo que não é verdadeiramente a vocação dele. Talvez ele tenha a vocação dele. É o que deixa ele feliz. Mas, ele não está fazendo o que realmente ele goste. Que vale apenas. Mesmo se ele sofrer vale a pena. E os que conseguem, porque realmente se encontrou no lugar e vai. Ama favela, ama estar na rua, fazer tudo o que tem que fazer. E tem os que não se identificam muito e, por isso causa esse sofrimento”.

04 Entrevista

Na experiência de José, ele fala que teve uma experiência com Deus e essa experiência foi autêntica. Isso fez com que ele dedicasse sua vida para Deus. O que acontece. O José não tinha uma vida de oração. Eu penso que a vida consagrada parte de uma vida de oração. Uma vida com Deus. Se não a missão se torna um assistencialismo. Eu ajudo as pessoas... “e agora quem me ajuda? Todo esse trabalho, esse sofrimento, vale a pena? E assim ele comparava os prós e os contras”. A nossa vida, eu penso como consagrada. Não é que a gente escolheu ser diferente porque todo mundo tem a vocação para o casamento. Mas, a partir de uma experiência com Deus, você decide dedicar sua vida para Deus. Dedicar sua vida por algo que é diferente do que o mundo vive. Só que no trabalho, todo mundo tem trabalho e frustração. A nossa vida não é diferente de um pai de família, de uma mãe de família, de uma pessoa que acorda cinco horas da manhã para trabalhar, não é diferente. O que faz nossa vida se tornar diferente, é porque existe algo, uma causa que é Deus. Então é aquela palavra que fala. Existem pessoas que se tornam eunucos pelo Reino de

Deus. Então nossa meta é Deus. A missão é consequência de nossa intimidade com Deus. E mesmo que tenha frustrações, tenha o cansaço, tem um sentido. Que é a oferta que a gente entrega para Deus. Porque frustração todo dia a gente tem. A gente também tem que acordar cedo. Uma pessoa na empresa tem isso. Só que a diferença de um a pessoa que está no mundo secular, de uma pessoa que escolheu a vida consagrada, é o sentido. Nosso sentido é Deus. O consagrado se compara com o mundo lá fora, do mundo que não para, do mundo que dá retorno. E Jesus ficou trinta anos em Nazaré. Ele teve a vida pública durante três anos sendo Deus e muitas vezes nós queremos o retorno imediato das coisas. Queremos a conversão imediata das pessoas. Eu acho que agente tem que pensar numa coisa a longo prazo. Acho que olhar o outro como objeto não acontece porque você deve olhar o outro como filho de Deus. Como seu irmão, como uma pessoa que precisa de cuidado. Porque se você olhar a pessoa como objeto você se torna uma secular. Começo a olhar as pessoas como mais uma na sociedade. Eu me torno indiferente. Eu olho a pessoa como coisa e me torno indiferente à pessoa. Eu não tenho um olhar em Deus para aquela pessoa. Eu olho mais como um mendigo, mais uma garota de programa. Não olho aquilo que essência da pessoa. Que ela é de Deus. Acho que não é o cansaço que faz isso, mas a falta de espiritualidade. Acho que falta da vida de oração, Porque a nossa vida como consagrado é muito fácil se perder. E a primeira coisa que gente pode perder é Deus. Pelas coisas de Deus. Não as obras. Não é o centro da missão. Eu pensa que as emoções, a gente sempre vai ter cansaços e frustrações. Quando a pessoa está cansada, ela está frustrada. Acho que a gente tem essa coisa da vida. É a missão, é Deus. Mas eu também tenho que ter um tempo de descanso, um tempo para estar com Deus, comigo mesmo. Horário de sono regular. Para não cair no ativismo. Porque se eu não vejo o fruto de minha missão, eu me frustro, porque eu acho que o fruto de minha missão virá a partir de meu trabalho e não pela graça de Deus. E depois você vê que tudo é graça de Deus, não é problema. As frustrações não são mais um problema, mas o que Deus quer fazer a partir daquilo. Se eu estou em Deus. Se eu consigo ter um olhar contemplativo. Eu penso que muito consagrados se frustram porque tiram o centro. Depois de fazer memória com Deus. Memória daquilo que Deus fez na história, na vida. Vale a pena sofrer pela vocação. Como eu disse. Todo mundo sofre. Nosso sofrimento se torna indiferente porque é de Deus. Se você está cansado você vai descansar. Não é porque sou consagrada que não tenho tempo para o descanso. A gente se acha Deus e acha que pode fazer tudo. Mas, nós temos limites e necessidades. As vezes, as pessoas não tem consciência dos próprios limites. Aconteceu comigo. Eu estava no Amazonas e não dei conta do clima. Meu físico não se adaptou ao calor. Mas, você tem que estar disposto a ser verdadeiro e humilde. Falar que você não dá conta. Porque você acha que tem que dar conta. Mas, será que é isso a vontade de Deus? A vontade passa no seu limite. Deus conhece nosso ser. Ele conhece nossos sonhos e desejos. Então, não é que ele vai nos tornar infelizes na missão. Não é que não dei conta de uma coisa que a vontade de Deus irá ficar lá. Eu fiquei no Amazonas, mas a comunidade entendeu. Não era necessário, eu permanecer lá. Diante de minha situação de saúde. Mas, era preciso ter ido para lá. Para viver a missão. Para viver as coisas. Não anular aquilo. Não colocar limites para viver as coisas. Porque tem limites, tem problema, não. Mas, viver. Fazer a vontade de Deus é da obediência com os superiores. Depois você entende o caminho.”

Entrevista 05

“Ele começou com uma vida de jovem normal, que ia para a faculdade, tinha uma vida de namoro, mas aí ele decidiu optar por outra via. Estava falando que queria ser padre. Mas, quando ele falou que queria ser padre. Todo mundo ficou contra ele. Então durante um pouquinho de tempo, ele sentia bem. Conseguia segurar a barra de todo mundo que estava com ele. A família, talvez a namorada ficou magoada, penso eu. Depois ele começou a perceber, que só ele estava lutando pela sua vocação, com a força dele. Depois, ele começou a querer reconhecimento, que, eu acho que foi uma das coisas que atrapalhou ele. Ele fazia as coisas e queria que alguém reconhecesse. Ele esqueceu que ele fazia aquilo porque ele queria. Não porque ele tinha que ser reconhecido. Então, isso atrapalhou ele. Ele teve insônia. Depois de muito tempo. Ele sofre para ele. Ele não fala na direção dele: olha não estou aguentando. Tem gente contra mim. Acho que ele não procurou ajuda, em questão a isso. Por isso, ele ficou tão pressionado numa caixa assim e vai ter uma hora que ele vai estourar. Porque ninguém é de ferro. Muitas vocações são destruídas porque a pessoa vai deixando acumular, acumular, acumular, até uma parte que diz chega não quero mais. E depois que ela fala que estourou ninguém entende. Não, não você estava tão bem o que aconteceu? Por que você desistiu do nada? Aí sim ela vai começar a se abrir para falar que. Ai não, eu estava cansada disso e disso.

Ninguém me apoiava, eu não tinha reconhecimento das coisas. Sendo que a pessoa que faz a obra. Ele visita a família. Ele tem que ter a noção que ninguém tem que reconhecer o serviço dele. Que é para Deus. Em questão dessa ordem. Que é para Deus. Não tem que ter um reconhecimento dos homens. Ele deve saber o que está fazendo certo e ponto. É isso que deixou ele meio em crise. Que acumulou para ele. Pode ter se abalado. Eu acho que ele sabe que está no caminho certo. Mas, eu acho que a mãe não apoiar você. A mãe é o fator principal. Eu não tenho mais mãe na terra. Mas, quando eu tinha, como eu queria. Como eu queria o apoio de minha mãe nem que fosse para jogar o papel no lixo. Eu queria. Então, o emocional da pessoa, vai ficando assim. Se ele não se domina, o emocional vai ficar fraco. Se ele quiser reconhecimento, ele não vai ter estrutura emocional. Vai abalar o emocional dele. Quando ele não tem apoio. Ele precisa da autoestima. A indiferença acontece, se eu estou cansada. Ele estava bem soterrado em questão disso. Se ele está cansado ele não vai conseguir ver o outro como ele veria se ele não estivesse tão abalado. Ele não vai conseguir ajudar o outro. Ele deve estar cansado como o outro. Eu estou mais cansado do que ele. Imagina. Deixa ele de canto. Eu estou pior do que ele. Então deixa ele aí. Então vai ficando. Até uma hora depois que ele recuperar realmente. Aí sim. Ele vai pensar. Tem gente que precisa de mim. Puxa vida. Tem uma pessoa ali. Por mais que não pareça que ela esteja precisando, ela não aparenta que ela precisa de ajuda. Mas quando você para conversar, ela precisa mais de ajuda do que todo mundo. Então é isso que ele vê. Vale a pena sofrer pela vocação. Eu nunca vou ser freira. Mas, por mais que naquele momento você está lutando pela sua vocação. Parece que não vai dar certo. Conheci um padre que ficou um tempão para ser ordenado. Já estou dez anos para ser ordenado e não vou ser mais nada. Depois de uns três anos ele foi ordenado diácono. Ele sofreu. Ele chorou, com certeza. Vários dias. Mas, ele lutou. Eu vou conseguir, eu vou perseverar. Hoje ele já é padre. Um padre maravilhoso. Mas, que vale a pena perseverar. Mas, não só o sacerdotal. O matrimonial, por exemplo. No matrimonial, você tem que lutar para ter a pessoa certa. Você também tem o matrimônio de Deus. Por que não adianta casar na Igreja. Por que depois tem que construir na igreja também a família. Então vale a pena lutar para você conseguir conciliar. Até a melhor opção, assim”.

Entrevista 06

“É uma coisa interessante, assim. Porque de certa forma. Querendo ou não, eu me identifico com algumas coisas. Primeiro porque é mais ou menos o mesmo tempo de vida consagrada que eu tenho e eu acredito que as pessoas que vão passando um certo tempo na comunidade acabam vivendo muito dessas coisas aqui. Eu já me vi assim, algumas vezes, pensando da mesma forma. Eu acredito que ele está nesse momento precisando voltar para aquilo que era o primeiro desejo, a primeira intensão. Essa é uma coisa que me ajuda muito. Quando estou nesse tipo de situação. Quando eu estava lendo aqui, mas principalmente essa parte: senti exausta, acabada, irritada com os outros e frustrada diante da missão. Acho que isso é um sentimento que a gente vive muitas vezes, em diferentes momentos. Mas, uma coisa que ajuda assim é voltar aquele primeiro desejo. Porque eu decidi ser um consagrado. Porque eu decidi ser um missionário. É a única coisa que eu senti que faltava no texto todo. Falava muito das coisas da dificuldade, da falta de apoio, da critica. A culpa e tudo mais. Esse sentimento de ajudar e não se sentir ajudado existe também. Eu acho que nessa questão acontece principalmente quando você é chamado para viver alguma situação de coordenação. Querendo ou não, por você ter esse papel de liderança. Por incrível que pareça, parece que você tem que responder, não só para as outras pessoas, mas por você mesmo. Que você tem condições de exercer essa função. Que você tem que mostrar que você tem condições para exercer essa função. Que você é bom. Isso sempre vai ficar perto da gente. Eu tenho que responder enquanto coordenadora. E isso acaba ficando dentro da gente. Como uma pressão. Eu tenho que responder enquanto coordenadora. E isso acaba gerando esse sentimento de exaustão e também de solidão. Por mais que você divida a função com alguém, ou as responsabilidades. Você acaba se sentindo meio sozinho assim. Eu acho que quando a pessoa acaba entrando mesmo nesse cansaço mais profundo, eu acho que sim. Mas é como se o foco fosse se desfazendo, se esfarelado, quando o verdadeiro objetivo vai se perdendo por causa das atividades. Eu acho que é possível sim. Acredito que você precisa sofrer e se entregar quando você tem com muita clareza dentro de você aquilo que é sua missão e voltar aquilo todas às vezes. Eu não sei como explicar, mas uma coisa que ajuda nesse processo de sofrer pela vocação é você poder encontrar aquelas pessoas que você pode realmente contar. Aquelas que você pode doar seu coração. Essa é uma graça que encontrei na comunidade. Não só dentro da fraternidade, mas algumas

“pessoas que são referência na sua vida. Que você pode dar um telefonema. Aquelas que você pode ser você mesma para poder voltar no eixo. Acho que isso, também, é uma coisa que é imprescindível, para voltar ao primeiro amor.”

Entrevista 07

“O José teve uma experiência forte com Deus, por isso ele teve esse impulso de largar tudo e seguir o caminho que Deus chamou ele. Só que no meio desse caminho ele parou de olhar para aquele que chamou ele. Então ele começou a ver a exaustão das coisas. Porque ele não conseguia enxergar. Ele tirou o seu olhar daquilo que era o centro. Não que ele não tinha vocação. Mas por ele ter tirado o olhar do primeiro chamado que ele teve com Deus, ele começou a se frustrar naquela vida que ele vivia. Não que não seja exaustivo, ou cansativo e a gente também se sente dessa forma. Mas, quando a gente se sente um objetivo e sabe que Deus é nosso centro e sabe que foi ele que nos chamou e nos deu a responsabilidade para cuidar daquelas almas que tanto precisam dele a gente acaba arrumando uma maneira de pensar que isso tudo é muito pequeno perto do que Deus. Para nós os pobres tem que ser um descanso. Quando ele chegar nós podemos colocar nossos sentimentos e depositar aquilo que recebemos de maior”.

Entrevista 08

“Dividido. Talvez tivesse dado muita coisa para evangelização, mas o psicológico ficou abalado, em conflito. Talvez ele tivesse feito isso de maneira dividida. Acho que ele se humanizou. Porque até mesmo quando a gente se encontra com essas realidades, ao encontro das pessoas. Talvez isso o tenha abalado. Não de parar, mas ele deveria ter resolvido isso consigo mesmo. A exaustão acaba acontecendo com as pessoas. Não só na vida consagrada, mas no meio normal, nas cidades, tem essa coisa do estresse do cansaço. São reverses muito difíceis. Mas, eu acho que é normal ter isso: o estresse o cansaço. Porém, no cansaço nem tudo se torna ruim. Pode haver um peso. Mas, vai muito da escolha da pessoa. Quando estou cansada, assim, nem tudo é objeto. Pode vir o sentimento de cansaço. De não querer fazer. Acho que dá para trabalhar com isso. Depende muito do autoconhecimento de cada um. Quando estou cansado posso tender a ver o outro como objeto, mas, nem sempre. O cansaço sempre vai ter. A vocação vai muito além do cansaço. Muitas pessoas tem esse sentimento de frustração, que não vai dar conta. Mas, o chamado vai muito além. Talvez se depare com uma limitação. Isso é muito humano. Não que o cansaço faça ser frustrado, infeliz. Acho que é muito pequeno diante de um chamado muito grande. Vale a pena sofrer pela vocação. Talvez, quando a gente sofre parece que tudo vai se rumo peso. Que não vai dar conta. Depois num olhar mais amplo, vale a pena. Pelos frutos, por ver uma pessoa feliz. Num olhar mais amplo vale a pena”.

Entrevista 09

“Sim. Minha vida dentro da comunidade, também não é uma realidade muito fácil, né. Principalmente no lugar onde a gente mora (favela). Mas também, em outros lugares, né. Já. Já cheguei a me questionar varias vezes, se realmente valeria a pena. Depois, entender que com Deus é como se tudo valesse, né. Por isso, estou feliz, né. Passando esse momento de cansaço, de stress, eu vejo que sou feliz, que eu sou plena naquilo que faço. Então vale a pena (Vale a pena por amor a Deus, né? – sim). Eu tento, por exemplo, por mais que eu estou cansada, mas eu também tenho meus momentos de descanso, né. Então, se eu dou um sentido a isso, isso vai passar. Tem pessoas que acordam muito mais cedo do que eu, que tem uma carga horária muito mais puxada, às vezes, é pai de família, mãe de família. Eu tento dar esse sentido: não sou só eu que tenho problema, não sô só eu que estou cansada, não sô só eu que tenho dificuldade, pensando no filho, trabalhando muito. Então, sempre pensando no outro. Me ajuda a dar um sentido. Apesar do cansaço eu vou conseguir sair, superar”.

Entrevista 10

Agora um pouco menos. Teve um período que eu não conseguia levantar de fato, mesmo... de cansaço ... não conseguia levantar mais. Daí, por um lado, eu me cobrava por não conseguir, mas por outro lado, eu falava assim: ah! não vale a pena isso, né. As vezes eu ficava naquela, um bom tempo assim. Aí entrava várias coisas, questões, né. Você começa a questionar tudo. Você começa a enxergar as coisas e perguntar: vale a pena isso, vale apenas aquilo, pondera isso, pondera aquilo... (E o que te fazia motivar? Está cansada e o que te fazia...). Tinha algumas vezes que nada. Às vezes, não tinha nada que me motivava a fazer isso, mas, é... A única coisa que me vinha: eu tenho que fazer. Não consigo, agora, entender uma motivação, mas eu preciso fazer. Eu pensava muitas vezes assim, ó, é...: se eu tivesse uma família, cinco filhos e tivesse que sustenta-los, o que eu ia fazer? Tinha que levantar, né. Então, muitas vezes eu pensava nesse sentido daquilo que é próprio do ser humano. Porque, às vezes, a gente não está afim, não está com condições, mas você precisa fazer... (Vale a pena sofrer?). Ah... Às vezes, você pensa assim, vale, as vezes, não. Então... Tem muitos altos e baixos. Tinha dia que eu acordava, vale a pena e enfrentava. No outro dia, já falava, vale a pena, vou enfrentar e não ia, né. Então, isso oscilava muito, assim. Dia após dia. Meses e até anos (muito ativismo, também). O trabalho é demais. Então acaba que perde o foco”.